

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

Tássia Mizael Camargo Rocha

Cartografias Afetivas: experimentações com arte-educação-urbana

Juiz de Fora

2024

Tássia Mizael Camargo Rocha



Cartografias Afetivas: experimentações com arte-educação-urbana

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Educação. Área de concentração: “Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas”.

Orientador: Dr/a. Juliana Maddalena Trifilio Dias

Juiz de Fora
2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Rocha, Tássia Mizael Camargo.
Cartografias Afetivas : experimentações com arte-educação-urbana / Tássia Mizael Camargo Rocha. -- 2024.
133 f. : il.

Orientador: Juliana Maddalena Trifilio Dias
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2024.

1. Cartografias Afetivas. 2. Filosofia da Diferença. 3. Periferia. 4. Lugar Geopsíquico. 5. Experiência Urbana. I. Dias, Juliana Maddalena Trifilio, orient. II. Título.

Tássia Mizael Camargo Rocha

Cartografias Afetivas: experimentações com arte-educação-urbana

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: "Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas".

Aprovada em 10 de setembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Juliana Maddalena Trifilio Dias - Orientadora

Universidade Federal de Juiz de Fora

Dra. Sônia Maria Claretto

Universidade Federal de Juiz de Fora

Dra. Giovana Scareli

Universidade Federal de São João del-Rei

Juiz de Fora, 09/08/2024.



Documento assinado eletronicamente por **Juliana Maddalena Trifilio Dias, Professor(a)**, em 10/09/2024, às 16:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sônia Maria Claretto, Professor(a)**, em 11/09/2024, às 09:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Giovana Scareli, Usuário Externo**, em 11/09/2024, às 09:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1912758** e o código CRC **E2DC77DD**.



Dedico este trabalho aos meus pais, à toda a minha família, aos meus amigos e aos que me inspiram e participam da construção desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Márcia e Haroldo, por todo o amor, pelo suporte e o apoio incondicional de sempre, em cada passo da minha caminhada.

À minha família, Ana, Cristina, Ely, Bebeto, Priscilla, Sérgio Henrique, Márcio, Eliane, Yani, Maya, Clarice, Jorge e todos que sempre me acompanham, vibram com minhas conquistas e me apoiam, de perto ou de longe.

À minha orientadora, Juliana Maddalena Trifilio Dias, pela relação construída durante todo este percurso de pesquisa, por cada pa-lavra escutada e lançada, pelos afetos e por todas as trocas que seguirão marcadas em mim.

Às professoras Sônia Clareto, Giovana Scareli e Gisele Girardi, que aceitaram prontamente meu convite para as bancas de qualificação e defesa da dissertação, foram as primeiras leitoras externas deste texto e teceram contribuições importantíssimas para a pesquisa.

Aos professores Tarcísio Pinto e Pablo Fernandez, que aceitaram o convite para suplência nas bancas de qualificação e defesa da dissertação.

À Nicolý Chrispim, pela escuta acolhedora durante grande parte deste percurso e pelo trabalho que construímos nesse tempo.

Ao Anderson Santos, também pela escuta, que é mais recente, mas que, desde então, tem me movido imensamente e foi essencial para a conclusão do percurso de mestrado.

À Laura Marcato, pela amizade especial que criamos a partir do encontro que o mestrado proporcionou e por todos os momentos que passamos nos últimos dois anos, compartilhando as alegrias e angústias da pesquisa e da vida.

A todos os colegas do grupo GhEnTE, por todas as trocas e os aprendizados, pelas poesias e pelo exercício com as palavras durante os últimos dois anos.

Às professoras e professores que marcaram minha passagem pelo PPGE.

A todos os amigos que fiz, durante esta passagem pelo PPGE, nas disciplinas, nos encontros, nos corredores, e que estiveram juntos neste mesmo espaço-tempo.

Ao amigo Luiz Carlos Peterman, por ter me acolhido quando mais precisei em sua (nossa) casa, por me apoiar em todos os momentos desta pesquisa e da vida. E aos amigos Nicolle Bello e Daniel Oliveira, que também estão sempre ao meu lado nesta vida, me inspirando e me escutando falar muito sobre Cartografias Afetivas.

Aos amigos da banda Tata Chama e as Inflamáveis, pela nossa amizade, pela parceria e pelo apoio durante todo este percurso cheio de desvios, e por estarem ao meu lado sempre. À Daniela Zorzal, que além de ser parceira na banda, também está comigo em tudo que faço com as Cartografias Afetivas.

A todos os grandes amigos que tenho hoje por causa da faculdade de Arquitetura e Urbanismo, amigos de longa data que sempre me apoiam, são companheiros de luta e inspiram meus modos de fazer e de pensar as cidades.

Aos outros bons encontros com os quais a vida me presenteou. Sou privilegiada por ter tantas amizades profundas, consistentes e verdadeiras, perto ou longe, que o tempo e a distância não deixam morrer.

À comunidade da Escola Municipal Dante Jaime Brochado, que, desde o início deste trabalho, dá força e apoio para as intervenções, e foi essencial na construção e na história desta pesquisa.

A todos, todas e todes que, direta ou indiretamente, participaram de nossas proposições desde 2019, sem os quais este trabalho não seria possível.

À agência de fomento Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo período de bolsa concedido, sem o qual não seria possível concluir esta pesquisa.

Em vez de novas críticas, é de novas / cartografias / que precisamos. / Cartografias não do Império, mas das linhas / de fuga para fora dele. / Como fazer? Necessitamos de mapas. Não / de mapas do que está fora do mapa. / Mas de mapas de navegação. Mapas marítimos. / Instrumentos de orientação.
Cordel TIQQUN, 2019 - N-1 Edições

RESUMO

Cartografias Afetivas é uma pesquisa-intervenção que está em trânsito pela cidade, por espaços escolares e não-escolares de educação desde 2019, propondo experimentações coletivas em torno das diferentes possibilidades de experiência urbana nas cidades e seus efeitos em cada um de nós. O trabalho começou em relação direta com um território urbano-periférico e um espaço escolar, desde então também tem se ampliado para outros espaços e territórios na cidade. As intervenções ocorrem em movimentos de **escuta, formação e criação**, buscando estimular o pensamento crítico, a criatividade, trazer à tona manifestações populares, periféricas e usar a memória e o pertencimento como instrumentos de resistência, para isso são criados diferentes dispositivos que compõem um *modo de fazer arte-educação-urbana*. Esta dissertação se constrói a partir das seguintes questões de pesquisa: o que podem as *Cartografias Afetivas* enquanto **discurso-prática-ideia-processo**? O que podem as *Cartografias Afetivas* enquanto **metodologia de arte-educação-urbana** que circula por espaços institucionais e não-institucionais? O que podem as *Cartografias Afetivas* enquanto **máquina de pensar-fazer-dizer** em trânsito na cidade, na periferia, nas escolas, nas ruas, na academia, etc? A narrativa emerge em busca de composições para a construção prática-ética-estética-conceitual desta pesquisa-intervenção, que é ao mesmo tempo *metodologia, máquina revolucionária, discurso, prática, ideia e processo*. Para isso, faço composições transdisciplinares com o pensamento de autores de diferentes épocas, como Paola Berenstein Jacques, Antônio Bispo dos Santos, Suely Rolnik, Juliana Dias, Ailton Krenak, Anderson Santos, Jorge Larrosa, Félix Guattari, Gilles Deleuze e tantos outros; com os saberes e culturas populares, com diferentes artistas, além de nossa própria multiplicidade subjetiva.

Palavras-chave: Cartografias Afetivas. Filosofia da Diferença. Periferia. Lugar Geopsíquico. Experiência Urbana.

RESUMEN

Cartografías Afectivas es una investigación-intervención que ha estado en tránsito por la ciudad, en espacios educativos y no educativos, desde 2019, proponiendo experimentaciones colectivas en torno a las diferentes posibilidades de experiencia urbana en las ciudades y sus efectos en cada uno de nosotros. El trabajo comenzó en relación directa con un territorio urbano-periférico y un espacio escolar, y desde entonces se ha ampliado a otros espacios y territorios de la ciudad. Las intervenciones se llevan a cabo mediante movimientos de **escucha, formación y creación**, buscando estimular el pensamiento crítico, la creatividad, dar voz a las manifestaciones populares y periféricas, y utilizar la memoria y el sentido de pertenencia como instrumentos de resistencia. Para ello, se crean diferentes dispositivos que componen una forma de hacer **arte-educación-urbana**. Esta disertación se construye a partir de las siguientes preguntas de investigación: ¿qué pueden las *Cartografías Afectivas* como **discurso-práctica-idea-proceso**? ¿Qué pueden las *Cartografías Afectivas* como **metodología de arte-educación-urbana** que circula por espacios institucionales y no institucionales? ¿Qué pueden las *Cartografías Afectivas* como **máquina de pensar-hacer-decir** en tránsito por la ciudad, la periferia, las escuelas, las calles, la academia, etc.? La narrativa emerge en busca de composiciones para la construcción práctica-ética-estética-conceptual de esta investigación-intervención, que es, al mismo tiempo, metodología, máquina revolucionaria, discurso, práctica, idea y proceso. Para ello, realizo composiciones transdisciplinares con el pensamiento de autores de diferentes épocas, como Paola Berenstein Jacques, Antônio Bispo dos Santos, Suely Rolnik, Juliana Dias, Ailton Krenak, Anderson Santos, Jorge Larrosa, Félix Guattari, Gilles Deleuze, entre otros; con los saberes y culturas populares, con diferentes artistas, además de nuestra propia multiplicidad subjetiva.

Palabras clave: Cartografías Afectivas. Filosofía de la diferencia. Periferia. Lugar Geopsíquico. Experiencia Urbana.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FAU	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
EAU	Escola de Arquitetura e Urbanismo
UFF	Universidade Federal Fluminense
NEPHU	Núcleo de Estudos e Projetos Habitacionais e Urbanos
+maisJF	Movimento Popular Urbanista +maisJF
EMCASA	Companhia Municipal de Habitação e Inclusão Produtiva
UFBA	Universidade Federal da Bahia
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FACED	Faculdade de Educação
UNIPAC	Centro Universitário Antônio Carlos
Sesuc	Secretaria de Segurança Urbana e Cidadania
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
GhEnTE	Geografia Humanista-Ensino-Teoria-Experiência
AEIS	Área de Especial Interesse Social
CAPES	Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

SUMÁRIO

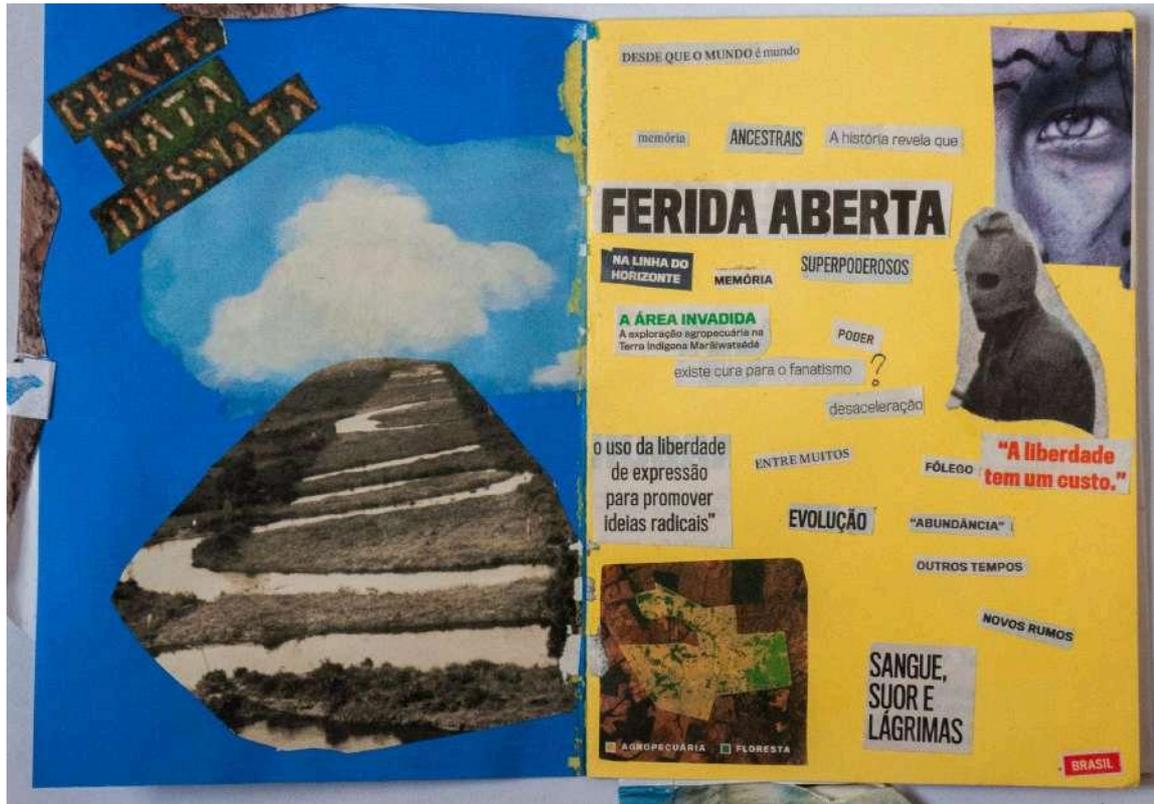
1	CARTA ABERTA	13
2	{modos de pensar}	18
2.1	{vários tempos e(m) um lugar(?)/ periferia }.....	18
2.2	{2019-2022/ circuito n° 1 }	36
2.3	{ palavrar/ entre cartografias e afetos}	60
3	-modos de fazer-.....	71
3.1	-experimental/ arte-educação-urbana-	71
4	[modos de dizer].....	93
4.1	[cartas para o meu lugar].....	93
4.2	[tipologias errantes].....	116
4.3	[fragmentos].....	117
5	Para continuar pensando-fazendo-dizendo.....	118
	REFERÊNCIAS	125

1 | CARTA ABERTA



1

¹ Colagem criada para a disciplina "TÓPICOS ESPECIAIS EM DPISPE: EXPERIMENTAÇÃO E CORPO E EDUCAÇÃO" (2022) - PPGE UFJF



2



3

²Colagem criada para a disciplina "TÓPICOS ESPECIAIS EM DPISPE: EXPERIMENTAÇÃO E CORPO E EDUCAÇÃO" (2022) - PPGE UFJF

³ Idem.

Este texto é experimentação, uma forma de mapear e pensar o percurso da pesquisa *Cartografias Afetivas* enquanto um conjunto de proposições que atravessam e são atravessadas, ao mesmo tempo, por minha experiência e por outras histórias, sujeitos e lugares. É um mapa afetivo cujas legendas são marcas que se inscreveram em mim pelo caminho, em vivências coletivas e que estão inscritas neste trabalho em sua construção prática-ética-estética-conceitual.

Minha relação com *um lugar* permeia os capítulos, um território periférico que se constituiu como um lugar em minha vida, e essa íntima relação foi aos poucos transformando meus modos de pensar, fazer e dizer cidades, com a cidade e na cidade. Este texto também pode ser pensado como um tipo de escrevivência, na qual a relação com as pessoas e as vivências coletivas com outros corpos periféricos está presente e marca cada movimento de criação.

O termo escrevivência foi criado e tem sido trabalhado pela linguista e escritora brasileira Conceição Evaristo como uma ferramenta de luta pela palavra, pela escrita da experiência vivida, como um modo de afirmação da existência e da identidade de culturas marginalizadas, racializadas e historicamente silenciadas, especialmente, de mulheres negras na criação literária da autora, que desenvolve sua obra tendo como base os mitos afro brasileiros.

Essa ideia é uma inspiração para introduzir o trabalho, primeiro pela possibilidade de pensar um modo singular de experimentar um exercício textual como a autora faz, permeado por experiências pessoais e coletivas vividas com outros corpos negros e periféricos. Também inspira, porque considero esta pesquisa e seus desdobramentos ferramentas de luta coletiva em um contexto periférico, marginalizado, racializado e historicamente silenciado. Aqui o texto não é literário, assim como nosso recorte territorial, social, racial, temporal e lugar de fala também são diferentes dos da autora. Entretanto, trata-se de uma tentativa de criar uma escrita singular a partir daquilo que vivi com meu povo, com outros corpos-periféricos, para que o texto também possa ser uma forma de inscrever essas experiências no mundo.

Nesse sentido, vale ressaltar que a experiência pessoal é compreendida como algo imanente ao trabalho, como parte da narrativa. Ela não aparece aqui com o intuito de investigar a origem de um pensamento, mas de compreender

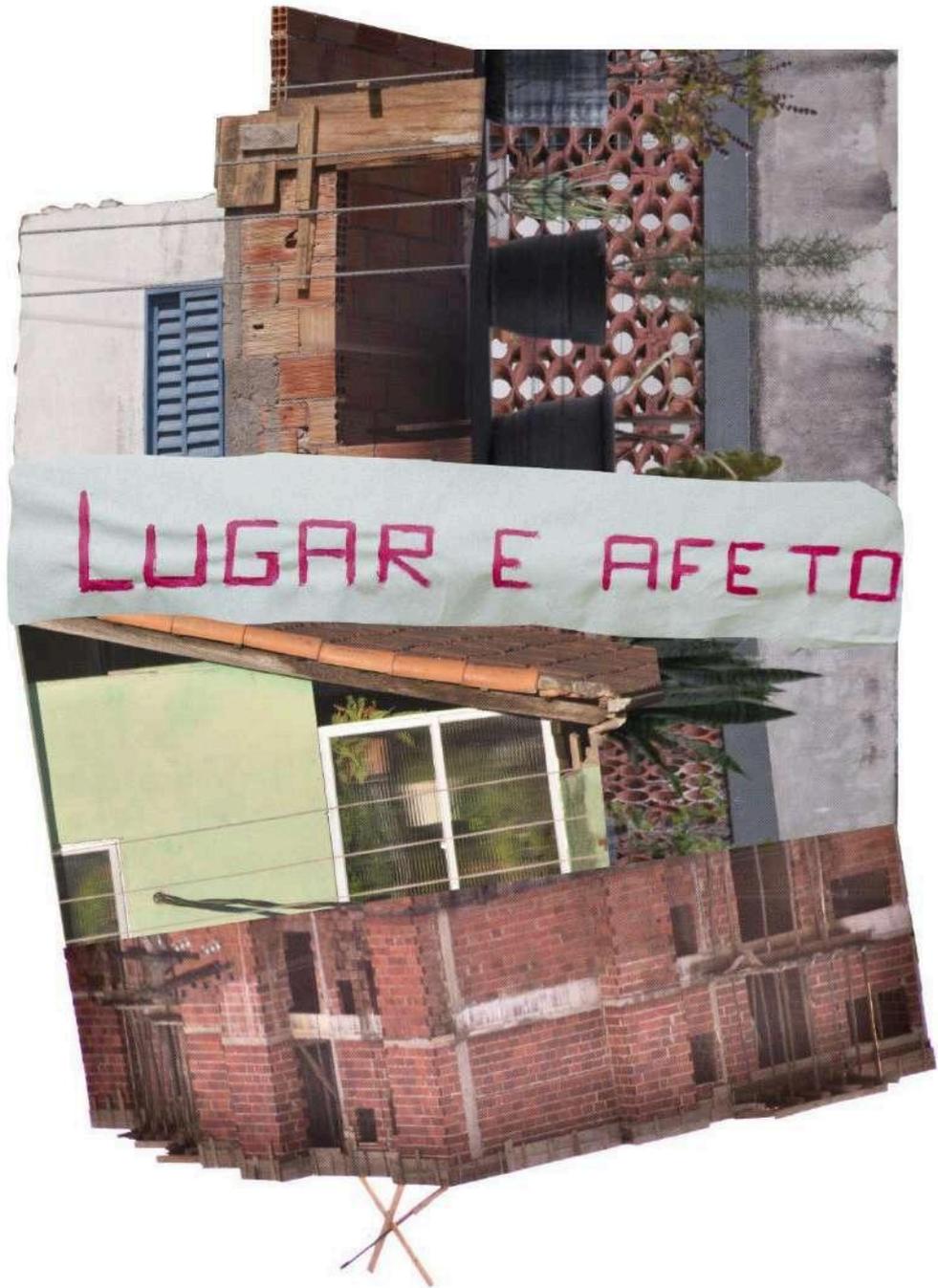
que o percurso é o próprio trabalho, um trabalho-caminho que se fez enquanto eu caminhava (e que segue aqui-agora mesmo se fazendo).

Entre diferentes processos de significação, um lugar de repente se transfigurou, se multiplicou em mim e se tornou muitos outros: a periferia. Mapear este caminho talvez seja um encontro com meu *devir-cartógrafa*, pois embora “Cartografias Afetivas” exista desde 2019, foi preciso um intervalo até que eu pudesse descobrir a que tipo de cartografia e a que afetos queria me referir quando resolvi nomear o conjunto de ideias que permeavam meus pensamentos em um dado momento.

Hoje, depois de cinco anos trabalhando neste projeto-pesquisa, é possível afirmar que “Cartografias Afetivas” é uma micropolítica de subjetivação em trânsito por diferentes territórios urbano-rurais, territórios escolares e não escolares, de educação. Através de proposições que tenho nomeado como um tipo de arte-educação-urbana, é possível mapear paisagens psicossociais⁴, suscitar reflexões sobre a experiência do corpo na cidade e produzir transformações materiais e imateriais, por meio de ações individuais e/ou coletivas de escuta, formação e criação, elaboradas de acordo com cada contexto urbano-social.

Com base nessas proposições coletivas, como *arquiteta-urbana-artista-cartógrafa*, busco criar novos sentidos para esses mapas geográficos, afetivos e criativos, por meio de diferentes linguagens artísticas e tipos de intervenção, a fim de construir paisagens urbanas, psicossociais e realidades outras nos territórios, incluindo, a partir do mestrado, territórios acadêmicos. Construir/pensar esta pesquisa em forma de dissertação, por meio de palavras corridas é um desafio diferente, que, entretanto, considero um exercício, uma experimentação, assim como cada passo que é dado neste percurso. Dito isso, vamos às *Cartografias Afetivas*!

⁴ Termo utilizado em referência à filósofa, escritora e psicanalista Suely Rolnik (2016) em seu livro “Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo”. Psicossocial: “adjetivo de dois gêneros 1. que envolve conjuntamente aspectos psicológicos e sociais | 3. que estuda as relações sociais à luz da saúde mental. ETIM psic(o)- + social.” Significado a partir de pesquisa direta no dicionário de português da Google, facilitado pela Oxford languages.



2 | {modos de pensar}

2.1 | {vários tempos (e)m um lugar?/ **periferia**}

Existe um enlace dos lugares significativos na vida de cada um.⁶

Juliana M. T. Dias



7

Essa foto foi feita no terraço da minha casa durante a pandemia, quando o isolamento social transformou a relação que tinha com esse espaço. Parece que só ali era possível respirar para além das alvenarias naquele momento, observar e vislumbrar outros horizontes porvir. O registro também marca o período das primeiras produções visuais desta pesquisa. Por isso, trago os tijolinhos em primeiro plano, com suas várias frestas, para a paisagem que cerca minha casa, abrindo caminhos neste texto para que eu possa falar da relação que construí com o bairro em que vivo há vinte anos: o Santo Antônio. Esse território periférico localizado na zona sudeste de Juiz de Fora-MG me acolheu desde o início da adolescência, é onde me tornei um **corpo-de/na-periferia**, hoje a(s)

⁶“Lugar Geopsíquico: onde a Psicanálise e a Geografia se encontram” (2022, p.200)

⁷Fotografia | Acervo Cartografias Afetivas, 2020.

periferia(s) são parte da minha história, estão nos meus sonhos, são construções subjetivas, éticas e profissionais.

Mudei-me com onze anos de idade para esse bairro, saindo da zona sul para a zona sudeste da cidade. Dois territórios fisicamente próximos e, ao mesmo tempo, completamente distintos em relação às suas arquiteturas, geografias, e também em relação às questões urbanas e sociais que os atravessam. Enquanto me inscrevia na cidade, ela também se inscrevia em mim. Ao longo do tempo, comecei a sentir os efeitos dessa transição de territórios e os afetos produzidos a partir do encontro com a periferia, esses que me movem desde então são disparadores na construção desta pesquisa.

Com dezoito anos, em 2010, ingressei na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (FAU-UFJF), o que me levou a experimentar a cidade de outras formas. Nos longos caminhos diários entre aulas e estágios, comecei a sentir, em meu próprio corpo, as tensões na produção do espaço e nas dinâmicas urbanas da cidade. Ainda que tivesse diversos privilégios enquanto mulher branca, universitária, não-nascida na periferia, me tornei um **corpo-de/na-periferia** ao mesmo tempo em que me formava arquiteta e urbanista. Assim, meus desejos, perspectivas e interesses profissionais também iam se deslocando, mudando de escala, proporção e paisagem.

Entre 2013-2014, tive a oportunidade de fazer uma mobilidade acadêmica na Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (EAU-UFF), em Niterói, e fui muito motivada por um interesse que transitava **da arquitetura para o urbanismo**. A decisão de estudar na EAU-UFF se deu pelo caráter do curso, que abordava os temas do urbanismo de uma forma bem mais ampla do que na UFJF. Cursei várias disciplinas de projeto, planejamento urbano e regional, habitação, além de ter trabalhado em um escritório de arquitetura e ter sido bolsista de extensão durante sete meses no Núcleo de Estudos e Projetos Habitacionais e Urbanos (NEPHU-UFF), onde pude trabalhar em algumas etapas na construção do “Projeto Popular de Mama África”⁸, realizando visitas de campo, análise de dados e desenhos arquitetônicos.

⁸Projeto arquitetônico habitacional multifamiliar elaborado coletivamente em parceria entre o NEPHU, os moradores da Ocupação Sócio-Cultural Mama Africa, na cidade de Niterói-RJ.

Interessante pontuar que esse era o mesmo período das manifestações de 2013 e dos megaeventos no Rio de Janeiro. Fui afetada por experiências que vivi de corpo presente, acompanhando de perto as violências e tensões por parte da polícia, com o aval do Estado, contra as comunidades nas quais o NEPHU trabalhava. Por um lado, o encontro com estas realidades urbanas violentadas diminuía minha potência de existir e se transformava em afetos tristes; por outro lado, essa potência também aumentava e produzia afetos alegres quando conhecia outras formas de organização comunitárias e políticas, diferentes de tudo que havia visto e vivido até então, no Santo Antônio.

Em composição com a teoria dos afetos do filósofo Baruch Espinoza, é possível dizer que esses se produzem nos movimentos de encontro entre os corpos (afecções) e contêm, ao mesmo tempo, realidades físicas e psicológicas. Uma afecção é o que se passa, é *como um raio / realidade / imutável*, algo que nos acontece instantaneamente no encontro com outros corpos e que opera variações em cada um de nós. O afeto é como reagimos a isso que se passa, é a nossa capacidade de existir em variação. As afecções podem aumentar ou diminuir essa potência, podendo disparar em nós afetos alegres e/ou tristes, como ódio, medo, alegria, amor, ressentimento, coragem, ira e tantos outros possíveis.

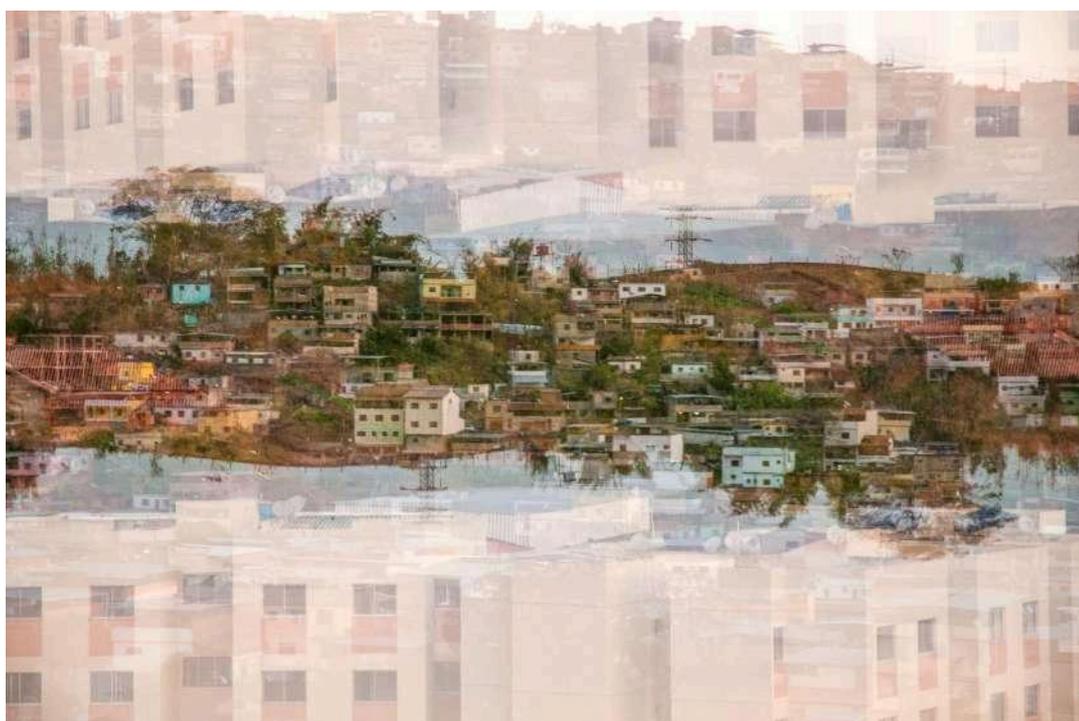
O afeto, que se diz *pathema* [paixão] do ânimo, é uma ideia confusa, pela qual a mente afirma a força de existir, maior ou menor do que antes, de seu corpo ou de uma parte dele, ideia pela qual, se presente, a própria mente é determinada a pensar uma coisa em vez de outra (Spinoza, 2008 , p.77).

As afecções são o corpo sendo afetado pelo mundo. O que pode um corpo? Pode afetar e ser afetado! As afecções são este encontro pontual de um corpo com outro. Somos corpos que se relacionam com outros corpos; quando sofremos suas afecções, quando somos afetados pelos outros corpos, sofremos uma alteração, uma passagem, nossa potência aumenta ou diminui. Destas afecções ocorrem os afetos, uma experiência vivida; é uma transição (Trindade, 2016, recurso online).

Fui marcada por diversos afetos no encontro com esses outros territórios, que assim como o meu bairro eram periféricos, ainda que sofressem por questões diferentes. Pude viver outras experiências de urbano, de cidade, de favelas, centros, o que ampliou minha experiência de mundo. Em muitos

momentos, buscava identificação em paisagens, arquiteturas, topografias e na relação com as pessoas. Procurava algo que remetesse ao meu lugar, mas, na verdade, a experiência ficou marcada sobretudo pela **diferença**, descobri variações nas escalas, geografias, ritmos, dinâmicas sociais, além de situações de vulnerabilidade e violência que eu jamais havia presenciado sendo um corpo-de-periferia de Juiz de Fora, do Santo Antônio.

Tinha o desejo de estudar urbanismo, mas não imaginava como essas experiências me afetariam e trariam um olhar mais sensível para atuar sobre o contexto social de outros territórios. Voltei de Niterói para Juiz de Fora e, desde então, a **periferia** se inscreveu de vez em mim, se tornou presença constante em meu vocabulário e hoje é uma *palavra-lugar* vital no dicionário ético-criativo das *Cartografias Afetivas*.



9

periferia/ *substantivo feminino*

1. BRASIL. numa cidade, região afastada do centro urbano e que geralmente abriga população de baixa renda.
2. GEOMETRIA. linha que delimita uma superfície; circunferência. "p. de um círculo"
- 3.

⁹Fotografia com tripla exposição | Acervo Cartografias Afetivas, 2022.

GEOMETRIA superfície de um sólido.

4.

linha imaginária que delimita qualquer corpo ou qualquer superfície.

5.

FIGURADO. condição do que se acha próximo; contiguidade, vizinhança. "não sabia resolver nada, ficava na p. dos problemas"

6.

conjunto dos países pouco desenvolvidos em relação às grandes potências, estas consideradas como centro de um sistema socioeconômico mundial.

7.

MORFOLOGIA BOTÂNICA. **extremidade marginal** da lâmina foliar.

Origem ◊ ETIM(1631-c1674) grego *periphéreia,as* 'circunferência', pelo latim *peripheria,ae* 'id.'¹⁰

Primeiro, vamos pensar brevemente em **periferia** com base em seus usos no senso comum ou por seus sentidos dicionarizados, como nesse esquema que encontramos ao procurar pela palavra no google. Apenas um ponto de partida para que possam refletir comigo: qual é a primeira coisa que pensa ao ouvir periferia? Já parou para pensar nessa palavra? Você costuma usar essa palavra? O que significa periferia para você? Você tem ou já teve alguma relação com territórios periféricos? Já viveu alguma experiência com ou na periferia? Periferia é um lugar para você?

Não sei como cada um responderia às provocações, mas não tenho dúvidas de que, se pudesse escutá-los, conheceria diferentes histórias, relações e significados advindos da experiência de cada um, e poderia descobrir múltiplas periferias em suas narrativas. Do início do texto até aqui, consigo mapear e trazer à consciência algumas palavras que usei, como **Bairro/Casa/Santo Antônio/Lugar/Niterói/Urbanismo/Comunidade/Diferença**. São palavras que emergem das experiências de minha vida e aparecem no texto enquanto exercício de elaboração, são apenas alguns dos significantes que me constituem e se condensam quando falo ou penso em **periferia**. Que palavras você poderia escrever assim, encadeadas, se fizesse o mesmo exercício?

¹⁰Modelo importado da pesquisa direta no dicionário de português do Google, que é facilitado pela Oxford languages, editora mundial de dicionários que utiliza a abordagem empírica da lexicografia descritiva na construção de seu acervo.

No livro “Lugar Geopsíquico: onde a geografia e a psicanálise se encontram (2022)”, minha orientadora neste percurso de mestrado, a professora e geógrafa Juliana Dias, reflete em composição com a psicanálise sobre a forma como os lugares se constituem e podem emergir para cada um de nós, se encadeando em nossas narrativas por meio das palavras e dos múltiplos significados que podemos produzir para elas. Juliana apresenta o conceito de *lugar geopsíquico*, inaugurado em sua tese¹¹, como uma leitura de lugar “voltada para o que acontece no mundo externo, no mundo interno do sujeito e nas relações que se dooram entre externo e interno (Dias, 2022, p.157)”.

Nesta perspectiva, os lugares não existem *a priori*, mas [só] existem [de formas diferentes] para cada um se nós, pois “o laço entre pessoas e lugares geopsíquicos é atravessado pela palavra (Dias, 2022, p. 200)”, de acordo com vivências, memórias, afetos, marcas e relações que estabelecemos na vida. Os lugares geopsíquicos se constituem e são vividos “na dobra topológica entre o mundo interno e o mundo externo, com as dinâmicas terrestres e as dinâmicas psíquicas (Dias, 2019, p.165)” de cada um.

PERIFERIA se tornou **lugar geopsíquico** em minha vida e um significante nas *Cartografias Afetivas*. É uma palavra que evoca outros lugares em meu dizer, capaz de condensar, sobrepor, deslocar sentidos em cada experiência vivida. Um lugar geopsíquico constituído com o tempo, atravessado pela minha relação com diversas pessoas, na dobra topológica entre meu mundo interno e externo (Dias, 2022). Este lugar geopsíquico reverbera na pesquisa por meio de uma posição *prática-estética-conceitual* que tem como disparadores corpos, paisagens e territórios periféricos nos exercícios individuais e coletivos de pensar, dizer e fazer cidades. Independentemente do contexto urbano-social em que esteja inserida ou mesmo das *saídas e pontes de linguagem* que **invento / para / atravessar**, é uma **ética periférica** que orienta os movimentos de pesquisa-intervenção.

Quando voltei da mobilidade acadêmica, passei a integrar o “+maisJF - Movimento Popular Urbanista”, que emergiu com as manifestações de 2013 e atuou ativamente em Juiz de Fora entre 2013-2016, promovendo ocupações

¹¹“Lugar geopsíquico: contribuições da Psicanálise para uma epistemologia da Geografia” (2019). Tese- Doutorado em Geografia.

urbanas e outras ações relacionadas à luta pela moradia, políticas urbanas, direito à cidade e participação popular. O “Ateliê Prático +maisJF” (2016-2018) foi um desdobramento do movimento e dos encontros que ele promoveu. Durante esse tempo, criamos um escritório e cuidamos juntos de um espaço físico, onde desenvolvemos projetos de arquitetura, soluções para ampliação do acesso aos serviços de arquitetura¹² e projetos sociais, em parceria com a Companhia Municipal de Habitação e Inclusão Produtiva (EMCASA) da cidade, em dois condomínios periféricos do Minha Casa Minha Vida¹³.

Em 2017, pude escolher um objeto de estudos para meu trabalho final de graduação e já havia consolidado a ideia de trabalhar com o meu bairro. Nomeei a primeira parte (teórica), como “Insurgências na prática: em busca de um urbanismo mais humano”, onde uma das principais questões de pesquisa era algo como: é possível atuar como urbanista nas periferias, em Juiz de Fora, por um viés não tecnicista? De que forma? Com *-não tecnicista-* me referia a um viés de atuação que não dependesse da execução de técnicas e procedimentos formais do planejamento urbano como dispositivo controlado pelo Estado.

Durante essa escrita, aconteceu meu primeiro encontro com o livro “Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica” (2011), de Paola Jacques Berenstein, urbanista, arquiteta e professora na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Ainda não tinha lido nada que fizesse tanto sentido para o meu desejo de descobrir outras formas de estar nas periferias. A autora faz uma leitura conceitual e geofilosófica das periferias em diferentes escalas, tendo as favelas cariocas como estudo de caso, são elas: *fragmento* (escala “do corpo físico à arquitetura”), *labirinto* (escala “da arquitetura ao urbano”) e *rizoma* (escala “do urbano ao território”). Nesta passagem a autora destaca questões importantes sobre as diferenças e singularidades destes territórios:

Além de fazerem parte do nosso patrimônio cultural e artístico, as favelas vão se formando mediante um processo arquitetônico e urbanístico, vernáculo singular, que não somente difere do dispositivo projetual tradicional da arquitetura e do urbanismo

¹²Arquitetos de Bolso - site: <https://arquitetosdebolso.wixsite.com/site>

¹³Condomínios Parque das Águas I e II. As intervenções contaram com oficinas de mapeamento afetivo e mutirões para reforma e plantação de mudas no espaço coletivo de um destes condomínios.

eruditos -seria mesmo seu oposto-, mas também se investe de uma estética própria, com características peculiares, completamente diferente da estética da cidade dita formal (Jacques, 2011, p. 17).

No epílogo do livro, são destacados alguns conceitos e possibilidades epistemológicas que foram moventes quando li pela primeira vez, e seguem presentes até hoje como referência no dicionário das *Cartografias Afetivas*. Primeiro os **espaços-movimento**, um modo de nomear **casos-limite** presentes na cidade, como as favelas cariocas, mas também outras periferias urbanas, comunidades que historicamente foram negligenciadas em relação às questões urbanas, políticas e sociais, sobretudo em suas dimensões culturais e estéticas. Os termos são criados para dizer sobre o enlace entre as características fragmentárias, labirínticas e rizomáticas desses territórios, que estão “em transformações contínuas, em eternos deslocamentos, em suma, espaços em fuga (Jacques, 2011, p.153).”

O espaço-movimento é diretamente ligado a seus atores (sujeitos da ação) que são tanto aqueles que percorrem esses espaços quanto aqueles que o constroem e o transformam continuamente. No caso das favelas, os dois atores podem estar reunidos em um só: o morador, que geralmente também é o construtor do seu próprio espaço. A própria ideia do espaço-movimento impõe a noção da ação, ou melhor, da participação (Jacques, 2011, p.153/154).

Os espaços-movimento se constituem sob uma lógica diferente da cidade dita formal, com a participação ativa dos moradores na produção do espaço, por isso também é necessário um outro tipo de profissional, que esteja preparado para lidar com todo o *não-saber* contido nestes *casos-limite*. Um tipo de profissional que escuta e propõe, suscita estados de invenção e catalisa o desejo dos habitantes, trabalhando partir dos fluxos que já ocorrem nos próprios territórios, que a autora chama de **arquiteto-urbano**:

O arquiteto-urbano seria aquele que passaria a intervir nas diferentes urbanidades extremas já existentes, nessas novas situações urbanas já construídas com identidade própria, ou seja, aquele que se ocuparia dos espaços-movimento. Seu papel seria o de organizar os fluxos. Da mesma forma que o papel dos artistas, para Oiticica, é “suscitar no participante, que é o ex-pectador, estados de invenção”, o arquiteto urbano seria o suscitador, o

tradutor e o catalisador do desejo dos habitantes (Jacques, 2011, p.155).

[...] essa outra forma de intervenção - também fragmentária, labiríntica e rizomática - pode e deve ser útil até mesmo para se atuar na própria cidade dita formal, principalmente nas áreas de contato (que na verdade são muros psicológicos que precisam ser derrubados) com seus casos-limite, e a favela é só um deles. Aí, os métodos tradicionais da arquitetura e do urbanismo há muito tempo já não funcionam mais (Jacques, 2011, p.157).

Considero essa uma das mais importantes aberturas conceituais no campo da arquitetura e do urbanismo das últimas décadas, sobretudo, porque “nós, arquitetos e urbanistas, não somos formados para trabalhar em favelas e, na maioria das vezes desconhecemos a arquitetura dessas comunidades (Jacques, 2011, p.17)”. Podemos usar a mesma lógica para pensar em outras áreas de atuação que não conhecem a realidade destas comunidades, não são formadas para trabalhar em favelas ou em situações periféricas. A proposição ética do arquiteto-urbano também pode se estender para outros profissionais, pois a “outra maneira de fazer dos não arquitetos, de inventar sua própria cidade, pode sugerir uma nova maneira de fabricar a cidade de amanhã (Jacques, 2011, p.157)”, o que também pode ser do interesse de professores, artistas, arquitetos, psicólogos, psicanalistas, da população, de todos nós, de qualquer pessoa que esteja interessada em pensar e criar novas formas de fabricar as *cidades de amanhã*.

Tendo esta ética do *arquiteto-urbano* como principal referência, segui para a segunda etapa do trabalho final, cuja proposta era fazer um projeto de requalificação urbana para uma das microrregiões mais vulneráveis do bairro, o “Alto Santo Antônio”. Nos limites de um trabalho universitário, que necessariamente precisava acontecer em um semestre letivo e seguir procedimentos acadêmicos, consegui algumas aberturas em diálogo com meu orientador Douglas Montes¹⁴, para experimentar práticas “em busca de um urbanismo mais humano” no processo de projeto. Assim, escolhi desenvolver algumas atividades coletivas durante a fase de análise urbana, o público-alvo foi

¹⁴Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (UFF) e Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

uma turma de alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da E.M. Dante Jaime Brochado.

Considerando a escala, a localização e algumas características do bairro Santo Antônio, estima-se que, hoje, ele deve ter aproximadamente 10 mil moradores distribuídos em uma densa ocupação, apesar de sua extensão territorial ser bastante ampla. Nesse bairro, as escolas desenvolvem um papel central na dinâmica social e na vida da comunidade local.

Entre os principais equipamentos urbanos está a E.M. Dante Jaime Brochado, que é uma das mais antigas da região e sempre abre espaços para encontros de toda espécie, além daqueles promovidos pela própria escola, como: iniciativas comunitárias, eventos culturais, rodas de conversa, oficinas, etc. Não estudei nessa escola, mas, como vivente daquele lugar, percebia sua importância não só para a comunidade escolar, mas para todos os moradores do bairro. Por isso, quando pensei em realizar ações coletivas, procurei a escola, que prontamente acolheu a ideia da **“Oficina Mural dos Sonhos”**.

Pela primeira vez pude analisar-pensar-criar-sonhar coletivamente com as pessoas do meu bairro, além de ser o primeiro encontro com a **escola** e com a **educação** como lugares possíveis para um tipo de prática não-tecnicista, para produzir um tipo de educação urbana que considera o sonho, que torna possível a experiência. Desta forma, começava a transitar entre **o social e o humano**, já estava cartografando afetos sem saber que o fazia. A oficina se dividiu em três encontros com aproximadamente 40 pessoas. Aproveitando o fim do ano, organizamos ainda um evento artístico-cultural para o encerramento das atividades com poesia, apresentação musical e batalha de hip-hop.

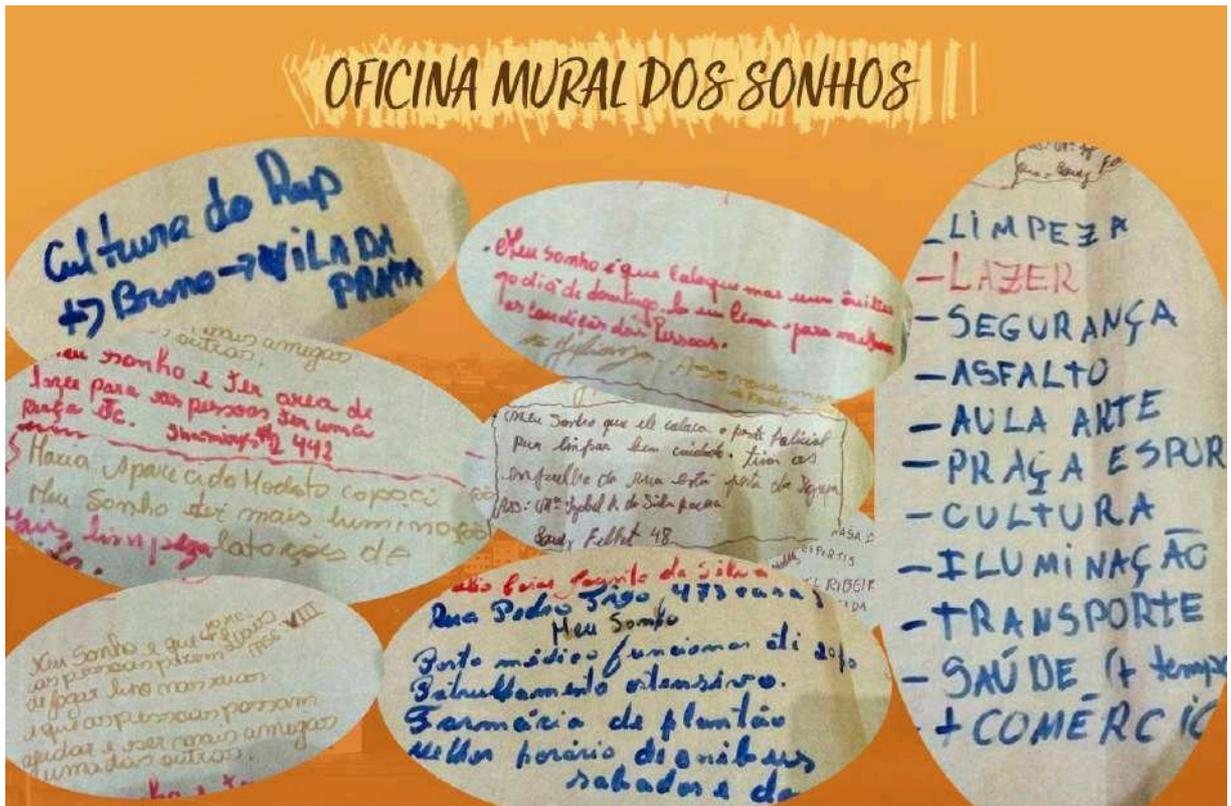
Das práticas em sala de aula: no primeiro dia, fizemos uma rodada de apresentações e conversa sobre o trabalho; no segundo dia, uma aula expositiva sobre direito à cidade e direito à habitação, na qual apresentei os principais instrumentos urbanísticos vigentes em Juiz de Fora; no terceiro dia, realizamos um exercício coletivo de mapeamento afetivo a partir de um mapa ampliado do bairro, onde cada aluno marcava sua residência, outros espaços de usos importantes no dia a dia; por fim, também pedi que deixassem por escrito seus sonhos para o futuro da comunidade. Nessa dinâmica, algumas palavras se

repetiram, como **limpeza, lazer, segurança, arte, cultura, transporte e saúde**. Fiquei surpresa, na época, ao perceber que a palavra “sonho” para aquela coletividade suscitava palavras que, na teoria, deveriam ser realidade para todos nós. Abaixo, alguns registros desses encontros realizados em 2017:



15

¹⁵Colagem | Acervo pessoal, 2017 | Fragmento da apresentação do meu Trabalho Final de Graduação: “Insurgências na prática: em busca de um urbanismo mais humano + Projeto de requalificação urbana para o Alto Santo Antônio (2017)”.



16

“Meu sonho é que coloque mais um ônibus no dia de domingo. Lá em cima. Para melhorar as condições das pessoas” Juliana (aluna do EJA em 2017, moradora do Alto Santo Antônio)

Foi importante ter pedido que os alunos incluíssem seus endereços não só pelo exercício de mapeamento, mas também porque, agora, quando não faço a menor ideia das feições dessa aluna e de sua faixa-etária, consigo me aproximar dela através de suas palavras e sentir identificação com sua questão por viver no mesmo bairro. Hoje, olhando novamente para esses registros, outras questões emergem, por exemplo, a partir dessa frase da aluna Juliana, que era (ou ainda é) moradora do Alto Santo Antônio.

Seu sonho era que colocassem mais um ônibus no dia de domingo “lá em cima”. Ao reler a frase, constatei que, infelizmente, seu sonho não se tornou realidade. Além disso, recentemente, extinguíram a única linha de ônibus que atendia especificamente essa região do bairro: o trajeto foi delegado para outra

¹⁶Colagem | Acervo pessoal - Fragmento da apresentação do meu Trabalho Final de Graduação: “Insurgências na prática: em busca de um urbanismo mais humano + Projeto de requalificação urbana para o Alto Santo Antônio (2017)”.

linha, sobrecarregando-a, o que ocasiona ônibus mais cheios, com menos horários, com mais dificuldades de acesso, etc. Ouvir aqueles sonhos-necessidades me causou estranhamento, mas hoje percebo que era um conjunto de palavras *“para melhorar as condições das pessoas”* e fico com algumas questões: é possível, na experiência urbana-periférica, sonhar com realidades outras? Seria possível, a partir daqueles sonhos, produzir uma realidade outra?

“Sonho é caminho -> via de regra que leva ao desejo -> “quanto a gente produz no sonho?”¹⁷

O livro *“O desejo dos outros: Uma etnografia dos sonhos yanomami”* (2022), da cientista social e antropóloga Hanna Limulja me colocou a pensar novamente sobre o estranhamento que senti ao ouvir as palavras que emergiram do discurso dos alunos na oficina. A autora cita Davi Kopenawa em uma importante colocação:

Kopenawa reafirma inúmeras vezes: os brancos não sabem sonhar, por isso não conseguem ver as coisas como elas realmente são (Limulja, 2022, p.176).

A partir de sua experiência de escuta dos Yanomami, Hanna nos ensina em seu livro que os sonhos são uma forma de resistência e que o material onírico tem um papel fundamental na cultura yanomami. Para eles, sonho e realidade são imanentes, cada sonho tem sua função e, a partir de processos de escuta e partilha diária deste material, podem forjar sua própria realidade. Assim, eles vão aperfeiçoando, aprimorando e educando, transformando, transfigurando, lapidando o real e criando novos mundos para si. No prefácio do livro, Renato Sztutman pontua que *“é por sonhar que os Yanomami resistem, insistem em existir num planeta marcado pelo signo da destruição, do desalento, do *xawara* (Limulja, 2022, p.16)”. Quanto será que podemos aprender com os Yanomami para transformar os nossos sonhos? Para fabricar as cidades do amanhã? Para sonhar*

¹⁷Fragmento de notas feitas em meu caderno durante as aulas da disciplina *“A negação”*, cursada em 2023/1 no Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica - UFRJ.

além das necessidades impostas pelo regime colonial-racial-patriarcal-capitalista¹⁸?

Ao fazer dos sonhos parte constituinte de seu pensamento, os Yanomami ampliaram e moldaram sua forma de conhecer o mundo. Assim, em um mundo onde tudo pode ser sonhado, nada é novo, ou melhor, o novo é sempre percebido como parte de algo que já foi visto em sonho e que, portanto, já é conhecido de antemão. [...] O sonho é uma das portas de entrada de tudo que é desconhecido, que então passa a ser próximo e fazer sentido (Limulja, 2022, p.176).

Na escola, a palavra só teve condições de circular e fazer caminho quando colocamos em pauta os sonhos e afetos, quando abrimos espaço para que a experiência de cada um pudesse emergir, quando forjamos um certo espaço de partilha dos sonhos, ainda que brevemente, tal qual os Yanomami. Contudo, vivemos em um mundo onde “tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça (Larrosa, 2015, p. 21)”, o desconhecido não é bem-vindo, o sonho muitas vezes é reduzido e não é considerado. Pensando de outro modo, há anos, eu propus a “oficina mural dos sonhos” e, por bastante tempo, sonhei com o trabalho que estou desenvolvendo hoje, sonhei dormindo e acordada. Sendo assim, a pesquisa *Cartografias Afetivas* é fruto de um desejo, que pôde ser produzido, que se transformou em realidade, um desejo desconhecido que passou a ser próximo e fazer sentido.

Fui para a escola, em 2017, pela vontade de conhecer os sonhos da comunidade e de transmitir conhecimentos sobre os principais instrumentos na luta pelo direito à cidade e à habitação, como ocorre nas práticas tradicionais de educação urbanística. Entretanto, percebi que talvez a linguagem urban-ística não fosse a melhor forma de dialogar com o grupo, pelo menos naquele contexto. Uma educação praticada apenas como meio para a disseminação de informação sobre aparatos urbanísticos (considerando a expressão relação ou qualidade do

¹⁸Termo cunhado pela filósofa, escritora, psicanalista Suely Rolnik “O que caracteriza micropoliticamente o regime colonial-capitalístico é a cafetinagem da vida enquanto força de criação, transmutação e variação – sua essência e também condição para sua persistência, na qual reside seu fim maior, ou seja, seu destino ético. Esse estupro profanador da vida é a medula do regime na esfera micropolítica, a ponto de podermos designá-lo por “colonial-cafetinístico (Rolnik, 2018, p.104)”. Trecho do livro “Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada” (2018).

sufixo “ístico/a”), que não torna possível a experiência, a palavra, o sonho, a criatividade, o pensamento crítico, que não dá passagem aos afetos e ao desejo, dificilmente irá se aproximar das pessoas e realmente possibilitar transformações sociais-culturais nos territórios periféricos, sempre haverá muros invisíveis.

A *cartografia dos sonhos* daquela coletividade foi considerada e incluída na etapa projetual por meio de diretrizes e soluções de planejamento que contemplassem os desejos dos alunos-moradores, mas também sabendo que, infelizmente, o projeto não se tornaria realidade, pelo menos não da forma como imaginei. Inclusive, disse aos alunos que a escolha dos *sonhos* como mote para os encontros era uma proposta de exercício para pensar a experiência urbana que queremos construir¹⁹. Do mesmo modo que, para mim, o processo de projeto como um todo foi um exercício de planejamento urbano, também foi uma forma de sonhar junto, sonhar um pouco além das necessidades básicas, como o trabalho acadêmico de certa forma permitiu, até porque, na época, o Alto Santo Antônio ainda não tinha passado nem por processo de regularização fundiária.

Uma das coisas mais importantes do trabalho foi perceber, no encontro com a escola, por meio de práticas coletivas e participativas, que era possível pensar uma educação urbana com a cidade, na cidade, na escola, nas ruas, etc. Algo que seria complementar à educação urbanística tradicional e instrumental, ou seja, uma educação urbana pela experiência e pelos sentidos como possibilidade de intervenção em diversos contextos, escolares e não-escolares, de aprendizagem. O educador e filósofo Jorge Larrosa propõe, em “Notas sobre a experiência e o saber da experiência” (2015), que possamos explorar a possibilidade de pensar a educação por uma perspectiva diferente dos pares ciência/técnica e teoria/prática, de forma “mais existencial (sem ser existencialista) e mais estética (sem ser esteticista), a saber, pensar a educação a partir do par **experiência/sentido** (Larrosa, 2022, p.16).”

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A

¹⁹Vale destacar que o Alto Santo Antônio e outras comunidades periféricas da cidade estão passando, desde 2022, pelo processo de Regularização Fundiária Urbana de interesse social (REURB-S), após a criação do primeiro Escritório Público de Arquitetura e Engenharia da cidade e da efetivação da Assistência Técnica para Habitação de Interesse Social (Athis), como ação de política habitacional prevista na lei municipal nº 14.272/21.

cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça (Larrosa, 2015, p. 21).

Nessa lógica de destruição generalizada da experiência, estou cada vez mais convencido de que os aparatos educacionais também funcionam cada vez mais no sentido de tornar impossível que alguma coisa nos aconteça. Não somente, como já disse, pelo funcionamento perverso e generalizado do par informação/opinião, mas também pela velocidade. Cada vez estamos mais tempo na escola (e a universidade e os cursos de formação do professorado são parte da escola), mas cada vez temos menos tempo (Larrosa, 2015, p. 23).

Pensar neste modo de fazer educação pode e deve ser útil não apenas aos urbanistas, mas também artistas, geógrafos e uma vasta gama de profissionais e educadores que atuam com e nas cidades ditas formais e informais. Esta hipótese é complementar às possibilidades práticas de arquiteto-urbano, útil para pensar uma cidade menos urbanística e mais humana-urbana. Partindo destes movimentos de reflexão me pergunto: qual é o lugar da educação nos processos de constituição e transformação do espaço urbano?

Ora, ao assumir a perspectiva teórica e filosófica que reposiciona o lugar da cidade nos processos de aprendizagem, essa passa a ser entendida não só como espaço de experiência humana, mas igualmente como espaço de construção de expectativas de futuro quanto ao que se estrutura num dado presente. Lugar de trabalho, de sonhos e de elaboração da vida em sua cotidianidade. Lugar permanente de projeção do ideal de Direito à vida que deriva da conquista dos direitos sociais e políticos historicamente construídos. Lugar, portanto, de exercício e aprendizagem das possibilidades e contradições inerentes ao exercício da cidadania (Miranda; Siman, 2013, p. 22).

Com o livro “Cidade, memória e educação” (2013), descobri que os pesquisadores do campo da educação já estão há anos fazendo o movimento de pensar em uma educação com a cidade, na cidade, considerando sua importância vital como *“espaço de experiência humana”*. O movimento que faço aqui, que talvez seja contrário e complementar a esse, é o de pensar que é preciso reposicionar o lugar da escola e da educação no campo do urbanismo, nos processos de urbanização, nas práticas de educação urbanística, etc. Já que a cidade é importante para a educação e a educação é importante para a cidade,

como então estreitar as relações entre cidade-educação por meio de práticas extra-curriculares?

Para construir cidades do amanhã, é preciso entender a escola como um lugar essencial na constituição de territorialidades em diversas escalas urbanas e na produção de subjetividades, além de compreender a educação como lugar de possibilidades, essencial em múltiplos campos de atuação. As cidades, por sua vez, também são lugares de *“sonhos e de elaboração da vida em sua cotidianidade”*, sendo assim: pode a escola ser um lugar para elaborarmos afetos que emergem no cotidiano em diferentes realidades urbanas? A educação pode ser um caminho para transformar o imaginário e a relação das pessoas com o espaço urbano? Como movimentar repertórios inconscientes em práticas coletivas? Como a educação urbana pela experiência/sentido pode nos levar a sonhar com realidades outras? A criar realidades outras?

É preciso reposicionar o lugar das palavras e da experiência nas escolas e nas cidades, pois talvez dessa forma seja possível repensar também o lugar dos sonhos em nossas vidas, entre as múltiplas dinâmicas terrestres e psíquicas que nos constituem. Se, em 2017, eu estava “em busca de um urbanismo mais humano”, hoje, em 2024, pensando a partir das palavras de Larrosa e tantas outras referências-vivências, arrisco afirmar que práticas de educação pensadas a partir do par *experiência/sentido*, que ocorram com a cidade e na cidade, são imprescindíveis para a existência de urbanismo verdadeiramente humano, que não seja feito para as pessoas, mas que seja feito pelas pessoas e com as pessoas.

Ao mesmo tempo em que encerrei meu ciclo na faculdade, seguia com outras questões que também me acompanharam entre 2017-2019, como: Quais linguagens podem ser usadas para abordar o urbanismo na periferia? Que tipo de mapeamento poderia ser feito para investigar as diferentes perspectivas afetivas e imagéticas sobre a periferia? Como praticar uma educação urbana que parte da periferia? Uma educação urbana que vai dar bordas para os centros?

Depois da graduação, passei por experiências essenciais em outros campos como artes visuais, música e produção cultural, que junto às questões que ainda ruminavam em meus pensamentos, leituras e ideias, se transformaram em potência para que, em 2019, eu pudesse elaborar uma pesquisa-intervenção

que nasce de um sonho, que começa no bairro Santo Antônio e hoje se estende para outras periferias e outros espaços da cidade. Na próxima seção, apresento o objeto de pesquisa desta dissertação: *Cartografias Afetivas*.

“O sonho que me leva lá, me reitera”

Ando por onde sonhei²⁰



21

²⁰ Música de Alice Santiago, Laura Jannuzzi e Pablo Quaresma.

²¹ Pintura com tinta de tecido em algodão cru | Fotografia | Acervo Cartografias Afetivas | [palavra-caminho] - FACED UFJF (2023)

2 | {modos de pensar}

2.2 | { 2019-2022/ circuito nº1}

Diferentes destinos, dramas, cenários, estilos... Aqui reside toda a riqueza do desejo. Toda a sua generosa fartura. O desejo é criação de mundo. **Raquel Rolnik**



22

Em 2017, seguia pensando em todos os temas e questões que emergiram em mim a partir dos afetos produzidos na experiência com o trabalho final de graduação, no encontro com a escola e com a educação, na experiência técnica-criativa com o território. Ao mesmo tempo, os fluxos e movimentos da vida me levaram ao encontro de outras linguagens e campos de conhecimento, especialmente música, artes visuais e produção cultural. Fundei um projeto de música brasileira e autoral com algumas amigas, a banda *Tata Chama e as Inflamáveis* (2017-atual), que segue em atividade ainda hoje; fui moradora e atuei na gestão de uma casa coletiva com outros três amigos, o *Coletivo Bananal*, que entre 2017-2020 se tornou um espaço independente de cultura e movimentou a cena artística-cultural em Juiz de Fora, com a produção de shows, espetáculos de teatro, festivais de música, oficinas, rodas de conversa e outras atividades culturais e, por último, a oportunidade de fazer um curso de Gestão e Produção Cultural (2019) oferecido pelo Grupo Ponto de Partida²³, em Barbacena (MG).

²²Bairro Santo Antônio | Fotografia | Acervo Cartografias Afetivas, 2020.

²³Companhia de teatro independente localizada em Barbacena - MG, com mais de 40 anos de experiências em produção artística, cultural e gestão de espaços de cultura.

Estas três experiências, a princípio, pareciam desviantes em relação à arquitetura e ao urbanismo, mas só a partir dos desvios foi possível seguir pensando, criando meios e formas de trabalho com e na cidade, como desejava. Em 2019, movida pela abertura do Programa Cultural Murilo Mendes, lei municipal de incentivo à cultura em Juiz de Fora, vi a possibilidade de viabilizar um novo encontro com a Escola Municipal Dante Jaime, a fim de construir uma proposta nos cruzamentos entre urbanismo-educação-artes visuais. Nessa oportunidade, o trabalho foi realizado com recursos financeiros e com liberdade, dentro dos limites técnicos e burocráticos de um edital como esse.

O processo seletivo foi apenas um disparador para que eu movimentasse ideias e desejos que já estavam em mim. O formato objetivo de projeto, com limite orçamentário, que demanda textos de descrição, justificativas, objetivos, planilha de custos, cronograma de execução, materiais utilizados, detalhamento dos “produtos culturais”, entre outros, foi ponto de partida para que, pela primeira vez, eu pudesse elaborar, colocar em palavras a pesquisa-intervenção que sonhava desde outros tempos. Foi assim que ela ganhou *corpo* e ganhou um nome: ***Cartografias Afetivas***.

Nesta seção, apresento o ***circuito n°1*** de intervenções, por meio de atravessamentos histórico-sociais, das diversas materialidades criadas na ocasião e de aspectos práticos, formais e conceituais que emergiram da experiência. Assim, foi possível experimentar algumas *formas* para a metodologia, que tem se revelado como essencialmente mutável, na qual cada situação é singular, as ações são criadas e recriadas de acordo com o território, com as coletividades envolvidas, e com o contexto urbano-histórico-social em questão. Trata-se, portanto, de uma *metodologia-em-movimento*. A narrativa aqui construída transita entre “eu e nós”, tendo em vista que todas as ações acontecem entre aquilo que penso-faço-digo como pesquisadora-artista-cartógrafa-urbana-etc e tudo que só se efetua com a presença e participação de outros, neste caso: a equipe do projeto, os alunos, a comunidade escolar e a comunidade do bairro Santo Antônio.

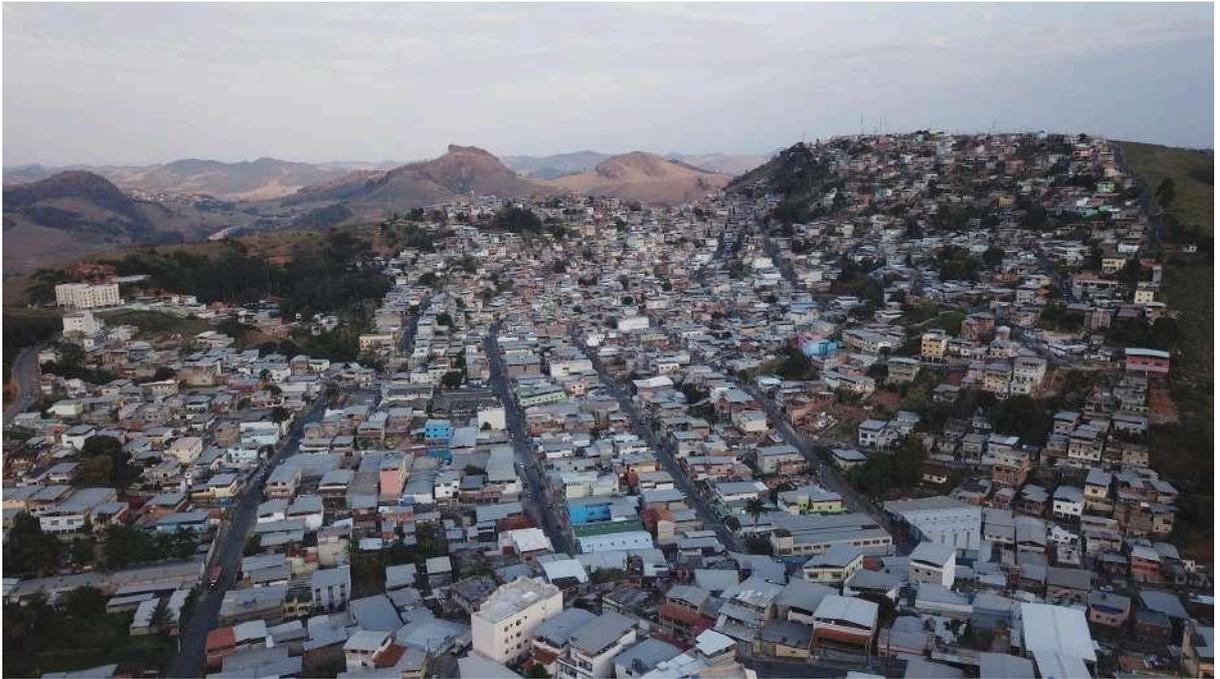
HIATO-PANDEMIA-CRIAÇÃO

As inscrições para o edital ocorreram no segundo semestre de 2019 e a escola acolheu prontamente a ideia de receber o projeto, mas o resultado da seleção só veio em 2020, depois de um longo tempo de espera e menos de um mês depois do anúncio da pandemia de COVID-19. Por um lado, a alegria de ser contemplada e por outro uma tristeza enorme, por toda a situação e por saber que não poderia iniciar tão cedo, em decorrência dos desdobramentos da pandemia e do isolamento social, já que a maior parte do projeto seria realizada coletivamente e presencialmente com a escola, na escola, a partir da escola.

Houve um hiato de aproximadamente um ano e meio até que pudéssemos iniciar qualquer atividade. Quando foi o momento de recomeçar, como proponente e idealizadora, precisei modificar praticamente todos os itens da proposta aprovada para que estivessem de acordo com os protocolos sanitários adotados pela escola para o ensino remoto e, posteriormente, para o retorno ao ensino presencial. Com as mudanças, o escopo do projeto ficou composto por: **um ciclo de seis meses de exercícios coletivos de *escuta, formação e criação* com alunos do 9º ano + um ciclo de seis meses criando e desenvolvendo desdobramentos: a publicação de um *fotolivro* (tiragem com 200 unidades) e uma *instalação artística com três painéis de lambe-lambe em grandes formatos, dentro e fora da escola.***

O tempo de suspensão imposto pela pandemia acabou se tornando para mim um tempo de experimentações, leituras e descobertas relacionadas à pesquisa-intervenção em suas bases, para além do projeto cultural como tal. Isso porque *Cartografias Afetivas* era antes um reflexo da minha relação com o bairro Santo Antônio, com as periferias, da aproximação com a escola que ocorreu a partir do meu trabalho, do desejo de construir diferentes modos de mapear afetos que circulam em experiências urbanas-periféricas e de *trans-formar* territórios por meio de uma educação urbana com experiências e sentidos. Nos momentos de total incerteza diante do cenário pandêmico, foi este *sonho-pesquisa-intervenção-projeto* que me ajudou a seguir em movimento. Nesta época, comecei a produzir as primeiras imagens, fotografias, vídeos e colagens que compõem o acervo das *Cartografias Afetivas*. A colagem e a fotografia já eram linguagens que experimentava, mas, a partir de então, elas se

tornaram ferramentas de trabalho e de pesquisa, com as quais passei a criar e mapear a vida humana e não-humana ao meu redor: as pessoas, as plantas, os pássaros, os céus de cada dia, e o bairro com suas casas, detalhes, fachadas, janelas, paisagens, prédios, portas e portões, etc.



24

²⁴Bairro Santo Antônio | Fotografia de drone por Tava Klonowski (2021) | Acervo Cartografias Afetivas



25

A criação com fotografia e colagem também era um modo de estar em movimento, observando o bairro, a vizinhança em um tempo que passava lentamente. Era um jeito de fazer escrivência, não pela palavra, mas algo como foto-vivência, cola-vivência... Primeiro, as derivas fotográficas eram feitas do meu terraço, que fica bem no centro da bacia, no longo quarteirão que aparece no centro da foto que segue (*próximo a uma construção pintada de verde, com uma menor amarela ao lado*) e, à medida que o isolamento social ficou mais flexível, passei também a fazer derivas fotográficas pelas ruas do bairro. Mesmo morando há tantos anos no bairro Santo Antônio, o território é extenso e se organiza de forma *fragmentária, labiríntica e rizomática*, de modo que sempre existem lugares novos para conhecer.

No terraço ou na rua, com a câmera na mão, quase diariamente passei a mapear as arquiteturas-da-periferia, elementos tipológicos, paisagens do bairro, detalhes e cenas do dia a dia ao meu redor, primeira cartografia-componente das *Cartografias Afetivas*.

²⁵Bairro Santo Antônio | Mapeamento Afetivo: detalhes | Acervo Cartografias Afetivas, 2020.



26

Neste período também me alimentava de referências teóricas e conceituais, dentre as quais gostaria de destacar, por enquanto, o livro ***Cartografia Sentimental*** (2006), da psicanalista e professora Suely Rolnik, inspiração direta para a criação do nome ***Cartografias Afetivas***. Através desse livro, fiz minhas primeiras aproximações com o pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari, os inventores da *filosofia da diferença*, que são referências também para Paola Berenstein em “Estética da ginga (2011)”.

Conhecia o livro de Suely há um tempo, mas só durante o hiato-pandêmico consegui me aproximar um pouco mais, entrar no texto e me aproximar também dos *estrangeiros devorados* que emergem de suas narrativas, ou pelo menos saber de suas existências, tendo em vista que uma aproximação mais profunda sobre o trabalho deles se deu mais tarde. O referido livro é apresentado como forma de expressão possível para construção de uma *cartografia conceitual* que acompanha os movimentos de mutação do desejo no

²⁶Bairro Santo Antônio | Mapeamento Afetivo: paisagens | Acervo Cartografias Afetivas, 2020.

campo social nos anos 1960 e 70 no Brasil, “tal como foram vividos em seus efeitos na subjetividade das mulheres [...] (Rolnik, 2016, p.15)”.

O livro foi escrito “nos anos 1980, quando o neoliberalismo se instalava por toda parte, promovendo uma mudança brutal da política de subjetivação (Rolnik, 2016, p.13)”. Como cartógrafa, a autora afirma que seu olhar “não é do tipo que se debruça *sobre* as mutações vividas neste processo, mas daquele que se constrói *junto* com elas e como *parte* delas (Rolnik, 2016, p.15)”. Esse foi um dos primeiros aspectos que me aproximaram de seu modo de pensar-fazer-dizer *cartografia*. Como um *corpo-de/na-periferia*, como moradora do bairro Santo Antônio, meu desejo enquanto cartógrafa era construir um olhar *junto*, um olhar *com* as mutações que poderiam ser vividas a partir do encontro com os alunos, com a escola, e a partir das potências da pesquisa-intervenção como um modo de produção de subjetividade possível para aquele território, para o meu lugar. Para isso, busquei inspirações no cartógrafo, uma das personagens conceituais apresentadas no livro:

A prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo social. E pouco importa que setores da vida social ele toma como objeto. O que importa é que ele esteja atento às estratégias do desejo em qualquer fenômeno da existência humana que se propõe perscrutar [...] (Rolnik, 2016, p.65)

A pesquisa *Cartografias Afetivas* foi criada em composição com esta noção esquizoanalítica de *cartografia*, um modo de acompanhar os movimentos do desejo no campo social, as transformações nas paisagens psicossociais e se implicar com os modos de produção de subjetividade no tempo-espço que se vive (ROLNIK, 2016). Desejava construir uma cartografia perscrutando a experiência urbana-periférica do bairro, do meu lugar. Desejava também que os cinco exercícios coletivos pudessem transitar por diferentes formas de propor **escuta, formação e criação**, entre a história e a memória local, com espaços de circulação da palavra, através de experimentações com mapas cartesianos, a partir dos afetos do corpo-na-cidade e em movimentos de criação atravessados por imagens e palavras, na experimentação com diferentes linguagens artísticas.

Para mergulhar naquela *geografia dos afetos*, inventei diferentes *pontes de linguagem*. Para fazer minha travessia com os alunos, criei pontes que não pretendiam explicar e nem revelar nada, mas funcionar como gestos propositivos para a constituição de territórios existenciais (ROLNIK, 2016). Cada exercício do circuito nº 1 era um modo de fazer *cartografia/afetiva* e *arte-educação-urbana*, uma cartografia dos afetos que circulam e compõem as paisagens psicossociais do Santo Antônio, e ao mesmo tempo uma proposta de educação urbana por meio da arte, com o par *experiência/sentido* (LARROSA, 2022).

CICLO DE ATIVIDADES - E.M. DANTE JAIME BROCHADO

Iniciamos as atividades ainda durante o ensino remoto, quando, infelizmente, a escola atravessava um momento de grande evasão, e havia muita dificuldade de adesão dos alunos em decorrência do isolamento social. As atividades curriculares eram impressas, entregues e recolhidas quinzenalmente na secretaria. Os conteúdos eram disponibilizados em um site e algumas aulas eram oferecidas em ambiente virtual, mas muitos alunos do bairro não tinham dispositivos ou mesmo acesso pleno para acompanhar esse formato. Assim, a maioria dos estudantes ou não estava buscando pessoalmente as atividades disponibilizadas pela escola, ou não estava retornando com essas atividades feitas.

Felizmente, no meio do circuito, as aulas voltaram para o presencial e foi possível nos aproximarmos cada vez mais dos alunos, ganhando confiança, participação ativa, assiduidade e atenção. A escola estava muito aberta à presença da equipe *Cartografias Afetivas* e às propostas extracurriculares que levamos, dando liberdade, desde o início, para que pudéssemos “pensar um currículo como espaço de possibilidades e como território onde as forças podem “deformar” as formas de um currículo, instaurando o movimento que é fundamental para o aprender (Paraíso, 2015, p.50).”

Para criar este *território*, foi necessário construir um trabalho em *rede* (*de fazeres e afetos*), com apoio e participação essencial de inúmeras pessoas para que pudéssemos instaurar um certo *movimento*: a comunidade escolar; os diretores e professores da escola, especialmente as professoras Gláucia e Carolina, que se uniram, cederam o tempo e o espaço de suas aulas virtuais e

presenciais para que pudéssemos realizar as ações do projeto; os alunos, que em meio ao momento de incertezas enormes, se envolveram, participaram, confiaram; além de toda a equipe que esteve envolvida na execução do projeto, prestadores de serviço, artistas, parceiros, amigos e, especialmente, a equipe fixa formada por Daniela, Mariana, Jasmine e Nicolle, que me ajudaram na elaboração de textos, criação de identidade visual, gestão de redes sociais, produção audiovisual, etc. e me apoiaram pessoalmente do início ao fim desta travessia.

Cartografias Afetivas propõe a realização de experiências coletivas em periferias urbanas de Juiz de Fora-MG. Atuando nos cruzamentos entre urbanismo, artes visuais, arquitetura e educação, nossa metodologia busca estimular o pensamento crítico, exercitar a criatividade, trazer à tona manifestações populares, periféricas e usar a memória e o pertencimento como instrumentos de resistência (Cartografias Afetivas, 2021).

A ideia é suscitar atravessamentos entre o corpo e a cidade na escala do bairro e refletir sobre a experiência urbana a partir de uma perspectiva afetiva. Para isso, propusemos um ciclo de atividades através de 5 cadernos, onde cada um direciona uma ação observativa, analítica e/ou criativa, além de abordar conteúdos como direito à cidade, história, memória, coletividade, participação e autonomia (Cartografias Afetivas, 2021).

Esses dois trechos são partes dos textos criados para apresentar a proposta ao público. Elaborei a proposição em palavras com a ajuda da equipe e havia um plano de ação em mente, mas não havia nenhum modelo a ser seguido, **nenhuma espécie de protocolo normalizado** (Rolnik, 2016, p.66). Inspirava-me em algumas referências práticas e teóricas, mas cada gesto propositivo era um vir-a-ser, foi sendo criado enquanto criaram-se pela primeira vez suas *formas*, foi revelando suas *forças* de acordo com as forças e afetos que emergiram em cada encontro, naquele contexto, naquele tempo histórico, com aquela coletividade. Apesar de ter um plano, nada era *a priori*, tudo nasceu durante o próprio processo, de acordo com os fluxos e acontecimentos dos encontros.

O circuito de intervenções na escola foi pensado como um conjunto de *estratégias para a produção de subjetividade*, como uma sequência de fatos, de acontecimentos, de proposições e situações em torno da experiência urbana a partir de cinco movimentos distintos, sequenciais e complementares: **1 -**

Apresentação / 2 - Mapeamento / 3 - Deriva / 4 - Criação / 5 - Análise. Para esses movimentos, criamos materiais gráficos-impresos, realizamos cinco produções audiovisuais que serviram como suporte às atividades ou foram fruto de algum dos exercícios, além de criarmos um site oficial, onde disponibilizamos materiais para download ao longo do projeto e reunimos tudo em uma página só, textos, links, referências, etc. Para construir estes dispositivos cartográficos em um cenário de evasão, tentava me lembrar a todo momento que “[...] a linguagem, para o cartógrafo, não é um veículo de mensagens-e-salvação. Ela é, em si mesma, criação de mundos. Tapete voador... (Rolnik, 2016, p. 66).”



27



O PROJETO
9º ANO | 2021/2022

1- APRESENTAÇÃO
2- MAPEAMENTO
3- DERIVA
4- CRIAÇÃO
5- ANÁLISE

REGISTROS

INSTALAÇÃO ARTÍSTICA

FOTOLIVRO

REFERÊNCIAS

+ Informações

Instagram
Youtube



O PROJETO



9º ANO | 2021/2022



REGISTROS



INSTALAÇÃO ARTÍSTICA



FOTOLIVRO



REFERÊNCIAS

28

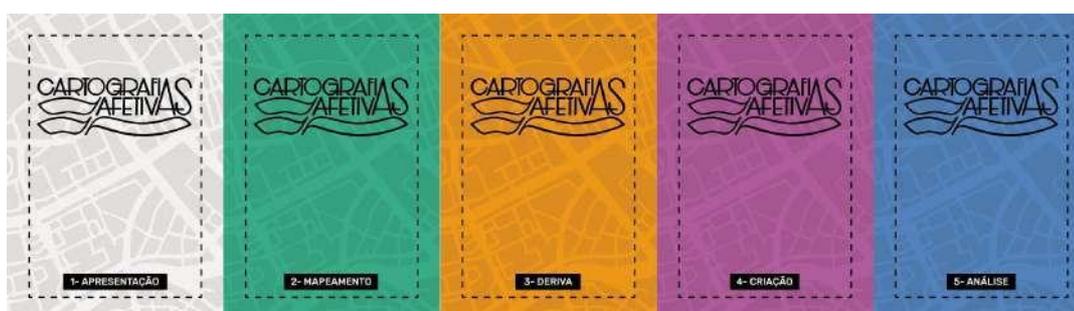
²⁷Bairro Santo Antônio | Mapeamento Afetivo: paisagens | Acervo Cartografias Afetivas, 2020.

²⁸Página inicial do site Cartografias Afetivas em 2021/2022 (atualmente este site antigo está fora do ar).

Criamos uma linguagem própria das *Cartografias Afetivas* e diferentes materialidades que também coubessem na dinâmica da escola naquele momento. Felizmente, após a entrega do segundo caderno, as aulas puderam voltar para o presencial e, apesar das complexidades envolvidas neste retorno, na transição para um novo modo de estar juntos, a possibilidade de encontrar os alunos pessoalmente veio em tempo ideal e providencial. Em função da evasão escolar, assim como ocorria com as atividades regulares, poucos alunos haviam pegado o material impresso, as aulas remotas também contavam com um número muito reduzido de pessoas, visto o número de matriculados.

De acordo com relatos dos próprios alunos e professores, essas materialidades chamavam a atenção, despertavam a curiosidade e o interesse, seja pelas cores, pelo formato diferente daquilo que estavam acostumados, pelo nome do projeto, ou só porque era algo novo naquele contexto. Isso, para nós, naquele momento, já era muito interessante. Perceber que a escolha pelo trabalho com as artes visuais e gráficas, com materialidades impressas e com as produções audiovisuais foi algo que aproximou a comunidade escolar de nossa iniciativa e possibilitou trânsitos para além da escola. Não apenas os alunos do 9º ano, mas os professores, funcionários e moradores do bairro começaram a acessar nossas redes e acompanharam o trabalho desde o princípio.

A faixa-etária média da turma do 9º ano era entre 14 e 16 anos, alguns alunos participaram de todos os encontros presenciais, outros foram apenas em alguns. Do começo ao fim do ciclo de atividades, a adesão foi crescente e as produções imagéticas gráficas, visuais e audiovisuais certamente colaboraram para isso. A seguir, apresento os cinco cadernos produzidos, que orientaram nossos exercícios e vídeos produzidos durante o ciclo de atividades:



²⁹Acervo Cartografias Afetivas, 2021 - Capas dos cadernos 1, 2, 3, 4 e 5.

CADERNO 1- APRESENTAÇÃO

O primeiro caderno foi entregue de forma remota e consistiu em uma introdução às *Cartografias Afetivas*, trazendo breves noções sobre “cartografia” e “afeto” da forma como entendia e podia dizer aos alunos, transitando entre os sentidos dicionarizados dos dois vocábulos e a forma como cada um era compreendido na construção do trabalho, além de orientações práticas como as datas dos encontros. Esse primeiro caderno foi pensado como um convite-convocação à participação da turma.

A “cartografia” aqui proposta pretende incentivar a experimentação da cidade a partir da experiência corporal, a fim de construir este acervo sobre o bairro em diferentes linguagens criativas. Mapeando experiências individuais, podemos refletir melhor sobre as experiências coletivas, e aqui o olhar de vocês será o ponto de partida! [...] O afeto não é apenas sentimento, mas também uma atitude, um posicionamento. Já parou para pensar nos sentimentos que os lugares que você frequenta despertam? E você, o que desperta neles? (Caderno 1 - Apresentação)

Com a sessão “você sabia?”, introduzimos questões sobre o bairro Santo Antônio como espaço histórico-geográfico invisibilizado ao longo do tempo na memória local. Dessa forma, trouxemos algumas provocações sobre lendas, lugares e personagens essenciais na formação daquele território, e fizemos um convite para o primeiro vídeo, constituído de uma entrevista realizada com o professor e historiador Antônio Carlos Lemos Ferreira, na qual ele relata a relação entre o Morro da Boiada e o bairro Santo Antônio, em anos de experiências pessoais e de pesquisas sobre a fundação da cidade.

[Caderno 1| Entrevista com o professor Antônio Carlos Lemos Ferreira| Parte I](#)

CADERNO 2- MAPEAMENTO AFETIVO

Esse caderno trazia como disparadores as seguintes frases “Resistir é preciso” e “Por que mapear?”, abordando os mapas como instrumentos de resistência, como movimento contra hegemônico, sobretudo no contexto

periférico do bairro Santo Antônio, que passou por processos históricos de apagamento.

Esta atividade nos convida a tornar o bairro visível. Construiremos uma experiência histórica a partir do olhar de cada um de vocês. Vamos juntos redesenhar as representações sobre o espaço em que vivemos, utilizando símbolos que possam identificá-lo a partir das sensações de afeto e pertencimento. (Caderno 2 - Mapeamento)

A ideia era que os alunos pudessem manusear um mapa geográfico do bairro, se localizar, compreender o território a partir daquela escala de visualização, e ao mesmo tempo refletir e mapear afetos, experiências, sensações... Para isso, o caderno era acompanhado de um material extra: um mapa do bairro em formato A1 e uma cartela de ícones afetivos, de usos, culturas e sentimentos. O vídeo relacionado a esta atividade foi a segunda parte da entrevista com o professor Antônio Carlos, no qual sua narrativa se desloca, muda de escala, passa a pensar o bairro em relação à cidade de Juiz de Fora.

[Caderno 2 | Entrevista com o professor Antônio Carlos Lemos Ferreira | Parte II](#)



³⁰Acervo Cartografias Afetivas, 2021 | Exercício [mapeamento] na E.M. Dante Jaime Brochado.

CADERNO 3- DERIVA

Esse exercício marcou o início dos encontros presenciais com as turmas, e havia um complexo desafio de conhecer e acolher os alunos no retorno às atividades presenciais, em um contexto mundialmente complexo; apresentar e contextualizar a ideia de deriva e propor que cada um pudesse realizar uma experiência de deriva no bairro, dentro das suas possibilidades no dia a dia, considerando as condições pandêmicas naquele momento e prezando pela segurança dos adolescentes. Para isso, a aula e o conteúdo do caderno traziam a deriva como um instrumento de resistência:

Aqui vamos entender a DERIVA como mais uma ação de resistência. Inspirada no movimento multidisciplinar europeu de crítica social, cultural e política que reuniu poetas, arquitetos, cineastas, artistas plásticos e outros profissionais, o situacionismo (que se iniciou em 1957). A definição de deriva dos situacionistas consiste em um “modo de comportamento experimental ligado às condições da sociedade urbana: técnica de passagem rápida por ambiências variadas. (Definições, Internacional Situacionista, IS n.1, junho 1958) (Caderno 3 - Deriva)

Nessa ocasião, decidimos que a produção audiovisual seria uma deriva. Para isso, convidamos uma das alunas, a Júlia, para realizar essa atividade conosco antes do encontro com a turma, para que pudéssemos assistir juntos e introduzir o tema do corpo na cidade. Essa aluna estava envolvida nas atividades desde os encontros virtuais, fez as atividades anteriores e era uma das presenças mais constantes até aquele momento. Coincidentemente, Júlia é moradora do Alto Santo Antônio, mesmo local onde anos antes desenvolvi meu trabalho final de graduação, e ela mora no ponto mais alto do Alto Santo Antônio, onde termina a malha urbana do bairro. Com quatro câmeras ativas nas mãos, entre as três pessoas da equipe e a aluna, Júlia nos conduziu em sua deriva pelas ruas do bairro, no caminho que fazia diariamente - antes da pandemia - de sua casa até a escola.

CADERNO 4- CRIAÇÃO

Durante os cadernos e as atividades anteriores, voltamos nossa atenção para observar tudo aquilo que nos cerca, como a casa, a rua, o bairro e a cidade. Buscamos ainda refletir sobre nossa relação enquanto indivíduos com cada um destes espaços. Já pensamos o bairro a partir do mapa, depois da caminhada e da observação de cada um. Agora iremos criar algo novo e materializar essas experiências anteriores a partir de uma linguagem visual. Partindo para o campo das artes visuais, temos um universo vasto e cheio de possibilidades criativas! [...] Aqui, neste caderno, iremos experimentar uma delas juntos, a COLAGEM! (Caderno 4 - Criação)

Esse caderno foi uma virada, para que a experiência urbana-periférica dos alunos pudesse ser dita, agora, por meio de movimentos de criação com colagem. Essa linguagem visual atravessa toda a construção de identidade da pesquisa, além de ser um recurso democrático que pode ser experimentado por qualquer pessoa. O modo como se constrói uma colagem, com componentes variados, texturas distintas, deslocamentos, sobreposições e condensações pode se assemelhar à constituição das paisagens urbanas periféricas com seus labirintos, fragmentos e rizomas.

O vídeo que produzimos desta vez trouxe a colagem como elemento principal da narrativa visual, que utilizava a técnica do *stopmotion*³¹ para apresentar alguns dos princípios básicos para uma boa organização visual como margens, alinhamento, contraste, textura, simetria, assimetria, respiro e composição de cores. Ao final, apresentamos como referências artistas de diversos lugares e gerações que trabalham com a colagem, para inspirar e introduzir a atividade em sala de aula. Assim, cada aluno produziu uma colagem individual nesse exercício.

[Caderno 4 | Criação \(princípios básicos para organização visual\)](#)

³¹ Stop-motion é uma técnica de animação produzida a partir da fotografia de materiais diversos, objetos, etc. Fotograma por fotograma, cria-se uma ilusão de movimento a partir das fotografias. No caso deste vídeo, utilizamos a colagem para construir o stop-motion.



32

CADERNO 5- ANÁLISE

O caderno dois dizia aos alunos: *“nossa última atividade será um convite à liberdade de expressão, uma pequena fuga à rigidez das formas que nos cercam, às formas de viver, de pensar, de estar e de criar.”* Por meio do convite à criação de uma análise coletiva-criativa com inspirações dadaístas, chamamos a atenção da turma para a palavra como principal elemento do nosso exercício. Seguindo com a colagem como linguagem e ferramenta de trabalho, construímos um painel analítico-criativo sobre a experiência urbana e sobre a experiência com as *Cartografias Afetivas*.

Esse encontro/exercício promoveu a circulação da palavra de duas formas: com a criação da colagem-análise coletiva, com um convite para que cada aluno nos contasse suas experiências com o bairro Santo Antônio em um registro audiovisual que foi realizado individualmente, em paralelo à atividade conjunta. Desta vez, o vídeo só veio depois, como um fechamento simbólico das atividades na escola. Além dos alunos, também entrevistamos alguns moradores

³²Acervo Cartografias Afetivas, 2021 | Fotografia/ fragmento do vídeo Caderno 4 - Criação | Disponível no Youtube

do bairro, funcionários da escola e utilizamos os vídeos, áudios, fotografias e colagens produzidas pelos alunos durante os exercícios anteriores para construir o vídeo como um exercício analítico das forças e formas que emergiram durante todo o processo e que poderiam, talvez, afetar outras pessoas, moradoras do bairro ou não.

[Caderno 5 | Análise](#)



33

DESDOBRAMENTOS | INSTALAÇÃO ARTÍSTICA + FOTOLIVRO

Quando finalizamos o ciclo de atividades com os alunos, em dezembro de 2021, ainda havia mais um ciclo a cumprir, a produção e execução dos desdobramentos. Iniciamos a elaboração desses produtos culturais em sequência: primeiro as artes para os três painéis da instalação artística com lambe-lambe nos muros internos e externos da escola, e depois a edição do fotolivro que seria publicado, marcando o fim do projeto. Para desenvolver esses

³³Acervo Cartografias Afetivas, 2021 | Circuito nº 1: encontro caderno 5 - análise.

dois trabalhos, utilizamos o acervo de imagens (colagens e fotografias) produzidas durante o processo na escola pelos alunos e pela equipe.

Partimos do desejo de construir narrativas visuais por meio da experimentação com múltiplas linguagens artísticas nos suportes escolhidos no projeto. Queria construir novos *tapetes voadores* para que aquela experiência pudesse se multiplicar, se transformar em algo novo, ganhar novos significados e afetar novos públicos, ampliando sua potência ética-artística-cartográfica-afetiva-analítica-estética-etc. O lambe-lambe pode, eventualmente, ser uma intervenção efêmera, mas a instalação artística do modo como escolhemos fazer, com colagens montadas em grandes painéis, foi também a escolha por uma intervenção de longa permanência no espaço urbano e no espaço da escola, algo que passou a compor a paisagem do cotidiano local, dentro e fora do espaço escolar.

Dois desses painéis estão instalados na quadra, local coberto. Por isso, até hoje, um ano e meio depois, estão bem preservados e fazem parte do dia a dia da comunidade escolar. O terceiro painel foi instalado em um muro externo, que não tem nenhum tipo de proteção, e por isso tinha já perdido totalmente as cores, durou aproximadamente um ano e três meses. Em maio, um novo painel foi criado em sobreposição.

A inserção dessas manifestações e materialidades artísticas visuais no cotidiano do bairro foi um modo de estabelecer diálogos entre as *Cartografias Afetivas* e os moradores, de possibilitar a circulação de palavras-imagens-afetos para além da sala de aula, de inserir um tipo de arte pública com potencial pedagógico em território periférico, de pensar a instalação como pesquisa. Tratava-se de uma *exposição como pesquisa/de combate*, um modo político de fazer cartografia que amplia o “alcance do desejo precisamente em seu caráter de produtor de artifício, ou seja, de produtor de sociedade (Rolnik, 2016, p.70)”. Na esteira de Rolnik (2016), um cartógrafo político

[...] participa da potencialização do desejo, nesse seu caráter processual de criador de mundos, tantos quantos necessários, desde que sejam facilitadores de passagem para as intensidades vividas de forma aleatória nos encontros que vamos tendo em nossas existências. (Rolnik, 2016, p.70)

Realizava um dos meus desejos de cartógrafa ao poder “participar, embarcar na constituição de territórios existenciais, constituição de realidade (Rolnik, 2016, p. 66)” com os alunos, com a comunidade escolar, com minhas companheiras de trabalho e com os moradores do bairro Santo Antônio. As pessoas foram muito receptivas às intervenções, realizadas dentro e fora da escola. Tanto os alunos, professores e funcionários da E.M. Dante Jaime Brochado quanto os moradores acolheram a instalação artística, interagiram, fotografaram, elogiaram e alguns até participaram nos dias de montagem externa.



³⁴Acervo Cartografias Afetivas, 2021 e 2022 | Colagem a partir de fotografias das instalações na E.M Dante Jaime Brochado.

A última instalação foi montada no mesmo dia do lançamento do fotolivro, que ocorreu no espaço da quadra, com a participação de alunos, familiares e moradores do bairro. O evento contou com a participação de MC's e poetas do bairro e da cidade, com a execução ao vivo do último painel e com a distribuição da publicação. Foram 200 unidades impressas, além da distribuição virtual por meio das redes sociais e do site. O fotolivro foi pensado como objeto de arte, algo que pudesse transitar pelas mãos das pessoas, ser manuseado, democratizar o acesso às *Cartografias Afetivas*, ampliando ainda mais seu alcance, sobretudo no bairro Santo Antônio, que foi público-alvo principal da distribuição, além da comunidade escolar. Para apresentar imagetivamente e pensar o livro como afeto, pensar sua potência como suporte de intervenção e como dispositivo, evoco as palavras da artista visual Letícia Lampert (2020):

[...] o livro, como objeto, não é nada neutro. Ele vem carregado de significados, evocações culturais, características formais que podem ser a razão de um projeto virar livro. Desde o tipo de papel, a encadernação, o material, até mesmo o preço, tudo pode contribuir, quando elaborado com intenção, para dar sentido a um trabalho. Livro é forma, e forma é conteúdo. Livro é lugar, estende o tempo e cria espaço. É um aqui e agora, no ritmo estabelecido pelo leitor. É um lugar de intimidade, uma conversa a dois. É portátil e versátil, pode tanto caber no bolso – como um objeto banal para ser folheado a qualquer hora, quanto ter algo de precioso e raro – exigindo até luvas para ser manuseado. O livro traz com ele a serialidade, a tiragem, a circulação, a possibilidade de comercialização, a permanência. Traz a relação com a biblioteca, com a enciclopédia, com o saber. Livro evoca literatura, narratividade, conhecimento e também legitimação. Livro é sempre um pouco de tudo isto ao mesmo tempo, embora possa carregar pesos maiores em determinadas características conforme as intenções de cada projeto (Lampert, 2020, p. 77/78).

A publicação foi elaborada com intenção de criar novos sentidos a partir do trabalho em sala de aula, pensando o fotolivro como objeto de arte -nada neutro-, que fosse carregado de significados, que pudesse estabelecer novos diálogos a partir de uma narrativa visual que acompanhava a sequência do primeiro ciclo: apresentação, mapeamento, deriva, criação e análise, mas agora de outra forma, com fotografias e colagens criadas coletivamente ou criadas especialmente para essa edição.



³⁵Acervo Cartografias Afetivas, 2022 | Colagem a partir de fotografias do lançamento do fotolivro na escola.

RELATO DA PROFESSORA GLÁUCIA FARIA³⁶

“O que me chamou atenção no projeto Cartografias Afetivas foi o interesse em perguntar aos alunos e às alunas sobre o lugar onde eles vivem. Também me chamou atenção a fartura de ofertas sobre como o aluno pode observar e ampliar sua visão sobre este lugar, então a oferta de material para eles foi grande. Eles tiveram vídeos com relato sobre o bairro e o seu entorno, eles receberam mapas da região em uma escala ampliada, também fotografias, imagens de drone, colagens, com abordagens diferentes sobre seu lugar. Como o projeto foi apresentado na pandemia, né?, e nós estamos em ensino híbrido, os primeiros contatos dos alunos foram feitos de forma virtual, timidamente ainda, pouco se aproximaram. Ainda com uma troca e uma conversa à distância.

E foi um material... tem sido um material muito bem apresentado, por uma arquiteta, com os cadernos didaticamente informando as etapas e tudo, né? Então essa riqueza de conteúdo foi formando de uma forma bem diferenciada dessa que a gente tá acostumado no processo pedagógico dentro da escola, que a gente tá habituado. De uma forma diferenciada o aluno foi se aproximando, contando com a mediação dos professores que se envolveram, da área de história, artes, literatura... Esse conjunto de materiais deu a escolha pro aluno, então eles se aproximaram com textos escritos, alguns com gravação de vídeo, o texto com gravação e voz... Depois, quando a gente pôde se aproximar, porque, durante o processo, começamos a trabalhar com bolhas, então na escola também veio o trabalho da colagem, que foi um trabalho feito em conjunto.

Então o aluno teve estas várias oportunidades e assim foi um crescente, essa aproximação aconteceu. O fato de perguntar aos alunos esse tema: onde você vive, a relação de onde você vive com a cidade, a cidade com o país, o país com o mundo... Esse tema não é que não tenha sido apresentado na escola, ele é um assunto dentro da pedagogia, a gente tem essa abordagem sim dentro da escola, mas a surpresa, o que mais me chamou atenção, o que eu vi de interessante que surgiu do Cartografias Afetivas, é sair dessa relação

³⁶Fotolivro Cartografias Afetivas | Relato Gláucia Faria- Professora de artes na Escola Municipal Dante Jaime Brochado em 2021, que cedeu o espaço de suas aulas, tempo e atenção direta junto à professora Carolina Garcia (português/literatura) para que o projeto Cartografias Afetivas pudesse acontecer e colaborou durante toda a condução do projeto.

conhecimento e avaliação, transmitir o conhecimento e avaliar o conhecimento e deixar essa resposta do aluno aberta.

O valor mesmo, a surpresa pra mim veio em perceber que os alunos e as alunas têm visões diferentes sobre um mesmo lugar. Então o relato do caminho do aluno até a escola, ou do caminho, do acesso que ele tem pra chegar na sua casa, é diferente. O que é bonito pra alguns, não foi bonito pra outros, o que pode ser mantido e ampliado, para alguns pode ser retirado... O que chama atenção para alguns, pode não chamar atenção para outros... Então o valor veio pra mim aí na comunicação, na troca, pra um poder observar o que o outro vê. Isso pra mim foi muito diferente, foi o que me chamou atenção: foi provocar comunicação. E isso traz respostas, pode trazer respostas imediatas, respostas a médio prazo ou respostas pro futuro deste lugar. Gláucia Faria: educação e meio de ação”



2| -modos de fazer-

2.3 | { entre cartografias e afetos/ **palavrar** }



38

Pouco tempo depois que o circuito nº1 foi encerrado em relação aos processos do projeto cultural, ocorreu a abertura do processo seletivo da Pós-Graduação em Educação da UFJF e o desejo de colocar essa pesquisa em palavras me trouxe ao mestrado. Fui aprovada na linha 3, com o tema “*discursos, práticas, ideias e subjetividades em processos educativos*”, com o desejo de pensar e elaborar as questões que emergiram em mim com todo o processo do circuito nº 1 e seguir criando outros *modos de pensar, fazer e dizer Cartografias Afetivas*.

Desde então me encontro com o desafio de apresentar esta pesquisa-intervenção em territórios acadêmicos, percebendo-os como uma nova possibilidade de criar, tendo agora o *texto-dissertação* como suporte para construir diálogos com os leitores, “provocar comunicação”, para evocar as palavras da professora Gláucia, por meio das palavras e das imagens, tendo as experiências vividas até aqui - antes do mestrado e durante o tempo-espço do

³⁸Acervo Cartografias Afetivas, 2022 | Fotolivro Cartografias Afetivas.

mestrado - como disparadoras para a criação de composições com autores, com teorias, conceitos, artes, éticas e filosofias que atravessam a construção prática-ética-conceitual deste trabalho, que é essencialmente transversal e transdisciplinar. Esse exercício é, ao mesmo tempo, um modo de colocar *Cartografias Afetivas* em palavras e de criar novas composições conceituais para as *Cartografias Afetivas* do presente e do futuro. Para esse movimento, parto das seguintes perguntas: o que apareceu de insurgente nestas experiências, transversais e transdisciplinares ao longo dos últimos anos? E como dizer algo sobre isso hoje, em uma dissertação? Por que dizer? Para quem dizer? O que são *transdisciplinaridade* e *transversalidade* no contexto desta pesquisa?

Em busca de composições para construir um modo de fazer *Cartografias Afetivas*, procurei autores que falassem a respeito destas palavras-conceitos nos mais diversos campos, também aqueles que constroem ou construíram suas práticas de forma transversal e/ou transdisciplinar. Embora seja difícil ainda hoje trabalhar a partir destes princípios, estes não são conceitos novos, este tipo de prática tem crescido cada vez mais nos últimos anos, sobretudo pensando no Brasil e na América Latina. Em 1974, o psicanalista, psiquiatra, filósofo e revolucionário-etc francês Félix Guattari publicou a obra "Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional", em que teorizou sobre estes temas a partir de anos de experiências e experimentações com a análise institucional, entre as décadas de 1950 e 1960, especialmente na clínica psiquiátrica *La Borde*, fundada na década de 1950 pelo psiquiatra e psicanalista Jean Oury. Simonini e Romagnoli (2018) relatam no texto "Transversalidade e esquizoanálise" (2018) que:

a análise da transversalidade, em Guattari, constitui-se, portanto, na própria dimensão esquizoanalítica, uma vez que se compromete no seguir as coordenadas de subjetivação e de singularização que transversalizam e ultrapassam um indivíduo ou grupo, na composição de sentido-ações a oportunizar outras trajetórias de realidade potencialmente inéditas (Simonini; Romagnoli, 2018, p.922).

Tal dimensão esquizoanalítica era emergente nos *modos de fazer* de Guattari desde a década de 1950, antes que ele pudesse nomeá-la como tal. A invenção da esquizoanálise propriamente dita só ocorreu mais tarde, em seu

encontro com o filósofo Gilles Deleuze. Esta mesma dimensão esquizoanalítica motivou o percurso de construção das proposições coletivas, ainda que só seja possível nomear desta forma hoje, anos depois de meu encontro com estes autores e com este termo. Contudo, o que seria uma trajetória de realidade potencialmente inédita? Em nosso caso, o circuito de intervenções nº1, apresentado no capítulo anterior, é uma situação que compreendo como inédita. Trata-se de algo que foi sonhado, criado, produzido e que oportunizou outras trajetórias de realidade no contexto da escola e do bairro Santo Antônio a partir de coordenadas transversais de subjetivação e de singularização.

Os sentidos-ações, criados nesta ocasião e nas outras intervenções já realizadas, têm a transversalidade como princípio no sentido de buscarem sempre ultrapassar os indivíduos e os grupos. Podemos pensar no dispositivo [*cartas para o meu lugar*], que será apresentado nos capítulos subsequentes, como exemplo de um trabalho que propõe espaços de circulação da palavra, práticas formativas sobre urbanismo e criação de cartas-colagens, as quais podem ser individuais ou coletivas dentro de um grupo, dependendo da situação. Se a proposição ocorre em uma sala de aula, mesmo que cada aluno crie o seu próprio trabalho, ela é sempre coletiva, embora haja espaço para as singularidades de cada um, os espaços e práticas são pensados para fazer emergir as subjetividades individuais e coletivas do *grupo-sujeito-da-experiência*.

Além disso, o trabalho não termina na sala de aula e nem fica restrito ao grupo de trabalho. Sempre se pretende criar novos fluxos a partir das imagens-palavras produzidas coletivamente. Ao final de uma proposição como esta, ainda em sala de aula, o primeiro passo seria fotografar cada aluno com sua colagem, ou com colagens de duplas, trios, etc. A fotografia funciona como instrumento de cartógrafa, pois, para além de um simples registro, as imagens são componentes cartográficos do acervo *Cartografias Afetivas*, e com base nelas é possível produzir novos afetos e transversalidades. As imagens podem circular por diferentes meios, possibilitando a criação de novos sentidos-ações, narrativas imagéticas em uma intervenção urbana, em um livro, em um site, em uma exposição, em novas proposições coletivas, com outros grupos e territórios.

O caráter transversal opera em composição com o caráter transdisciplinar das proposições de *arte-educação-urbana*, que têm sempre a experiência na cidade como disparador para reflexões, diálogos, exercícios de formação e de criação individuais e coletivos, em diferentes linguagens artísticas. Para o professor Ubiratan D'Ambrosio (2011), a transdisciplinaridade possibilita encontros, aproximações e ações para além do currículo tradicional. Essa prática "leva o indivíduo a tomar consciência da essencialidade do outro e da sua inserção na realidade social, natural e planetária, e cósmica. (D'Ambrosio, 2011, p.10)". Para o autor, o princípio básico para a prática transdisciplinar seria

Reconhecer as dimensões sensoriais + mística + emocional + intuitiva + racional do conhecimento e a integridade mente + corpo + cosmos, dando suporte a um comportamento subordinado à ética maior de respeito, solidariedade e cooperação. (D'Ambrosio, p.10, 2011)

E de acordo com o professor Basarab Nicolescu (1999),

A transdisciplinaridade, como o prefixo "trans" indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento. Haveria alguma coisa entre e através das disciplinas e além delas? (Nicolescu, 1999, p.16).

O que há entre, através e além das disciplinas quando estou pensando, fazendo ou dizendo *Cartografias Afetivas*? As colocações de D'Ambrosio (2011) e a pergunta de Nicolescu (1999) me provocam a pensar que há algo que vai além, um tipo de ética que está além das disciplinas. Tendo em vista que não temos uma disciplina central, mas temos a experiência urbana como ponto de partida para diferentes experiências, com o desejo primordial de *oportunizar outras trajetórias de realidade potencialmente inéditas* em diferentes territórios, retornando, desse modo, ao Guattari e ao conceito de transversalidade. Desta forma nos aproximamos daquilo que o nome da pesquisa traz em si mesmo, pensando a cartografia como um "acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015, p. 10)".

Entre, através e além das disciplinas e dos campos do urbanismo, da arquitetura, das artes visuais, da educação, as intervenções vão no sentido de transformar os modos de produção de realidade no espaço urbano em movimentos individuais e coletivos que tomam a cidade como ponto de partida para a produção de afetos e experiências de criação, junto com o desejo de produzir uma educação urbana por meio da arte. É um tipo de cartografia onde, no lugar de artista-cartógrafa-urbana-etc, estou implicada ética e politicamente em criar realidades outras. Para Passos, Kastrup e Escóssia (2015), existe uma “inseparabilidade entre conhecer e fazer, entre pesquisar e intervir: toda pesquisa é intervenção (p.17).”

Defender que toda pesquisa é intervenção exige do cartógrafo um mergulho no plano da experiência, lá onde conhecer e fazer se tornam inseparáveis, impedindo qualquer pretensão à neutralidade ou mesmo suposição de um sujeito e de um objeto cognoscentes prévios à relação que os liga. [...] Conhecer é, portanto, fazer, criar uma realidade de si e do mundo, o que tem consequências políticas. Quando já não nos contentamos com a mera representação do objeto, quando apostamos que todo conhecimento é uma transformação da realidade, o processo de pesquisar ganha uma complexidade que nos obriga a forçar os limites de nossos procedimentos metodológicos. (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015, p. 30)

Fui movida primeiro pela ética do **arquiteto-urbano** no final da graduação, que “seria o **suscitador**, o **tradutor** e o **catalisador** dos desejos dos habitantes (Jacques, 2011, p.155)” de um determinado território físico. Paola Berenstein Jacques buscou inspirações nas proposições e na obra de Hélio Oiticica para compor sua proposta ética. O que considero importante destacar, neste momento, é a mudança de *urbanista* para urbano que ocorre com o termo “arquiteto-urbano”. Um arquiteto - ainda que *urbano-*, comumente vai precisar espacializar o desejo, dar língua, dar forma, transformá-lo em desenho, tornar viável algo que é material e que seja viável do ponto de vista técnico, prático, construtivo e financeiro. Por isso, a noção de **tradutor**, como está colocada, pode ter mais a ver com esse trabalho objetivo, mesmo que esse profissional também possa suscitar e catalisar o desejo dos habitantes, acolher a

subjetividade e a diferença nos espaços-movimento ou em outros espaços da cidade.

Com este modo de fazer cartografia, me afasto um pouco da arquitetura em sua forma técnica e projetual para me aproximar da arquitetura por outros pontos de vista: filosoficamente, como *fragmento*, uma das figuras da *estética da ginga*, como aprendi a pensar com Paola Berenstein (2011). Nesse sentido, a arquitetura é vista como elemento componente das paisagens urbanas e psicossociais, como espacialidade, como lugar para as experiências urbanas-humanas mais diversas, como objeto de investigação artística, como filosofia, pensamento e poesia. Assim, a arquitetura foi tomando outros significados e proporções ao longo deste caminho, *é como diz João Cabral de Melo Neto*³⁹:

A arquitetura como construir portas,
de abrir; ou como construir o aberto;
construir, não como ilhar e prender,
nem construir como fechar secretos;
construir portas abertas, em portas;
casas exclusivamente portas e tecto.
O arquiteto: o que abre para o homem
(tudo se sanearia desde casas abertas)
portas por-onde, jamais portas-contra;
por onde, livres: ar luz razão certa.[...]

João Cabral de Melo Neto
Fábula de um arquiteto⁴⁰

Com os afetos nos encontros com a escola, com a educação, com as artes visuais, com a *cartografia sentimental* de Suely Rolnik e, após a escolha dos vocábulos **cartografias** e **afetivas** para nomear a pesquisa, já não me cabia mais o termo arquiteta-urbana. Atualmente, não incluo *arquiteta* para dizer daquilo que faço, uso o termo artista-cartógrafa-urbana-etc, embora a arquitetura atravessasse toda a construção das *Cartografias Afetivas*. Essa é uma escolha no sentido de dissociar-me da arquitetura no sentido projetual e construtivo. Além do que, de fato houve um devir *artista-cartógrafa-urbana-etc*, no qual a presença da arte revelou-se como algo imanente ao meu modo de fazer

³⁹A frase em itálico é um trecho da música “Foguete”, de J. Veloso e Roque Ferreira.

⁴⁰Fragmento de poema publicado em “Obra completa: volume único.” (1994), organizado por Marly de Oliveira, com a obra do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto.

cartografia, que é implicado com a transformação de realidades urbanas e psíquicas com a construção de uma educação urbana pela arte. Por isso, este é também um modo de sustentar o desejo de trabalhar com/na cidade, de ser arquiteta e urbanista, sendo também artista-cartógrafa e outras que vierem.

cartografia/ *substantivo feminino*

1. conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que orientam os trabalhos de elaboração de cartas geográficas.

2. descrição ou tratado sobre mapas.

Origem ◉ ETIM(1873) *carta* + -o- + -grafia, prov. por infl. do francês *cartographie* 'id.'⁴¹

A etimologia da palavra aponta suas origens “do latim medieval *carta* + francês *-graphie*, do grego *-graphein* “escrever, desenhar”, “a confecção de cartas ou mapas”, 1843, do francês *cartographie*”. Desde sua essência, o ato cartográfico está marcado pela união entre grafias escritas/desenhadas e a ação de fabricar cartas geográficas, de compor mapas. Nesse sentido, a cartografia é compreendida por seu uso instrumental e está relacionada aos processos de escrever, grafar, desenhar espaços, representar o espaço por meio de mapas, cartas ou plantas, desenhos que se diferem por sua escala, acompanhando os movimentos e fluxos geográficos, urbanísticos, arquitetônicos, territoriais.

A instrumentalização da cartografia teve grande força na geopolítica europeia no século XVIII, onde começou a ser utilizada pelo exército como um instrumento de controle em meio a amplas disputas territoriais. Assim, ela funcionou como um instrumento de poder com amplo reconhecimento dos estados europeus, que também passaram a utilizá-la estrategicamente para demarcação de fronteiras e reivindicação de territórios, uma vez que a cartografia é um modo de representar e construir narrativas a respeito do espaço físico e das relações culturais, sociais e políticas que o constituem.

Para os geógrafos, a cartografia - diferentemente do mapa: representação de um todo estático - é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem (Rolnik, 2016, p.23).

⁴¹Modelo importado da pesquisa direta no dicionário de português da Google, que é facilitado pela Oxford languages, editora mundial de dicionários que utiliza a abordagem empírica da da lexicografia descritiva na construção de seu acervo.

A partir de 1980, com o surgimento da geografia humana, da geografia cultural e da geofilosofia, as práticas cartográficas são questionadas e a cartografia é repensada enquanto dispositivo, teoria e método, influenciando diferentes campos de conhecimento. Sua difusão e uso em outras áreas de conhecimento na América Latina e no Brasil colaborou para a ampliação dos modos de pensar-fazer cartografia em contraponto e/ou contraposição às abordagens tradicionais e às práticas hegemônicas de domínio dos territórios, da história e de nossa cultura.

Se estou aqui hoje, escrevendo estas *Cartografias Afetivas*, é porque, há aproximadamente 50 anos, haviam pessoas, autores, pesquisadores, geógrafos, filósofos, psicanalistas, esquizoanalistas, urbanistas, entre outros pensando-praticando cartografias outras, causando torções e transformações nos modos de fazer cartografias. Com estas mudanças ainda/sempre em curso, *cartografia* já não significa apenas as representações de territórios e fronteiras físicas, mas tem sido um modo-de-fazer potente para mapear experiências, relações sociais e identidades culturais, um modo de investigar os movimentos do desejo e as complexidades do mundo em que vivemos, com aplicações em campos distintos.

Entretanto, seu uso como instrumento de dominação política do Estado também se amplia constantemente, sobretudo com os avanços tecnológicos mais recentes. A linguagem cartográfica hegemônica nos obriga “a olhar o território como sendo sempre e, sobretudo, político (mas um político esvaziado, uma vez que remete quase que exclusivamente ao caráter administrativo destas fronteiras) (Oliveira Jr., 2011, p.5)”. O geógrafo e professor Wenceslao Oliveira Junior (2011), um dos pesquisadores contemporâneos que se dedicam a estudos e práticas cartográficas, aponta que os efeitos da hegemonia colonial-capitalística ainda são muito presentes na construção de mapas, aparecendo principalmente nos livros e materiais escolares, mais do que em mapas para profissionais (OLIVEIRA JR., 2011):

[...] a quase onipresença do molde político nos mais variados tipos de mapas naturaliza esta forma de pensar o espaço a partir daquilo que os mapas nos dão a ver, ou seja, o modo como o

Estado, enquanto forma social, pensa este espaço e o utiliza na manutenção de seu poder (Oliveira Jr., 2011, p. 5/6).

Os mapas fazem, portanto, parte da ficção que o Estado cria, dos discursos de verdade que circulam entre nós. Eles, os mapas, estão a nos educar o pensamento por meio da educação dos olhos para esta ficção, uma educação que nos leva a memorizar as fronteiras políticas como a única maneira de nos movimentarmos, encontrarmos os lugares, referenciá-los, relacioná-los uns aos outros – nas obras cartográficas. Uma evidente política de criação de uma memória pública. Podemos dizer que este é um gesto cultural, nada inocente, de apagamento de outras maneiras de imaginar o espaço, de relacionar lugares, de estabelecer conexões e ações territoriais que não aquele ancorado nas marcas territoriais implementadas e reguladas pelo Estado (Oliveira Jr., 2011, p.6).

Se o Estado utiliza essa política, esse gesto cultural para produzir seus apagamentos à revelia, quais gestos podemos criar em contraposição para visibilizar aquilo que está sendo apagado? Como podemos imaginar, desenhar, escrever nossas próprias cartas? Como podemos produzir nossos próprios mapas? Por que produzir mapas? Que mapas? Mapas de que? Para que? Para onde?

Quando conheci a professora Suely Rolnik, descobri que, além de filósofa-psicanalista-professora-etc, ela também é irmã da arquiteta-urbanista-professora Raquel Rolnik, grande referência no campo da arquitetura e urbanismo, além de ser uma referência pessoal desde os anos de graduação até hoje. Foi curioso observar como as duas irmãs trabalham perspectivas de cartografia completamente distintas e, a meu ver, potencialmente complementares. Tendo em vista que a cartografia esteve por muito tempo em minha experiência relacionada apenas às formas do planejamento urbano e territorial, como trabalhada por Raquel Rolnik; essa palavra começa a ganhar novos contornos e significados quando me encontro com a cartografia na perspectiva da psicanálise, como é trabalhada por Suely Rolnik, em composição com a esquizoanálise, com Guattari, Deleuze e outros estrangeiros.

Esse outro tipo de *cartografia* é “um método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari “que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto. Em linhas gerais, trata-se sempre de investigar um processo de produção

(Kastrup, 2009, p. 32)”. No processo da experiência nº 1, sabendo que as “paisagens psicossociais também são cartografáveis (Rolnik, 2016, p.23)”, comecei a ler-ouvir *cartografias* de outros modos. Isso, naturalmente, suscitou questões, já que me encontrava diante do desejo de perscrutar a experiência urbana periférica a partir dos afetos: como produzir uma cartografia de paisagens psicossociais? Como fazer isso coletivamente? Em uma escola? Como dar uma linguagem, como dar passagem aos afetos que circulam e podem emergir destes territórios? Como construir estas *Cartografias-Afetivas*? Como desenvolver essa educação urbana com a arte, uma educação sobre a cidade, com a cidade, na cidade, com as pessoas, com os afetos, com as subjetividades, com o inconsciente?

A prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo social. E pouco importa que setores da vida social ele toma como objeto. O que importa é que ele esteja atento às estratégias do desejo em qualquer fenômeno da existência humana que se propõe a perscrutar [...] (Rolnik, 2016, p.65)

Passei a imaginar uma composição entre as diferentes possibilidades de **cartografia** que atravessam minha formação atuando simultaneamente no trabalho: cartografia como desenho do real, o espaço físico retratado em duas dimensões; e cartografia como possibilidade de mapear afetos e produzir uma escrita do imaginário, tudo funcionando ao mesmo tempo, de forma transdisciplinar e transversal. Esta percepção e produção de mundo, além do conhecimento e de informações técnicas, também considera a subjetividade, aquilo que é singular de cada um. Se fisicamente habitamos espaços construídos, sentimentalmente habitamos nossas memórias e afetos em relação aos lugares.

Desde o início do trabalho, interessam-me as formas físicas e inconscientes de habitar, os atravessamentos reais e sentimentais que se dão em experiências urbanas periféricas, a noção física de território, mas também uma transformação no território a partir dessas paisagens psicossociais que se constituem ao mesmo tempo em que se movimentam e se transformam. A perspectiva geofilosófica de *cartografia* tem suas origens no livro Mil Platôs

(publicado pela primeira vez em 1980), de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Na introdução do livro, os autores a apresentam como 5º princípio do *Rizoma*. Os princípios são características aproximativas que utilizam para aprofundar conceitualmente nesse termo, rizoma, emprestado da botânica, em contraposição a um sistema arbóreo de lógica binária, que estabelece relações biunívocas sem compreender ou considerar as multiplicidades.

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. [...] Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio. (Deleuze; Guattari, 1995, np)⁴²

As imagens do rizoma e da árvore, forma pelas quais a vida vegetal se organiza, são usadas pelos autores como imagens para pensar-dizer das formas de organização do pensamento, onde “a questão não é opor árvore e rizoma como bem e mal, mas pensar que são modelos epistemológicos diferentes (Lauro, 2013, recurso online).”

De um lado, o pensamento orientado e mediado por uma unidade; do outro, a multiplicidade se efetuando como processo. A questão é que o modelo arbóreo é dominante e se coloca com força tal que o rizomático é desqualificado. O que Deleuze e Guattari estão dizendo é que para entender a multiplicidade, o rizoma talvez seja uma maneira mais interessante de pensar. (Lauro, 2013, recurso online)⁴³

Transpondo para o contexto de pesquisa, pensava: se a cartografia é um dos princípios do rizoma, então o que é o rizoma pensando nas *Cartografias Afetivas*? A cidade? O bairro? A escola? A periferia? Os sujeitos de pesquisa? Todas as opções anteriores? O próprio modo de pensar-produzir essas cartografias?

⁴²Trecho escrito na capa do livro “Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1” (1995).

⁴³Fragments do texto “Deleuze e Guattari – Rizoma” escrito por Rafael Lauro e publicado no site A Razão Inadequada em 2013.



44

3 | -modos de fazer-

3.1 | - **experimental / arte-educação-urbana-**

A pesquisa-intervenção **Cartografias Afetivas** é fruto de experimentações individuais e coletivas em trânsito pela cidade e por espaços escolares e não-escolares de educação desde 2019. Este trabalho começou em relação direta com um território urbano-periférico e um espaço escolar⁴⁵, desde então tem se ampliado para outros espaços e territórios na cidade. As intervenções ocorrem em movimentos de **escuta, formação e criação**, buscam estimular o pensamento crítico, a criatividade, trazer à tona manifestações populares, periféricas e usar a memória e o **pertencimento** como instrumentos de resistência. Para isso, criamos diferentes dispositivos que compõem um *modo de fazer arte-educação-urbana*.

O desejo de pensar este trabalho em um percurso acadêmico formativo/criativo no mestrado em educação é também um desejo de continuidade, de análise e criação em torno daquilo que hoje compreendo como *Cartografias Afetivas* enquanto suporte e ponte na linguagem que escolhi como artista-cartógrafa-urbana para nomear um modo *transpessoal* de fazer

⁴⁴Fotografia | Acervo Cartografias Afetivas, 2020.

⁴⁵O bairro Santo Antônio, na periferia de Juiz de Fora e a Escola Municipal Dante Jaime Brochado, no mesmo bairro.

arte-educação-urbana, “onde eu não sou se não um feixe de forças em conexão com as demais forças que compõem o ecossistema ambiental-social-mental (Rolnik, 2022, recurso online).”

A questão que apareceu com mais força e se tornou uma pergunta central em minha banca de qualificação foi: *como dizer SOBRE “Cartografias Afetivas”, como discurso-prática-ideia-subjetividade-processo, COM as cartografias afetivas, enquanto acervo de materiais (fotografias, colagens, entrevistas, textos, áudios, vídeos) e experiências vividas (antes e durante o mestrado)?* Hoje, ao final deste percurso, as perguntas são outras: o que podem as Cartografias Afetivas enquanto **discurso-prática-ideia-processo**? O que podem as Cartografias Afetivas enquanto **metodologia de arte-educação-urbana** que circula por espaços institucionais e não-institucionais? O que podem as Cartografias Afetivas enquanto **máquina de pensar-fazer-dizer** em trânsito na cidade, na periferia, nas escolas, nas ruas, na academia, etc?

Essa é uma *dissertação-em-busca-de-composições* para a construção prática-ética-estética-conceitual desta pesquisa-intervenção, que é ao mesmo tempo proposição metodológica, máquina revolucionária, discurso, prática, ideia e processo. Rolnik (2006) afirma que um cartógrafo “procura **captar o estado das coisas, seu clima, e para eles criar sentido** (Rolnik, 2006, p.71)”, “*Cartografias Afetivas*” é, portanto, uma espécie de máquina que inventei a partir de uma ética periférica para praticar **arte-educação-urbana** nas periferias e em outros espaços da cidade, movida pelo desejo de *conhecer outras experiências urbanas / mapear afetos / catalisar desejos / sonhos / suscitar estados de invenção / transformar paisagens urbanas e psicossociais*. Proponho a criação de diferentes dispositivos de trabalho, entendendo que cada proposição é única, cada território revela suas demandas e se revela em suas diferenças e singularidades.

As proposições se compõem em movimentos de *escuta, formação e criação* a partir da experiência urbana, que permitem, ao mesmo tempo: cartografar afetos e paisagens psicossociais⁴⁶; suscitar reflexões sobre a

⁴⁶Termo utilizado em referência à filósofa, escritora e psicanalista Suely Rolnik em seu livro “Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo” (2016).

experiência do corpo na cidade; desenvolver movimentos de formação sobre questões urbanas, psicossociais, ambientais; e produzir transformações nos territórios por meio de ações artísticas individuais e/ou coletivas elaboradas de acordo com o contexto urbano-coletivo-social em que se insere. O interesse enquanto *urbanista-cartógrafa-artista-etc* é abordar, coletivamente e por meio da arte, questões emergentes nas múltiplas possibilidades de experiências urbanas atuais, especialmente na urbana-periférica. Dessa forma, o trabalho acontece antes, durante e depois de cada prática, em movimentos de análise e elaboração das proposições, quando posso criar novos sentidos para os mapas geográficos, afetivos e criativos que emergem nos exercícios coletivos de cartografia e produzir diferentes formas de *pensar-fazer-dizer* a experiência urbana.

Arte-educação-urbana é um termo forjado nos processos de experimentação durante a pesquisa, que surgiu pelo desejo de encontrar palavras para abarcar a transversalidade e a transdisciplinaridade das Cartografias Afetivas como metodologia de intervenção em trânsito por diversos espaços da cidade. Quais são os efeitos/afetos possíveis desta metodologia em territórios físicos e existenciais? Quais são as potências das *Cartografias Afetivas*? A quem se endereçam? A que se destinam?

A junção destas três palavras, arte-educação-urbana, também é um tipo de elaboração a respeito da transversalidade que pode ser produzida neste modo de fazer *educação urbana pela arte*, que é marcado pela experiência do corpo na cidade, pela transdisciplinaridade, pela importância da circulação de palavras e imagens que surgem na experiência urbana de cada um, em diversas formas de expressão, como possibilidade de uma educação visual e criativa sobre questões emergentes na cidade.

arte-educação-urbana

arte-educação-urbanística

arte educação e urbanismo

arte-educação-urbanista

arte-educação

*educação urbanística**educação urbana*⁴⁷

Os termos refletem um pouco do meu processo com as palavras, durante a pesquisa, até encontrar algo que fosse capaz de abarcar as ideias que me rondavam em um certo momento. O encontro entre urbanismo, periferia e arte é criado a partir da pesquisa dos conceitos e das narrativas de Paola Berenstein Jacques, no livro *“Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica”* (2011), que também é inspiração para pensar nesse termo **arte-educação-urbana**. Em outras palavras, *uma educação urbana que acontece necessariamente com a arte e através da arte* seria uma perspectiva diferente e complementar ao que chamamos hoje de *educação urbanística*. Tendo em vista que o sufixo “ístico/a” expressa relação ou qualidade, compreende-se que, nas práticas mais habituais no campo da arquitetura e urbanismo, a educação urbanística é pensada sob uma perspectiva instrumental, um meio para a disseminação de informação sobre urbanismo e seus aparatos.

Considero a informação e a instrumentalização urbanística importantes e essenciais, mas, ao mesmo tempo, também acredito que uma educação urbana que não torna possível a experiência, a palavra, a criatividade, o pensamento crítico, que não dá passagem para os afetos e para o desejo, dificilmente irá se aproximar das pessoas e realmente possibilitar transformações culturais-sociais e urbanas nos territórios, sobretudo os periféricos. Por isso, minha aposta é na *arte-educação-urbana* como possibilidade, complemento, e extensão, para que seja possível aprender a partir da experiência do corpo na cidade, escutar os territórios⁴⁸ e, ao mesmo tempo, suscitar estados de invenção nos participantes e/ou espectadores, produzindo experimentações coletivas em diferentes espaços da cidade por meio da arte. Seria, talvez, um tipo de prática capaz de efetivar o direito à cidade, ainda que pontualmente ou momentaneamente, são

⁴⁷Experimentações realizadas com as palavras durante o percurso de pesquisa até encontrar o termo arte-educação-urbana.

⁴⁸Em referência ao termo “escuta territorial”, metodologia criada e trabalhada há 43 anos por Emilia Estivalet Broide e Jorge Broide, como relatam no texto de 2019, “A pesquisa psicanalítica e a criação de dispositivos clínicos para a construção de políticas públicas”, publicado pela Revista Brasileira de Psicanálise.

passos no caminho para as cidades do futuro. As professoras Giovana Scareli e Sabrina Gava (2016) reforçam a importância de uma educação visual para os modos de produção de subjetividade, especialmente, em espaços educacionais e não apenas neles:

a atenção ao território que habitamos, não só como pesquisadoras, mas também enquanto professoras ou responsáveis pelas crianças, é muito importante para ampliar os referenciais imagéticos com os quais elas entram em contato e que podem ampliar o repertório de imagens e possibilitar modos mais criativos e inventivos de expressão. Isso seria a consequência de uma educação visual mais rica e que amplia as possibilidades de leituras de mundo e, de fato, contribui na construção de subjetividades (Scareli; Gava, 2016, p. 661).

Pensando em composição com Scareli e Gava (2016), o *primeiro princípio* para a **arte-educação-urbana** seria algo como “ampliar o repertório de imagens e possibilitar modos mais criativos e inventivos de expressão (Scareli; Gava, 2016, p. 661)”. Levando em conta essa potência contida na criação de imagens como forma de expressão e da educação visual como estratégia, as linguagens artístico-visuais são elementos essenciais para o fazer coletivo nesta metodologia, como fotografia, colagem, vídeo, pintura, poesia, etc. Os **circuitos** de produção de cartografias afetivas com alunos e outras coletividades (as imagens-palavras-afetos que circulam dentro da sala de aula), são ponto de partida para a produção de novas cartografias afetivas, **imagens-palavras-afetos** que podem circular para outros públicos, ampliando o repertório imagético em diferentes escalas territoriais. É exemplo disso um trabalho que circula da sala de aula para toda a comunidade de um bairro por meio de uma publicação artística, como aconteceu com o fotolivro “Cartografias Afetivas” (2022), produzido no **circuito nº 1**.

É por meio da circulação de **palavras e imagens**, faladas, escritas, fotografadas, recortadas, combinadas, desenhadas, impressas, etc. que o trabalho acontece e tem a possibilidade de transitar em diferentes meios. Reformulando a frase de Scareli e Gava (2016) para o contexto desta pesquisa, o primeiro princípio das *Cartografias Afetivas como metodologia de arte-educação-urbana* é: **propor modos criativos e inventivos de expressão**

sobre a experiência urbana/ construir e ampliar o repertório imagético nos diferentes espaços e territórios.



49

Na esteira de Suely Rolnik, considero necessário reconhecer que hoje “a neurose é o modo de subjetivação dominante sob o regime de inconsciente colonial-racial-patriarcal-capitalista (Rolnik, 2022, p. 319)”, o que influencia diretamente no modo como experimentamos, sonhamos, pensamos e produzimos nossas cidades. As intervenções *Cartografias Afetivas* não pretendem, portanto, criar formas de adaptação ao mundo como está posto, pelo contrário, cada intervenção é em si mesma um modo de *oposição às formas estabelecidas*, na produção de subjetividades e consequentemente nas cidades.

⁴⁹Fotografia, colagem e lambe-lambe| Acervo Cartografias Afetivas, 2024 | Instalação urbana no bairro Santo Antônio (JF).

Talvez, essas *Cartografias Afetivas* sejam um modo de produzir subjetividades às margens, subjetividades periféricas, *subjetividades-contra*, suscitando estados de invenção acerca das formas de pensar-fazer-dizer os espaços que habitamos - contra o *regime de inconsciente colonial-racial-patriarcal-capitalista*.

O *segundo* princípio ou anti princípio da arte-educação-urbana seria então fazer emergir um tipo de operador similar ao inventado pelo psiquiatra e psicanalista francês Jean Oury, o **Coletivo**: um operador lógico que possibilita a **criação de espaços de dizer - “ por oposição ao dito estabelecido** (Geoffroy, Alberti, 2015, p.257)”. De acordo com Oury, a função do Coletivo, no contexto da psicoterapia institucional, seria “que ele pudesse ter acesso aos agenciamentos dos fatos, a um certo estofo, ao ambiente, com todas as variações poéticas que quisermos, na dimensão do pático (Oury, 2009, p.218).”

Para que haja um verdadeiro encontro, é preciso que ele aconteça um pouco por acaso, que haja inesperado, e que a resposta não dependa de outra coisa. O que é visado é algo da ordem de um certo discurso, mesmo ainda balbuciante, apenas dito. E é este discurso que é o estofo, a manifestação da “emergência de um dizer”, da emergência de um desejo, mesmo se ele é completamente mascarado (Oury, 2009, p. 266)

Mesmo em um contexto muito diferente do contexto em que o Coletivo foi criado, a *emergência de um dizer*, ainda que mascarado, nos interessa como composição prática-ética. Os trabalhos com *Cartografias Afetivas* são um modo de produzir encontros, muitas vezes em espaços institucionais, entre pessoas e imagens-palavras, as quais cada um pode *dizer*, enquanto outras são propostas por mim, no lugar de cartógrafa-artista-urbana-etc. Tendo em vista a possibilidade de escutar e reverberar discursos emergentes, que surgem dos *encontros* entre pessoas, mas também entre as pessoas e essas imagens-palavras que criamos, como se elas fossem cartas abertas nas cartografias, endereçadas a outros corpos e Outros inconscientes. Os pesquisadores Anderson Santos e Clara Novaes (2024) escreveram um texto recentemente para a revista Cult⁵⁰ celebrando o centenário do nascimento de Oury, onde destacam que o Coletivo é

⁵⁰“Jean Oury: La Borde, coletivo, transmissão e memória” - Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/jean-oury/>

pensado como um operador lógico não para o plural, mas para o singular nos espaços institucionais, lugares onde é necessária a criação de espaços de dizer em contraposição ao normativo, hierarquizado, estabelecido, para que a singularidade de cada um possa paradoxalmente emergir (Santos; Novaes, 2024, recurso online).

Portanto, o segundo princípio, inspirado no Coletivo como operador, seria: **criar espaços de dizer / criar intervenções que transitem entre Coletivos e territórios (físicos, simbólicos e existenciais) / transformar paisagens urbanas e psicossociais por meio da arte.** Por meio das imagens e palavras em diferentes suportes e tipos de intervenção como lambe-lambe, livro, site, instalação artística-urbana, a potência dos nossos Coletivos podem se ampliar, ao construirmos paisagens e realidades outras nos territórios físicos e existenciais com imagens-palavras-afetos.



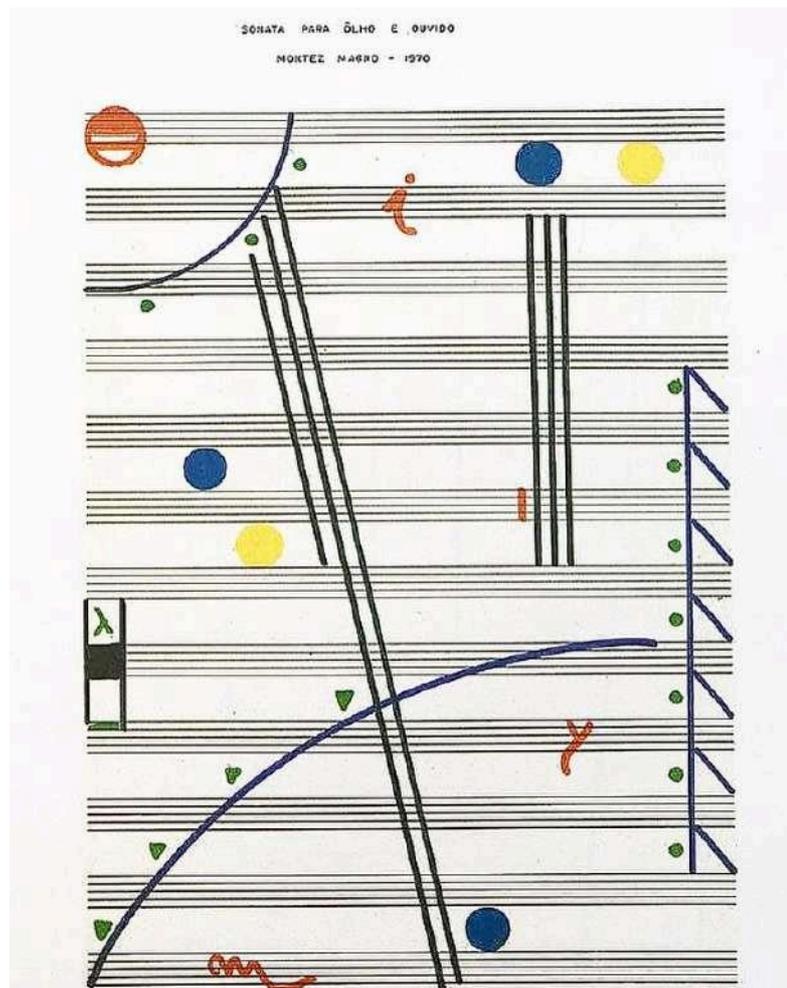
51

Jean Oury afirma que “o Coletivo pode apresentar-se como uma *tablatura*, uma combinatória do que constitui o simbólico, um certo “lugar” no qual há um encadeamento complexo de significantes (Oury, 2009, p.213)”. Certa vez, durante o percurso de pesquisa, enviei um texto à minha orientadora

⁵¹Encontro do circuito de intervenções nº 1, na Escola Municipal Dante Jaime Brochado| Acervo Cartografias Afetivas, 2021.

Juliana, que encontrou algo curioso em meio aos escritos, em vez de metodologia, em algum momento usei **metodologia** para dizer das *Cartografias Afetivas*, um bom ato falho para alguém que também pesquisa e trabalha com a música. Na ocasião, ela me disse para *guardar* esta palavra para o futuro e quando li o trecho de Oury aproximando a imagem do Coletivo à uma tablatura, ela retornou imediatamente.

Fazendo o exercício filosófico de pensar *Cartografias Afetivas* como *metodologia*, poderia dizer que ela se constitui por uma série de tablaturas, ou de lugares em potencial, os quais são propícios para a criação de composições criativas de toda espécie, melodias, ritmos, cadências harmônicas, palavras-cantadas, palavras-faladas... Músicas para o corpo, para os ouvidos e para os olhos, como nesta composição de Montez Magno (1970):



⁵²“Sonata for Eye & Ear” Montez Magno - 1970

Uma forma de *escrita musical* feita por linhas, fluxos e símbolos não-convencionais, uma espécie de música acidental, ou melhor, **urbanismo acidental**, uma vez que todos nós somos parte e podemos criar as cidades do futuro. Pensando com Juliana (2022), compreendo este modo de composição, como algo que se assemelha à prática nomeada por ela como *geografia da escuta*, que seria “a circunstância ou a criação dela para que a palavra se torne e faça caminho (2022, p.53)”. Nessa *metodologia*, criamos circunstâncias para que não apenas as palavras, mas também as imagens possam se compor e fazer caminho na criação de nossas tablaturas, pois, por meio delas, os significantes podem se encadear de forma complexa, com multiplicidades de cada coletividade. Abaixo, apresento uma breve experimentação a partir da *ideia-imagem* de uma *tablatura de imagens-palavras*:



Os fragmentos escolhidos fazem parte das cartografias afetivas produzidas por alunos do curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC), em Barbacena - MG. Curiosamente, pela primeira vez, grande parte dos alunos utilizou fios de lã, que sempre levo como material em encontros, mas poucas vezes são usados. Ao escutar os alunos falando, conversando com cada um e observando as colagens *a posteriori*, passei a imaginar esta cartografia como sendo a dos deslocamentos-caminhos-limites-sonhos-mergulhos, na qual os fios de lã se tornaram uma presença simbólica, uma materialidade que pode ajudá-los a dizer de seus fluxos, de suas linhas de vida, dos caminhos que percorrem diariamente, já que a turma era composta, em sua maioria, por alunos de outras cidades e regiões rurais, que viajam todos os dias para estudar.

Mas por que interessa construir tablaturas de palavras-imagens? Para o professor Wenceslao Oliveira, “para além de a imagem ser uma realidade em si mesma, ela nos faz mirar o mundo da maneira como ela o apresenta (Oliveira Jr., 2009, p.19)”. Os movimentos de escuta, formação e criação são uma forma de escutar e criar a partir do que cada um pode *dizer*, em um sentido mais amplo da palavra, “não só em seu uso instrumental de comunicação, mas também e principalmente, em seus múltiplos sentidos simbólicos, como os de tomar posse, nomear, *tornar existente* (Oliveira Jr., 2009, p.20/21)”. Nesse caso, *tornar existente* para o mundo *imagens-palavras/mapas-cartas* que compõem a cartografia de um determinado *Coletivo* e fazer circular esses dizeres/multiplicidades em outros territórios, para outras coletividades.

Isso é também ativar a potência do trabalho como máquina de guerra, ou para pensar um termo próprio das *Cartografias Afetivas*, uma **máquina de pensar-fazer-dizer** cidades, que pode se infiltrar em diversos meios, como uma caixa de ferramentas - mas de ferramentas-*contra* qualquer tipo de soberania, inclusive do estado, nas instituições, em relação aos corpos e aos modos de existência - que opera em oposição ao dito estabelecido em espaços institucionais e não institucionais da cidade, questionando constantemente: como nossos corpos são afetados pela cidade? Como os sujeitos das experiências se relacionam com seus lugares? O que podem dizer de suas

experiências urbanas? Como estimular as potências de um território por meio dos afetos e da arte?

MÁQUINA DE PENSAR-FAZER-DIZER



54

Para formular essa máquina própria e seguir pensando seus princípios, continuo com as perguntas: quais as potências da pesquisa-intervenção *Cartografias Afetivas* como máquina de pensar-fazer-dizer? O que pode insurgir de experiências transversais em diferentes territórios na cidade? O que pode insurgir de experiências transversais em espaços escolares e não-escolares de educação? O que pode insurgir de experiências transversais em contextos periféricos? Como e por que desenvolver dispositivos para construir uma arte-educação-urbana?

Essa metodologia não opera apenas em escolas, mas está totalmente atrelada à potência do espaço escolar como uma espécie de lugar-primeiro, lugar-disparador/ de encontros e criação de redes em ações de

⁵⁴Fotografia | Oficina [cartas para a minha escola] | Acervo Cartografias Afetivas, 2023.

arte-educação-urbana, mas educação não se faz só na escola, principalmente educação urbana. A composição com a *filosofia da diferença* me faz pensar nas “*Cartografias Afetivas*” como uma *máquina de guerra*, termo cunhado por Gilles Deleuze e Félix Guattari⁵⁵, que diz respeito a “uma produção contínua de afirmações e intensidades (Trindade, 2021, recurso online)”, uma potência criativa, inventiva, que por desvios, fluxos e transformações se manifesta, podendo se infiltrar por muitos espaços e/ou pelo tecido urbano contra a soberania e a captura do estado. Para os autores, todo agenciamento se divide em, “por um lado, agenciamento maquínico, por outro, e ao mesmo tempo, agenciamento de enunciação (Deleuze; Guattari, 1997, p.233)”, sendo um *agenciamento*

todo conjunto de singularidades e de traços extraídos do fluxo - selecionados, organizados, estratificados - de maneira a convergir (consistência) artificialmente e naturalmente: um agenciamento, nesse sentido, é uma verdadeira invenção (Deleuze; Guattari, 1997, p.94).

O conjunto de práticas constantemente inventadas para enfrentar as mais diversas situações escolares, não-escolares, urbanas e/ou rurais por onde as *Cartografias Afetivas* possam transitar é extraído dos fluxos e das singularidades de cada território, pois “o território cria o agenciamento (Deleuze; Guattari, 1997, p.232)”, que surge em conteúdo e expressão a fim de realizar uma prospecção cartográfica de múltiplas experiências urbanas e/ou de tensionar as relações de poder no espaço urbano através dos atos-movimentos de criação. Ao selecionar, organizar e estratificar os traços e singularidades dos territórios, os agenciamentos são criados ou recriados para ocasionar meios e formas para a circulação da palavra, do pensamento crítico em movimentos de *escuta, formação e criação*.

Para Rolnik “a prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo social (Rolnik, 2016, p.65)”. Nesse sentido, o que diferencia esta cartografia de outras é que ela é constituída na investigação das estratégias do desejo no que tange a experiência urbana,

⁵⁵No “Tratado de nomadologia” (12º platô) do livro “Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 5”.

com especial interesse na experiência urbana-periférica. Seus agenciamentos convergem em consistência, natural e artificialmente, para que a experiência do corpo na cidade, quando compartilhada coletivamente em diversas proposições de *arte-educação-urbana*, possa ser disparadora de outros modos de *fazer-pensar-dizer* as cidades. Como metodologia, as *Cartografias Afetivas* são uma aposta nas potências da *arte-educação-urbana* como prática possível na luta contra o regime *colonial-racial-patriarcal-capitalista*⁵⁶ que opera e produz efeitos diretos na organização e na disposição do espaço urbano, fazendo com que as cidades se tornem cada vez mais desiguais e excludentes.

Ao perscrutar a experiência urbana, como urbanista-cartógrafa-artista-etc, construo a possibilidade de inserir a problemática do inconsciente, ao mesmo tempo, no campo do urbanismo, da educação e das artes-visuais-urbanas. Ao escrever uma dissertação a respeito das *Cartografias Afetivas* como metodologia de pesquisa-intervenção em trânsito pela academia, especialmente na faculdade de educação e em diálogo com outros campos durante todo o percurso formativo, construo a possibilidade de ativar e ampliar as potências *micro e macropolíticas* deste trabalho transversal e transdisciplinar, de forma que sua transversalidade e transdisciplinaridade também possam se efetuar pela produção científica de saberes. Nesse caso, qual seria então o nosso modo de combate e *terceiro princípio* de arte-educação-urbana?

Propor movimentos de escuta, formação e criação para produzir modos de pensar-fazer-dizer cidade / contribuir na construção de subjetividades outras como uma *máquina de pensar-fazer-dizer*.

CARTOGRAFIAS AFETIVAS E ESQUIZOANÁLISE - COMPOSIÇÕES

O livro *O anti-Édipo* foi publicado em 1972 como reflexo dos efeitos de Maio de 1968⁵⁷ na França, sua escrita se deu a partir do encontro entre um

⁵⁶ Termo criado por Suely Rolnik, que vem ganhando novas palavras em sua composição nos últimos anos e é utilizada atualmente desta forma pela autora, com referência no texto “As aranhas, os Guarani e os Guattari: Por que importa ativar a força micropolítica do trabalho com o inconsciente?”, publicado no livro “Psicanálise e esquizoanálise: diferença e repetição”, em 2022 (Org. Anderson Santos).

⁵⁷Movimento político na França marcado por um período de protestos massivos liderados por estudantes e trabalhadores por mudanças sociais, políticas e culturais.

filósofo e um psicanalista-ativista, Gilles Deleuze e Félix Guattari respectivamente, visando “primeiramente compreender, com um recurso à noção de inconsciente, o que La Boétie⁵⁸ chamou de servidão voluntária. Por que desejamos a servidão como se fosse liberdade? (Agostinho, 2022, p.17)”. Essa pergunta me faz retornar ao incômodo que senti anos atrás quando ouvi os sonhos-necessidades dos alunos na *Oficina Mural dos Sonhos*. Faço um breve paralelo antes de seguir, retomando a seguinte questão: por que aquela coletividade sonhava/desejava a servidão como se fosse liberdade?

O conceito de *esquizoanálise* aparece pela primeira vez nessa publicação, onde os autores buscavam “repensar a relação entre recalque do desejo e repressão no interior da vida social (Agostinho, 2022, p.17)”, no contexto político do neoliberalismo e da repressão que esse regime instaurou nos modos de vida da população francesa naquele tempo-espço. Esse termo continuou sendo “elaborado e desenvolvido ao longo de pelo menos duas décadas, principalmente na obra de Guattari, até *Cartografias esquizoanalíticas*, publicado em 1989 (Agostinho, 2022, p.15)”.

Na América Latina a *esquizoanálise* chegou “como uma corrente. Não daquelas que aprisionam ou formam uma escola [...] (Santos, 2022, p.85), mas um outro tipo de corrente, “tal como a água de um rio que escoo construindo fluxos e agenciamentos entre os campos da saúde mental, da análise institucional, ciências sociais, artes e outros tantos campos (Santos, 2022, p.85)”. Nesse trânsito *entre* campos/de conhecimento, lugares, espaços, cidades, bairros, penso com Anderson Santos (2022), que, no texto “Devir-esquizoanalista: Por uma psicanálise menor”, retoma Félix Guattari e alerta sobre a importância *individual e coletiva* de implicação com a problemática do inconsciente em nosso tempo, em diferentes campos de conhecimento e esferas da sociedade:

Vale lembrar, que Guattari em sua obra clínica, filosófica e política (com e sem Deleuze), apontou a existência da problemática do inconsciente no campo social como uma questão não apenas para psiquiatras, psicanalistas e psicoterapeutas, mas para toda uma comunidade, coletividade ou grupo de militantes, pois isso atravessa cada um de nós e nos leva a questões políticas. Resulta disso que a preocupação com os problemas das formações do

⁵⁸ La Boétie: humanista e filósofo francês.

inconsciente é, a um só tempo, pessoal e extrapessoal, de modo que não devemos deixar de dar a devida atenção à luta de classes, às questões raciais, de sexualidade, gênero, ecossistema, do desejo etc (Santos, 2022, p.89).

A pesquisa *Cartografias Afetivas* constitui uma *máquina de pensar-fazer-dizer modos de vida na cidade*, a qual nasce na periferia e vai da periferia para outras periferias e outros espaços urbanos, são intervenções contra a colonização do pensamento e do inconsciente, da cidade e na cidade. Há uma preocupação com as formações inconscientes e as paisagens psicossociais que se estabelecem nos diferentes territórios urbanos; por isso, essa metodologia pessoal e extrapessoal dá passagem aos afetos em seus movimentos de escuta, formação e criação, permitindo uma prospecção cartográfica dos movimentos do desejo em diferentes experiências singulares e coletivas de cidade *sob o regime de inconsciente colonial-racial-patriarcal-capitalista*.

A ética periférica, pela qual escolho operar com esta pesquisa-intervenção, é uma forma de visibilizar a experiência periférica e as vozes da periferia a partir das palavras da própria comunidade, por meio da arte. Meu desejo é seguir realizando circuitos de intervenções em escolas públicas, especialmente em periferias, para alunos de diferentes faixas-etárias, realizando intervenções artísticas no espaço urbano ou outros desdobramentos, como publicações, produções audiovisuais, etc. Para isso, trabalho com editais de cultura que possam viabilizar as ações ou de forma independente, com proposições que eu possa realizar sem uma equipe específica.

Entretanto, atualmente o trabalho também está na universidade e circula pelo universo acadêmico em forma de dissertação, artigos, apresentações, oficinas, minicursos, entre outros. Decerto que circula pela periferia da academia, uma vez que não é uma pesquisa convencional e foi construída de forma *labiríntica, fragmentária e rizomática*, a posteriori das primeiras intervenções (que ocorreram entre 2019-2022) e simultaneamente a outras experiências práticas. Penso isso também por ser um trabalho com ampla presença de imagens-palavras-caminhos, algo que por vezes não 'cabe' nos formatos acadêmicos. Além disso, no último ano, fui convidada para realizar proposições

dessa metodologia: primeiro, pela Secretaria de Segurança Urbana e Cidadania (Sesuc), que atua em escolas de territórios periféricos e na escola do presídio local; depois, por uma unidade do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), na zona sul da cidade, em uma região de vulnerabilidade social, o bairro Ipiranga, em Juiz de Fora.

Nas duas situações, tive a oportunidade de apresentar o trabalho para as equipes e combinamos de realizar ações futuramente. Essas são ações que pretendo retomar nos próximos meses, após a finalização do mestrado, mas as pontuo aqui para dizer-pensar que há muitos lugares possíveis para as *Cartografias Afetivas*, ou seja, outras periferias da/na cidade. Não sei como seria trabalhar no contexto de um presídio ou com pessoas em situação de sofrimento mental. Diante dessa possibilidade, me pergunto: como seriam essas paisagens psicossociais? Como escutar, formar e criar pontes de linguagem possíveis nesses territórios?

Na função de analistas, afetamos e somos afetados ao abrir nossa escuta a narrativas de múltiplos mundos. Ao praticarmos a escuta em sua radicalidade, em sua diferença, podemos produzir uma abertura da percepção, dos poros mais profundos onde o pensamento edipiano e colonial não possui lugar, exceto para ser destituído de poder. O inconsciente, potência que germina mais vida, flui através de encontros e agenciamentos, encontra-se com a multiplicidade e a “heterogênesse dos processos criativos na produção de subjetividade” como disse Osvaldo Saidón (Santos, 2022, p.104).

Na posição de cartógrafa-pesquisadora, estou em posição de analista do desejo na experiência urbana (no campo social). De acordo com Guattari, a esquizoanálise pode ser compreendida como “a análise da incidência dos agenciamentos de enunciação sobre as produções semióticas e subjetivas, em um contexto problemático dado (Guattari, 2008, p.2)”. Seria esse o exercício que faço constantemente ao me questionar como os agenciamentos criados para as *Cartografias Afetivas* incidem nos territórios em que atuamos? Que produções semióticas e subjetivas emergem em cada tipo de proposição?

Em meu projeto de pesquisa, anunciei o desejo de que a experiência na E.M. Dante Jaime Brochado pudesse ser objeto de análise. Entretanto, nos últimos dois anos, pude experimentar outros agenciamentos possíveis, pude percorrer outros territórios com as *Cartografias Afetivas*, pois realizei novos

circuitos de proposições coletivas, intervenções artísticas, oficinas, além dos encontros propiciados pela experiência universitária na pós-graduação, com professores, pesquisadores, autores, conceitos e múltiplas perspectivas de mundo. Dessa forma, o acervo de cartografias cresceu, se ampliou e novos afetos foram produzidos com esses encontros, ocasionando reverberações na construção da dissertação.

Com essas outras experiências e seus afetos, outras perguntas se fazem necessárias no sentido de começar desde já a pensar a metodologia de forma mais ampla: como os afetos circulam na experiência urbana de alunos adolescentes em territórios periféricos? E em territórios não periféricos? E na experiência de alunos da Educação de Jovens e Adultos? De crianças? De idosos? De pessoas em sofrimento psíquico? De pessoas que estão em situação prisional? O que cada tipo de coletividade pensa sobre a experiência urbana? Como produzem suas experiências urbanas e o que podem dizer sobre? Que estratégias? Que meios percorrem? Que palavras? Que imagens usam para construir seus mapas-afetivos da/na cidade?

Não pretendo responder a todas essas questões, que são uma mistura entre as experiências vividas e o que está por vir, o desejo que emerge a partir da escrita deste texto e aquilo que acredito ser a principal potência desta máquina, que também pode entrar como um quarto princípio: **criar intervenções porosas-permeáveis aos mais diversos e múltiplos campos-espacos-territórios-cidades-comunidades-públicos-meios-etc / promover contágios de arte-educação-urbana.**

Hoje percebo que há um interesse especial em criar cartografias a partir dos afetos que se constituem em experiências urbanas-periféricas e realizar intervenções em territórios periféricos, como se as periferias fossem as *Áreas de Especial Interesse Social* (AEIS) nesta pesquisa, tal qual nas cartografias produzidas nos processos tradicionais de planejamento urbano. Isso está relacionado à minha vivência de corpo-na/da-periferia e reverbera na pesquisa como uma ética, embora a **arte-educação-urbana** possa circular em qualquer lugar. Minha pesquisa seria um dos lugares possíveis, nessa perspectiva, pois concebe a arte-educação-urbana como conjunto de possibilidades conceituais para outras iniciativas de educação com/na cidade.

Dependendo da situação, da oportunidade, de algum convite, como são os territórios que criam os agenciamentos, é possível preservar a potência da metodologia enquanto máquina de pensar-fazer-dizer cidades em qualquer lugar, criando meios e pontes de linguagens que façam sentido para as diferentes coletividades envolvidas. De acordo com Guattari, “importará um constante questionamento dos agenciamentos analisadores, em função de seus efeitos de feed-back sobre os dados analíticos (Guattari, 2008, p.4)”. Por vezes me perguntei se seria necessário definir um público alvo específico de trabalho com essa metodologia, contudo, o *saber da experiência* e os efeitos promovidos pelos agenciamentos sobre os dados analíticos de pesquisa tem me mostrado que, para praticar arte-educação-urbana, não importa onde e com quem, pois todo e qualquer público pode ser candidato a pensar-fazer-dizer as cidades de amanhã.

Em composição com Gilles Deleuze (1993) e João Perci Schiavon (2022), gosto de pensar que *Cartografias Afetivas* é um trabalho que se faz em movimentos de *crítica e clínica*⁵⁹, “crítica por investigar desde onde se pensa e quais são as consequências desse pensar, e clínica por se dedicar à correção do rumo subjetivo (ou, ao modo espinosista, do intelecto), desimpedido o acesso ativo à linguagem do corpo (Schiavon, 2022, p.111)”.

De onde cada um pensa a relação com a cidade? Com a rua? Com o bairro? Quais os rumos subjetivos das cidades atualmente em seus diferentes territórios? Os movimentos do desejo são diferentes nos diferentes territórios urbanos? O que tem de diferente? A arte como ferramenta para uma educação visual-urbana pode produzir efeitos na construção subjetiva periférica e não-periférica? Uma instalação artística? Uma intervenção urbana? Um livro? Uma colagem? Uma pintura? Uma fotografia? Um vídeo? Um fotolivro?

Vejam esta imagem, é uma fotografia da última intervenção que realizei neste ano (2024), no mês de maio. A colagem, criada digitalmente, foi instalada no muro externo da E.M. Dante Jaime Brochado, mesmo local onde, em 2021, construímos o primeiro painel *Cartografias Afetivas*, como desdobramento do

⁵⁹ Livro de Gilles Deleuze, publicado em 1993, ao qual João Perci Schiavon faz referência no texto “Terras Freudianas” (2022), publicado no livro “Psicanálise e esquizoanálise: diferença e composição”.

circuito nº 1 com alunos do 9º ano. Desta vez foi diferente, o painel anterior estava desgastado, já tinha perdido quase toda a cor e recebi o convite da Prefeitura de Juiz de Fora, em parceria com a TV Integração, para montar um novo painel durante o evento Nós na Praça, que ocorreu no bairro Santo Antônio.



60

Essa foi uma intervenção pontual, não foi desdobramento de um circuito coletivo, como apresentei no caso do circuito nº 1. Entretanto, também é uma intervenção transversal, onde a paisagem do próprio bairro foi base para as duas colagens ao fundo, componentes da série [tipologias errantes], que transformam os elementos tipológicos da arquitetura local em alguma outra coisa, que pode comunicar imageticamente, ao mesmo tempo, a possibilidade do novo, do sonho, da diferença, da arte. Além disso, para a ocasião, escolhi desenvolver a intervenção como se estivesse fazendo uma colagem no papel, pelo menos em partes. A partir das colagens-componentes das *Cartografias Afetivas*, trabalhei

⁶⁰Fotografia e colagem | Instalação urbana no bairro Santo Antônio | Acervo Cartografias Afetivas, 2024.

com uma série de palavras reunidas de meios diversos: livros, revistas, pdf's, colagens minhas, fotografias do acervo, etc.

A disposição das palavras em composição com as duas obras [portas e portões] ocorreu coletivamente, com a participação de três amigos, crianças e adolescentes que estavam no evento. As palavras e as imagens, escolhidas previamente uma a uma, puderam circular para além daquilo que pensei ao reuni-las, puderam ganhar novos significados à medida que foram ao encontro de outras pessoas, no dia da montagem e agora, no dia a dia do bairro. Esse é o sentido das intervenções, nunca algo que esteja fixado em um interesse individual ou de um grupo, sempre algo que possa multiplicar os afetos em movimentos de crítica e clínica. Para concluir, momentaneamente, mas continuar pensando na construção destas *Cartografias Afetivas*, reuni os princípios pensados ao longo do capítulo, de forma que esse trabalho também possa, talvez, produzir esses dois movimentos com os leitores.



⁶¹Fotografia e colagem | Instalação urbana no bairro Santo Antônio | Acervo Cartografias Afetivas, 2024

5 PRINCÍPIOS *CARTOGRAFIAS AFETIVAS* EXPERIMENTAÇÕES DE *ARTE-EDUCAÇÃO-URBANA*

1

propor modos criativos e inventivos de expressão sobre a experiência urbana/ construir e ampliar o repertório imagético nos diferentes espaços e territórios.

2

criar espaços de dizer / transitar entre Coletivos e territórios (físicos e existenciais) / transformar paisagens urbanas e psicossociais por meio da arte.

3

propor movimentos de escuta, formação e criação para produzir modos de pensar-fazer-dizer cidade / contribuir na construção de subjetividades outras como uma *máquina de pensar-fazer-dizer*.

4

criar intervenções porosas-permeáveis aos mais diversos e múltiplos campos-espaços-territórios-cidades-comunidades-públicos-meios-etc / promover contágios de arte-educação-urbana.

5

partir do anti-princípio de uma ética periférica / contra-colonial / da diferença / da multiplicidade

4 | [modos de dizer]

4.1 | [cartas para o meu lugar]



62

A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos, narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar seus vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. [...] (Carta do Achamento do Brasil, 1500).

ETIM(1254) latim *charta,ae* ou *carta,ae* 'folha de papiro preparada para receber a escrita; folha de papel', do grego *kártēs*, ou 'id.' Gênero textual dialógico, ou seja, ela tem como principal objetivo estabelecer uma conversa entre dois interlocutores específicos. Também pode ser direcionada à determinada instituição, ter certo viés crítico social e ser de domínio público (carta aberta).⁶³

As cartas têm história dentro nossa história, passaram por muitas significações e por mais que hoje estejam mais ou menos em desuso,

⁶²Colagem | Fotografia | Acervo Cartografias Afetivas, 2021 | 9º ano- E.M Dante Jaime Brochado- Sto. Antônio

⁶³Trecho construído por mim com base no cruzamento dos significados mais populares que encontrei para *carta* na internet.

culturalmente elas se consolidaram como **um meio**, um **meio de comunicação**, uma possibilidade de endereçar um dizer algo a uma ou a várias pessoas, de expressar sentimentos, de declarar intenções, desejos, de fazer comunicados formais ou reflexões íntimas. Se transformaram, ao longo do tempo, em relação aos modos de fazer, aos seus usos, passaram pelos mais diversos suportes materiais e se tornaram um meio palpável para a transmissão de informações e pensamentos. Como materialidade também são um **meio de criação**, onde as singularidades têm a possibilidade de emergir seja nas diferentes caligrafias ou formas de escrita possíveis, a folha em branco é um convite à criação, as cartas são um convite à invenção. Esse é o convite que faço com **[cartas para o meu lugar]**, embora caiba perguntar, por que criar cartas para algum lugar? Para que lugar ou que lugares você gostaria de mandar uma carta? O que você diria em uma carta que é endereçada para um lugar? Que lugar você escolheria como seu para endereçar um dizer?

carta *sf.* ‘comunicação devidamente acondicionada e endereçada a uma ou várias pessoas’ XIII; ‘mapa’ 1813. Do lat. *charta*, deriv. do gr. *chártēs* || **cartada** *sf.* ‘lance no jogo de cartas’ *fig.* ação decisiva ou arriscada’ XVIII || **cartalogia** *sf.* ‘coleção de cartas geográficas’ 1881 || **cartão** *sm.* ‘papelão, cartolina’ ‘retângulo de papelão utilizado para nele se escrever’ XVII. Do fr. *carton*, deriv. do it. *cartone* || **cartapácio** *sm.* ‘carta muito grande’ ‘alfarrábio, calhamaço’ XVII. De um composto ou deriv. de *carta* + *pácio*, de origem incerta || **cartário** *sm.* ‘tombo, arquivo’ | *-tareo* XV, *-tairo* XV | Do lat. *chartārium -ī* || **cartaz** *sm.* ‘impresso próprio para afixação em ambientes amplos ou ao ar livre, e que traz anúncio comercial ou de exposições etc.’ XVI. Do ár. *qarMās*, deriv. do gr. *chártēs* || **carteira** *sf.* ‘bolsa para documentos, dinheiro etc.’ ‘mesa para

64

Ao longo da história, as cartas também funcionam como um **meio de dominação**, enquanto componente cartográfico, como possibilidade de representação de um território e como um instrumento político, militar e econômico. A imagem que abre o texto é fragmento de uma carta-colagem feita em 2021, por adolescentes da periferia de Juiz de Fora, seguida pelo fragmento

⁶⁴Imagem do “Dicionário etimológico da língua portuguesa.” (2007) de Antônio Geraldo da Cunha.

da carta que Pero Vaz de Caminha enviou aos portugueses com o relato da viagem e suas primeiras *impressões*⁶⁵ sobre o Brasil. Os fragmentos abrem o texto como lembrança e reflexão textual-imagética sobre a força brutal que uma narrativa pode adquirir na sociedade, sobretudo quando não existe a possibilidade de contrapontos, como foi o caso no processo de colonização do Brasil. Essa carta⁶⁶ é o primeiro documento escrito na história do nosso país e tem grande importância enquanto registro histórico e materialidade para muitas áreas de conhecimento como nos campos da história, geografia, literatura, urbanismo, biologia, entre outros. Por outro lado, até agora estamos lidando com os impactos profundos e duradouros dessa construção narrativa unilateral, são palavras escritas em um papel que, há 523 anos, ilustram e documentam os movimentos de chegada, invasão, ocupação e exploração do nosso território e de nossa ancestralidade. As cartas e outras manifestações do período do quinhentismo compõem uma cartografia da colonização, que há muito tempo é considerada um modelo, mas que, entretanto, perpétua modos de existência cristalizados, invasivos, exploratórios e hegemônicos. Para o professor e geógrafo Wenceslao de Oliveira,

Os mapas fazem, portanto, parte da ficção que o Estado cria, dos discursos de verdade que circulam entre nós. Eles, os mapas, estão a nos educar o pensamento por meio da educação dos olhos para esta ficção, uma educação que nos leva a memorizar as fronteiras políticas como a única maneira de nos movimentarmos, encontrarmos os lugares, referenciá-los, relacioná-los uns aos outros – nas obras cartográficas. Uma evidente política de criação de uma memória pública. Podemos dizer que este é um gesto cultural, nada inocente, de apagamento de outras maneiras de imaginar o espaço, de relacionar lugares, de estabelecer conexões e ações territoriais que não aquele ancorado nas marcas territoriais implementadas e reguladas pelo Estado (Oliveira, 2011, p.6).

⁶⁵“A carta tem uma estrutura interessante porque é composta por trechos do diário de bordo, sendo uma espécie de colagem de passagens do diário, seguindo cronologicamente, dia a dia, e contendo também seções específicas do gênero carta, como a introdução e a petição final.” Sheila Hue em entrevista para o jornal da UNICAMP em 13/09/2021.

⁶⁶“A “Carta” nos surpreende com questões que, até hoje, mais de 500 anos depois, permanecem agudamente presentes, tais como a ameaça da mineração aos povos indígenas, o direito à propriedade da terra e o apagamento de vozes não europeias”. Fragmento da descrição do livro “Carta de achamento do Brasil”, edição comentada por Sheila Hue, escrito pela autora.

O *regime colonial-capitalístico*, em sua esfera macropolítica, consolida e sustenta ao longo do tempo o uso da cartografia como meio de dominação tanto em mapas políticos construídos e/ou utilizados por e para profissionais de diversos campos, quanto em mapas que circulam em livros didáticos escolares, dinâmica que tem como objetivo a disseminação de narrativas hegemônicas desde a infância e o fortalecimento de um projeto de Brasil. Através dessas formas de apagamento como estratégia política, vão se perpetuando fabulações planejadas do mundo e impossibilitando que histórias outras possam ser contadas. Como disse o professor, além de ser um tipo de política, essas práticas também podem ser lidas como um gesto cultural que não é inocente. Se pensarmos em uma escola, dependendo do contexto, isso poderia refletir em um tipo de educação onde a experiência, os sentidos, a reflexão crítica e a imaginação seriam estrategicamente tolhidas. Coloco-me, então, a pensar: no Brasil de 2023, que tipo de cartografia estamos escrevendo para o futuro? Como amplificar novas vozes e mais vozes? Quais são as narrativas do nosso tempo? Como cada um encontra seus modos de dizer os afetos em relação aos lugares?

[cartas para o meu lugar] é um dos dispositivos de *arte-educação-urbana* na produção das "*Cartografias Afetivas*", essa pesquisa que se propõe a construir laços prático-afetivos entre urbanismo, educação, artes visuais, arquitetura, filosofia da diferença e psicanálise para realizar intervenções transversais e transdisciplinares. O exercício em questão tem como objetivo caminhar em direção ao desvelar de *lugares geopsíquicos* e das geografias emocionais de cada um. Por isso, as cartas são pensadas como **um meio de expressão contra-hegemônico**, onde as palavras e as imagens são como instrumentos de navegação para refletir sobre a experiência urbana em diferentes contextos sociais, geográficos e criar *linhas/de fuga* para fora do império. Pensando a cidade como espaço para a produção de vida, onde entre dinâmicas terrestres e psíquicas constituímos nossos lugares, os afetos têm a possibilidade de emergir por meio de palavras e imagens: palavras faladas, escritas, recortadas, imagens construídas, combinadas, desenhadas ou pintadas em colagens manuais. As cartas começam pela folha em branco, os planos que se apresentam são múltiplos e simbólicos, são os planos da experiência de cada pessoa que participa da atividade e que, por meio do encontro com imagens e

palavras, podem descobrir suas próprias formas de compor. A composição é a chave de uma colagem, que se constrói por fragmentos deslocados e condensados das mais diversas formas. Assim como foi dito no capítulo anterior, essas tablaturas imagéticas compostas por cada um, compõem nosso acervo e são os componentes cartográficos dessa *metodologia*.

Essa proposição já foi realizada em quatro contextos distintos e mudou de nome duas vezes: inicialmente, chamei de “[criação]”, depois “[cartas para o meu bairro]” e agora estou nomeando como “[cartas para o meu lugar]”. Esse movimento com as palavras foi disparado pela própria experiência em cada um dos lugares: na E.M. Dante Jaime Brochado, no bairro Santo Antônio em novembro de 2021 com a turma do 9º ano; na UFJF, com os alunos da graduação em geografia na disciplina "Reflexões sobre a atuação no espaço escolar II" em dezembro de 2022; na E.M. Professora Helena Antifpoff, em Rosário de Minas (zona rural, distrito de Juiz de Fora), com as turmas do 8º e 9º anos em maio de 2023; e com o grupo GhEnTE (Geografia Humanista-Ensino-Teoria-Experiência), em junho de 2023, via *google meet*. Entretanto, para este texto, trago como disparadores duas dessas experiências, que são as realizadas nas escolas municipais, pela proximidade do contexto de realização, porque foram duas turmas da mesma faixa-etária, porque nas duas ocasiões tive a oportunidade de mapear os territórios para além dos muros das escolas e porque, a partir desses dois casos, foi possível aproximar e singularizar paisagens psicossociais de uma periferia urbana e uma periferia rural.

O exercício se organiza em três momentos, que não necessariamente acontecem sempre na mesma ordem, são eles: escuta, criação e formação, que são dinâmicas coletivas, nas quais apenas as cartas são produzidas individualmente ou em grupos menores, abrindo espaço para a circulação da palavra, para a experiência e para o encontro entre multiplicidades e singularidades. As *cartas-colagem* são **um meio para mapear os afetos** produzidos em diferentes realidades urbanas-rurais. Ao mapear os afetos, construímos uma cartografia da paisagem psicossocial de cada território, nesta cartografia as cartas-colagens são como mapas que

[...] se superpõem de tal maneira que cada um encontra no seguinte um remanejamento, em vez de encontrar nos precedentes uma origem: de um mapa a outro, não se trata da busca de uma origem, mas de uma avaliação dos deslocamentos (Deleuze, 1997, p.75).

Entre os dispositivos de arte-educação-urbana da pesquisa estão, as *[cartas para o meu lugar]* e outras *proposições, exercícios, atividades, oficinas, práticas, intervenções, entre outros*. Na verdade, utilizo cada uma dessas palavras como 'máscaras' para as múltiplas camadas que podem se desdobrar desta pesquisa. Para as cartas-colagem, gostaria de evocar a palavra **exercício** e pensá-las como uma *prática para / exercitar sentidos / imaginação / escuta / criatividade / gesto/ atenção / olhar / tato*.

exercício / *substantivo masculino*

1. ato de exercer ou exercitar; uso, prática.
2. atividade que se pratica para aperfeiçoar ou desenvolver uma habilidade, qualidade, capacidade etc.

Origem © ETIM(sXIV) latim *exercitium*, *ii* 'exercício, prática'⁶⁷



⁶⁷Modelo importado da pesquisa direta no dicionário de português da Google, que é facilitado pela Oxford languages, editora mundial de dicionários que utiliza a abordagem empírica da da lexicografia descritiva na construção de seu acervo.

⁶⁸Colagem | Fotografia | Acervo Cartografias Afetivas, 2021 | 9º ano - E.M Dante Jaime Brochado- Sto. Antônio

Ao mesmo tempo, os alunos e eu exercitamos sentidos durante os três momentos-gestos que compõem o exercício, o primeiro deles é a *escuta*. No livro “Lugar Geopsíquico: onde a geografia e a psicanálise se encontram”, a professora e geógrafa Juliana Dias, que também é minha orientadora neste percurso do mestrado, produz encontros entre geografia e psicanálise, apresentando contribuições práticas-epistemológicas-éticas possíveis, que têm me inspirado enquanto dispositivos metodológicos no fazer das *Cartografias Afetivas*. Para seguir apresentando o primeiro momento do exercício, gostaria de trazer um fragmento sobre a **geografia da escuta**:

A escuta na Geografia pode nos aproximar daquilo que, em outros tempos e lugares foi vivido, é lembrado por cada pessoa, em um exercício que exige escuta sobre o lembrar e esquecer. A Geografia da Escuta não diz ou supõe o que o outro não disse, mas trabalha com aquilo que alguém tem a possibilidade de nos dizer. A Geografia da Escuta considera as palavras ditas e não aquelas que um ouvinte poderia especular, pois não é disso que se trata. Com base no método psicanalítico da associação livre e respeitadas as especificidades de cada campo de exercício profissional, a regra, com inspiração freudiana, é simples: alguém fala, então, vamos escutar. Como? Irá depender das circunstâncias em que essa possibilidade se fez presente (Dias, 2022, p. 54/55).

Esse modo de fazer *geografia marcado pela psicanálise* tem inspirado meu modo de fazer *cartografia-urbanismo*. Os encontros se iniciam com espaços de circulação de palavra, onde os *sujeitos da experiência*⁶⁹ falam, e eu me coloco a *escutar*. O primeiro gesto é convidar os grupos a se apresentarem e falarem sobre suas experiências urbanas-rurais. Enquanto os escuto, crio mapas-palavras-caminhos no caderno, que é um dos meus *instrumentos de cartógrafa*. Na experiência com a E. M. Prof. Helena Antipoff eram **23 alunos**, 1 do **Rio de Janeiro**, 1 de **Vitória** e entre os 21 alunos de Minas Gerais, 12 relataram ser de **Rosário de Minas**, 7 de **Juiz de Fora**, 1 de **Santana** (vilarejo próximo à Rosário de Minas) e 1 de **Lima Duarte**. A diferença no sentido de pertencimento de cada um foi algo que me chamou a atenção, pois estávamos falando de

⁶⁹Utilizo o termo “sujeito da experiência” pensando a experiência das Cartografias Afetivas (em referência à Jorge Larrosa) para diferenciar do sentido de sujeito para a psicanálise, considerando que não estou no lugar de analista na escola, mas sim de cartógrafa-urbanista-artista-educadora.

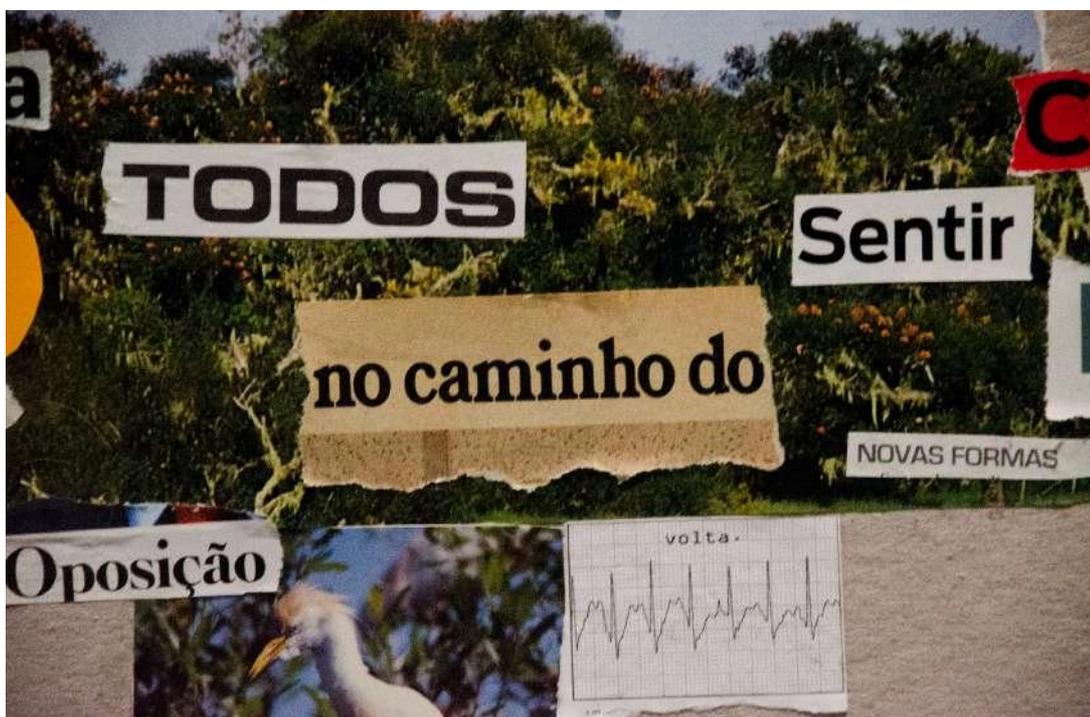
experiência urbana-rural a partir do distrito de Rosário de Minas e *daquilo que pude escutar* perguntando “de onde” eram. No entanto, parece que a maioria não estava pensando apenas em *localização geográfica*, mas também se tratava de uma conversa sobre *lugares geopsíquicos*. Aproveitei o fio para fazer perguntas sobre o cotidiano, sobre como era para eles o dia a dia em Rosário, com que frequência iam a Juiz de Fora, se costumavam viajar para outras cidades e, dessa forma, eles se colocaram a me contar geograficamente suas histórias e seus afetos em relação aos lugares. Estávamos fazendo juntos cartografia, urbanismo e geografia por meio das palavras-caminho, criando mapas mentais dos meios que cada um percorre. Ainda que não saiba, a criança traça mapas o tempo inteiro, as qualidades, substâncias, potências e acontecimentos do meio em que vivem são os elementos para a construção de sua cartografia afetiva. Os alunos estavam traçando mapas por meio da palavra sobre suas experiências urbanas-rurais, enquanto eu me aproximava de suas geograficidades por meio de uma geografia da escuta.

A criança não para de dizer o que faz ou tenta fazer: explorar os meios, por trajetos dinâmicos, e traçar o mapa correspondente. Os mapas dos trajetos são essenciais à atividade psíquica (Deleuze, 1997, p.73).

Busco exercitar um modo de fazer arte-educação-urbana que seja com *“com pessoas e suas singularidades. Com vozes e gestos. Com lembranças, esquecimentos e imaginação. Com presenças e ausências. Com sonhos, chistes, sintomas e atos falhos. Com o inconsciente. Com escuta. Com palavra”* (Dias, 2022, p.45). Tudo é parte, tudo é surpresa, *“diversidade e encanto”* ao mergulhar na experiência da geografia da escuta e na geografia dos afetos junto com cada coletividade. Mas *“o fato é que vivemos um momento particularmente aflitivo, no tocante aos afetos que o contexto social nos inspira”* (Pelbart, 2003, p. 111), como afirma Peter Pál Pelbart, e o mesmo acontece em relação ao contexto urbano. Independentemente da localização geográfica, urbano-social caminham juntos numa relação que faz emergir bem mais conflitos do que consonâncias, mais afetos tristes que alegres, sobretudo no que tange às periferias urbanas-rurais.



70



71

⁷⁰Colagem | Fotografia | Acervo Cartografias Afetivas, 2021| 9º ano - E.M. Dante Jaime Brochado- Sto. Antônio

⁷¹Idem.



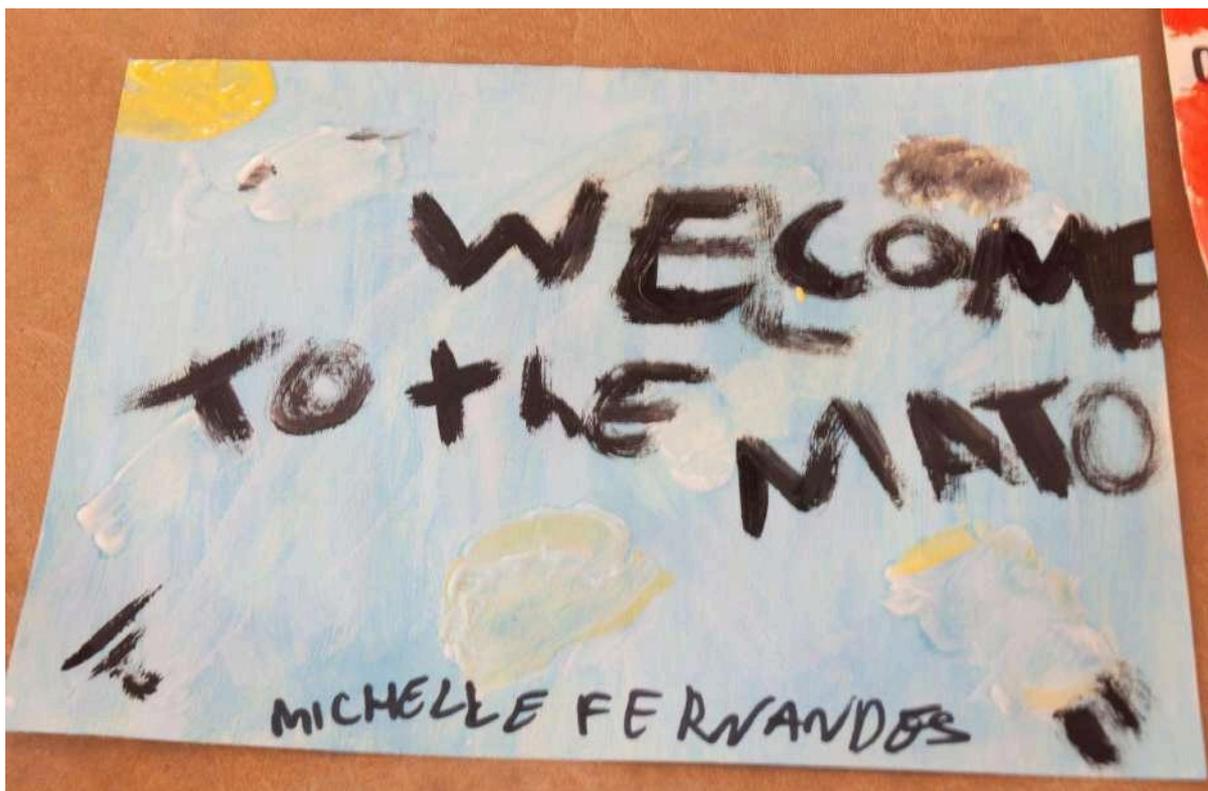
72



73

⁷²Colagem | Fotografia | Acervo Cartografias Afetivas, 2021 | 9º ano - E.M Dante Jaime Brochado- Sto. Antônio

⁷³Pintura | Fotografia | Acervo Cartografias Afetivas, 2021 | 9º ano - E.M Prof. Helena Antipoff- Ros. de Minas



74



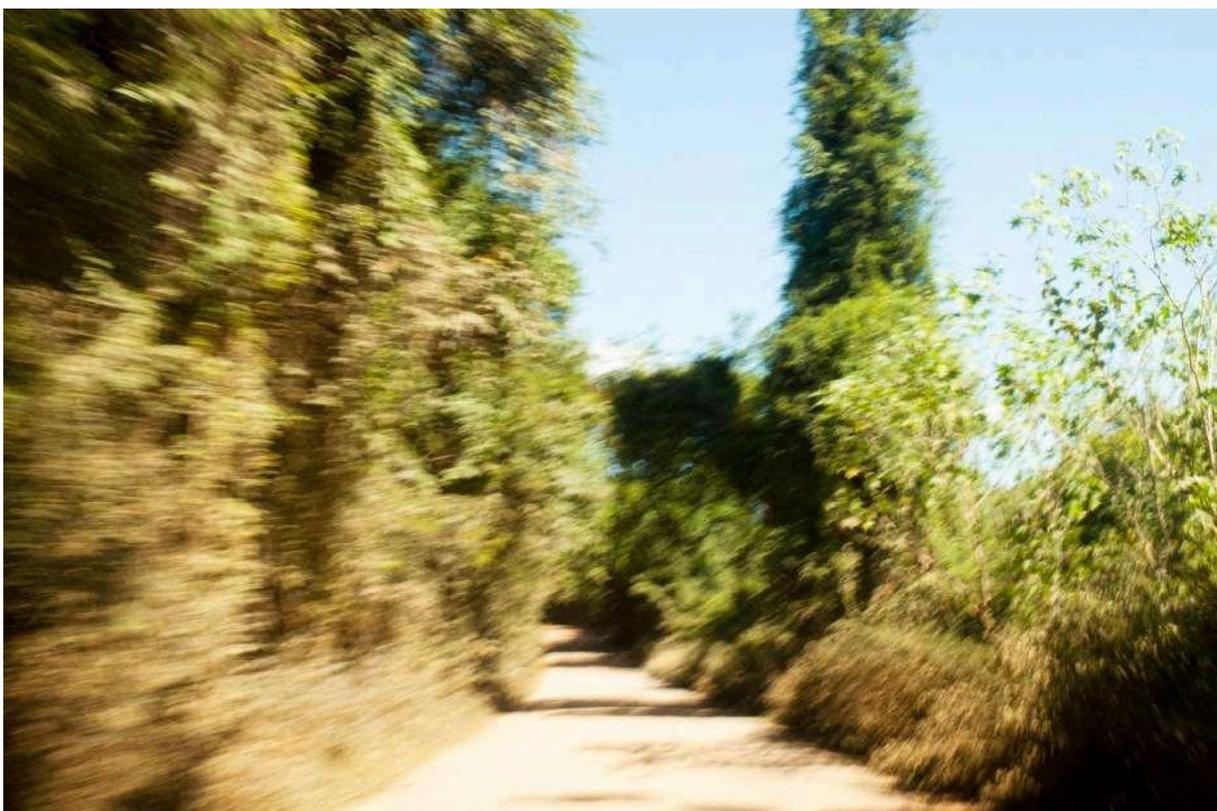
75

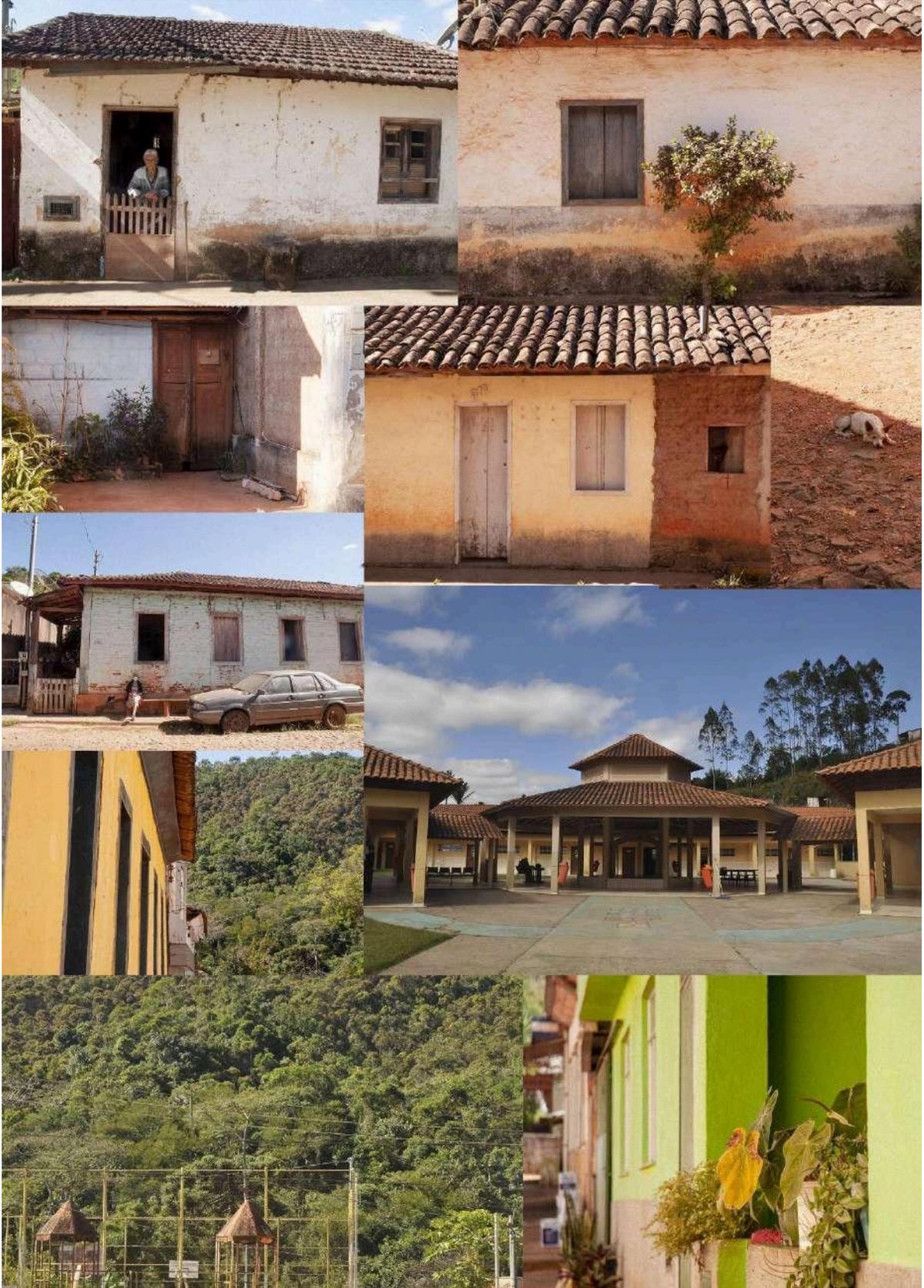
⁷⁴Pintura | Fotografia | Acervo Cartografias Afetivas, 2021 | 9º ano - E.M Prof. Helena Antipoff- Ros. de Minas

⁷⁵Colagem | Fotografia | Acervo Cartografias Afetivas, 2021 | 9º ano - E.M Prof. Helena Antipoff- Ros. de Minas

“É para fazer um mapa?”

Ouvi essa frase de uma das alunas em Rosário de Minas no início do segundo momento do exercício, a criação. Havíamos saído da sala de aula, onde havíamos feito a dinâmica do primeiro gesto (escuta) sentados em roda, e fomos para a área externa da escola, que tem um espaço muito interessante, sua planta baixa é circular, com um pátio central coberto e espaços abertos ao redor, sua arquitetura compõe uma paisagem exuberante, localizada em *área de transição, entre o inóspito e as terras férteis*. Convido a você que está lendo este texto para um breve passeio imagético por meio da fotografia neste ponto terrestre, nosso distrito Rosário de Minas:





A princípio, fiquei surpresa com o questionamento da aluna, porque a palavra “MAPA” ainda não tinha aparecido no diálogo. Por mais que estivéssemos traçando mapas mentais por meio da palavra, estávamos iniciando a segunda etapa do exercício, que seria a criação de colagens manuais que pudessem expressar algo da relação de cada um com os lugares de suas vidas, aqueles que conversamos na etapa anterior e outros. Respondi à aluna dizendo que a pergunta dela foi muito boa, porque primeiro fizemos um mapa de palavras faladas e agora nossa colagem também seria uma espécie de mapa, mas um mapa artístico, um mapa-colagem livre, feito com imagens e palavras coladas, e que esse mapa-colagem seria construído a partir de suas experiências pessoais. Tendo em vista que, para Deleuze, a criança traça mapas o tempo inteiro, percebi, pela primeira vez, como cada proposição coletiva, cada etapa dessas proposições e também os exercícios individuais de criação constituem uma cartografia dinâmica dos movimentos do desejo, que se compõe pelos mapas dos trajetos, pelas formas de explorar os meios e de traçar os mapas correspondentes, mas também pelas diferentes possibilidades na/da linguagem. Os exercícios e proposições são talvez uma maneira de, independentemente da idade, de ter a chance de experimentar um *devir-criança*⁷⁸ na experiência mesma.

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação (Deleuze, 1997 (1980), p.21).

Devo alertar novamente que as imagens aqui não são meramente ilustrativas, aparecem aqui em composição imagética na narrativa, sendo a fotografia um dos meus principais instrumentos de cartógrafa. Todas as imagens do texto, como já anunciam as notas de rodapé, compõem o acervo *Cartografias*

⁷⁸“Devir é um encontro entre duas pessoas, acontecimentos, movimentos, ideias, entidades, multiplicidades, que provoca uma terceira coisa entre ambas, algo sem passado, presente ou futuro; algo sem temporalidade cronológica, mas com geografia, com intensidade e direção próprias (Deleuze; Parnet, 1988, p.10-15). Um devir é algo “sempre contemporâneo”, criação cosmológica: um mundo que explode e a explosão de mundo. [...] O devir-criança é uma forma de encontro que marca uma linha de fuga a transitar, aberta, intensa (Kohan, 2005, p.5)”.

Afetivas. Enquanto estou no lugar de cartógrafa, meu olhar se desloca por meio da fotografia durante os encontros, é uma forma de observar, de mapear, sentir, criar e me entregar nas experiências coletivas e quando estou conhecendo novos territórios. Quando saio em derivas fotográficas, como fiz em Rosário de Minas, posso considerar que estou concebendo meus mapas dos trajetos físicos e psíquicos como obra de arte e como um tipo de meditação. Quando essas imagens se encontram com outras pessoas – seja aqui, neste texto, quando os convido a conhecer o distrito por meio dessas imagens, ou quando elas circulam de outras formas como nas redes sociais, em publicações, exposições, ou quando retornam como material de base para outros exercícios coletivos, entre outras – posso considerá-los uma ação política, de visibilização das paisagens e culturas periféricas, da mesma forma que coletivamente, quando criamos condições para que os alunos possam criar suas cartografias.

Quando utilizo a fotografia para registrar as cartas-colagem depois dos encontros, além de registrar o conjunto de mapas de cada coletividade, posso criar novas significações para estes trabalhos por meio daquilo que me afeta no encontro com a expressão artística e os afetos de cada um. Assim, essa é uma forma de avaliar os deslocamentos entre os elementos das cartas, não para analisar escolhas, motivações, precedentes ou significantes de cada aluno, mas para construir narrativas outras. Inclusive, este texto mesmo pode ser uma materialização dessa ideia, e isso também considero uma ação política.

As cartas-colagem criadas pelos alunos, também são como mapas abertos, totalmente adaptáveis às montagens de qualquer natureza. Elas podem ser criadas individualmente ou em grupo, como vemos nas duas experiências que trago como disparadoras aqui no texto. No exercício com a colagem, cada um cria suas cartas, são como mapas de seus trajetos, também entendo esse movimento como ação política, meditação, obra de arte.

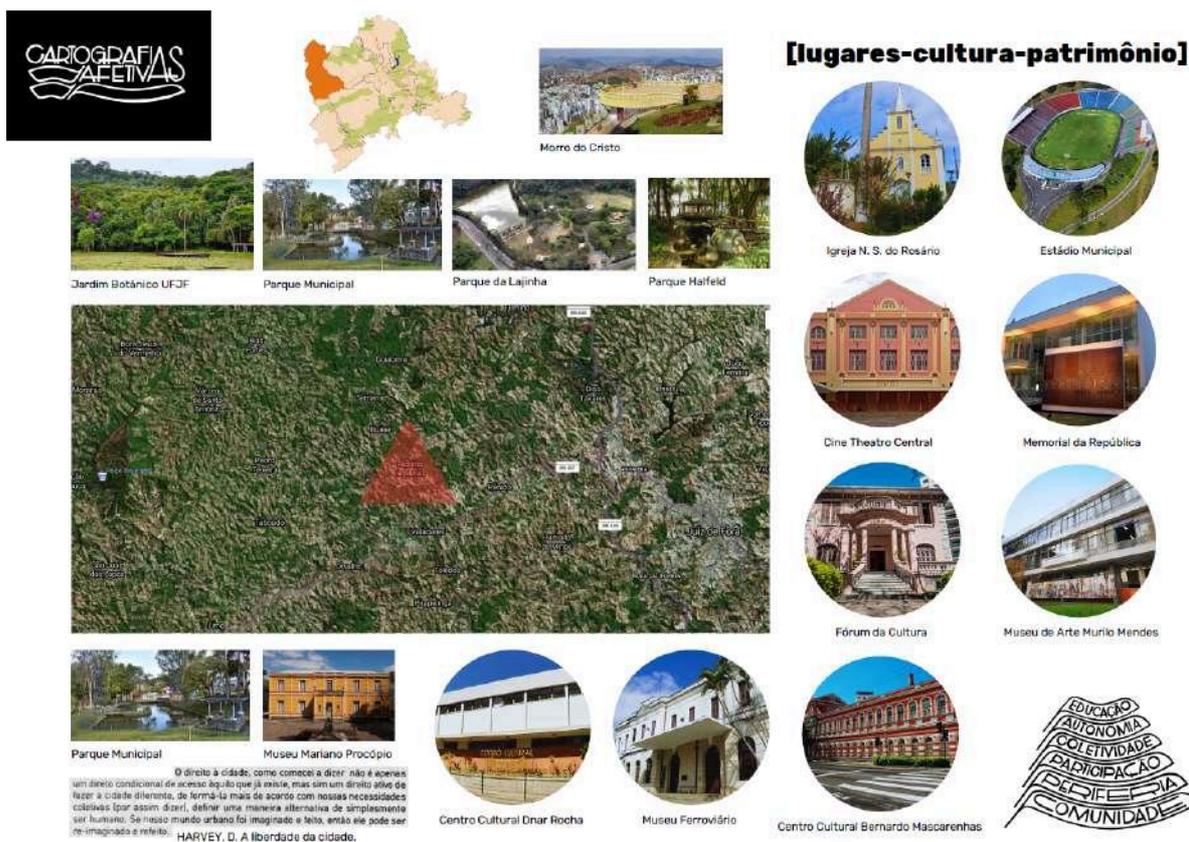
Educar os olhos não é somente fazê-los ver certas coisas, valorar certos temas e cores e formas, mas é, sobretudo, construir um pensamento sobre o que é ver; sobre o que são nossos olhos como instrumentos condutores do ato de conhecer, levando-nos mesmo a acreditar que ver é conhecer o real, é ter esse real diante de nós (Oliveira Jr., 2019, p.19)

[...] a experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à educação. Educamos para transformar o que sabemos, não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a educar é a possibilidade de que esse ato de educação, essa experiência em gestos, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos, para ser outra coisa para além do que vimos sendo (Larrosa, 2014, np).

Como vemos a cidade? Seus bairros, ruas, esquinas e vielas? Como seus olhos te conduzem quando caminha por diferentes lugares na cidade? O que seu corpo sente? A arte-educação-urbana como penso por meio desta pesquisa é uma aposta na possibilidade de educação pelos olhos, pelos sentidos, com o corpo, pela experiência coletiva, com a experiência de cada um. Em Rosário de Minas, a atividade seguiu para o movimento de criação das cartas (algumas delas estão em imagens ao longo deste texto) e, no segundo dia, realizamos uma atividade de formação a respeito de um tema que emergiu durante o movimento de escuta: os lugares de cultura e lazer da cidade e da região.



Nesse exercício, apresentamos um material gráfico com um mapa de Juiz de Fora em escala onde era possível visualizar Rosário de Minas e colocamos os espaços de cultura local e parques urbanos, alguns que apareceram na conversa inicial e outros que os alunos não conheciam, além de incluir um trecho de David Harvey sobre o Direito à Cidade no texto “A liberdade da cidade” (2009).

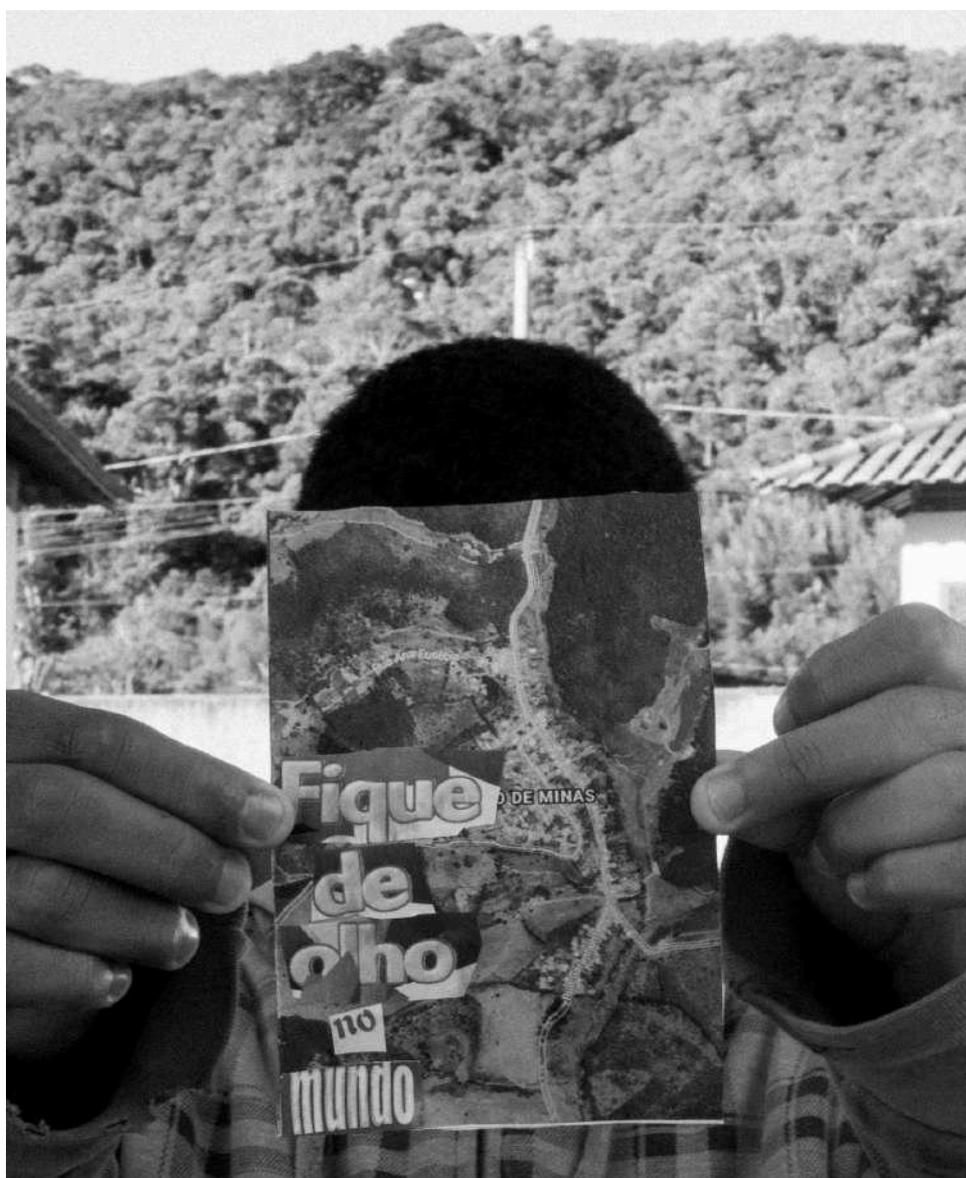


Embora o movimento de *formação* estivesse previsto, eu não sabia ainda o que seria feito. Assim, no primeiro dia da oficina, me abri para aquilo que viria dos alunos, e só então, após os movimentos de escuta e de criação, voltei para casa pensando no que poderia ser feito de um dia para o outro para que eu levasse no dia seguinte. Surpreendentemente, fomos acometidos pelas afecções da cidade e, no dia seguinte, dos mais de vinte alunos da turma, apenas dois compareceram em função de uma paralisação dos motoristas de ônibus que

⁸⁰Acervo Cartografias Afetivas | Material elaborado para a atividade em Rosário de Minas, 2023.

ocorreu naquele mesmo dia. Não tive dificuldades para chegar, pois estava de carona, nem poderíamos imaginar que grande parte dos alunos não iria.

De qualquer forma, seguimos o trabalho com os dois alunos presentes, que aparecem na imagem anterior. Além de discutir a partir do material impresso, realizamos mais um pequeno movimento criativo, uma nova colagem, desta vez, em cima do mapa de Rosário de Minas, onde os alunos selecionaram apenas palavras, depois do movimento de formação, para que pudéssemos encerrar a atividade. Deixamos o material impresso para ser entregue aos outros alunos da turma.



⁸¹ Acervo Cartografias Afetivas | Colagem produzida por aluno em Rosário de Minas, 2023.

A experiência em Rosário de Minas foi o primeiro contraponto periférico possível após a experiência do circuito nº1, no bairro Santo Antônio. Me coloquei então a pensar: como essas duas paisagens psicossociais se relacionam? Como avaliar os deslocamentos a partir dos *mapas-cartas* produzidos em cada coletividade? Como dizer essas cartografias em relação umas com as outras? Para que vocês, leitores, possam conhecer um pouco mais sobre o bairro Santo Antônio, apresentarei alguns trechos transcritos da entrevista concedida à equipe *Cartografias Afetivas* (2021) pelo historiador Antônio Carlos Lemos Ferreira, que é professor na Escola Municipal Dante Jaime Brochado e se dedicou durante anos a pesquisas através da oralidade com a comunidade local.

[...] O bairro Santo Antônio, ele tem duas áreas muito distintas: o Arraial e a Bacia. O Arraial, ele tem a ver com a parte, aquela parte de cima, à esquerda de quem sobe para o bairro, à esquerda tinham umas casinhas ali, tinham dez casinhas que pertenciam ao Chico Pinicão e ali descia uma boiada, então era um lugar perigoso de se ficar, porque essa boiada, às vezes, descia uma boiada muito brava, tinha boi bravo, a Dona Luiza conta isso. A Dona Luiza ainda mora lá. Na subida do Santo Antônio, quem está passando ali, à direita, tem uma mina... É só perguntar onde é que é a mina, todo mundo sabe, ali tem uma casinha verde, ela está verde hoje, tem umas bananeiras na frente, assim, um terreno bonito! Foi dali que surgiu o bairro Santo Antônio [...]



⁸² Casa de Dona Luíza Pinicão no bairro Santo Antônio. Fonte: google maps, 2024.

[...] Mineiramente falando... uma cidade mineira, ela acontece em torno de uma capela e de um cemitério. Todas as cidades mineradoras da região, todas as principais cidades mineiras, elas acontecem, ou em torno de um curral, que aí você tem a ver com a penetração do São Francisco pra cá, ou você tem a ver com uma capela e um cemitério. Então o arraial, aquilo que dá sentido, que dá fundação a uma cidade, é um cemitério e uma capela. E onde que estava esse cemitério e essa capela aqui nessa região? Aqui, no morro da boiada. E isso foi esquecido! [...]

[...] Até o Pedro Nava, muito lúcido, ele diz assim: "as jabuticabeiras, do lado de lá do rio são mais doces do que as de cá". Você imagina o tanto que isso é importante no imaginário dessa cidade! Então, olha só... Essa sociabilidade que acontece do lado de cá e do lado de lá, isso tem a ver com a questão, um recorte racial. [...]

[...] Juiz de Fora é terra de preto desde o início, desde o Caminho Novo. Quem abriu o Caminho Novo foram escravizados. E onde eles estavam? Onde eles ficaram? Pra onde eles foram? E o bairro Santo Antônio é isso. O bairro Santo Antônio é um bairro que inicialmente ele é preto, ele é negro, a família da Dona Marlene é uma das primeiras a ocupar aquela região ali, as primeiras casinhas, e depois a família do Sr. Chico... do... a família do Pedro Trogo vai começar a ocupar aquela região da bacia e aí começa uma sociabilidade já mais urbanística, mais branca, que vai ocupando aquela região. [...] ⁸³



84

⁸³Acervo Cartografias Afetivas, 2021 | Entrevistas com o professor Antônio Carlos Lemos Ferreira. Assista em: <https://www.youtube.com/@cartografiasafetivas9957>

⁸⁴ Idem.

De duas experiências em escolas periféricas, uma periferia urbana e uma rural, a partir dos movimentos cartográficos com os alunos e com a comunidade escolar, foi possível identificar as diferenças, composições e contradições contidas nas duas paisagens psicossociais. A mesma *periferia* que une, produz diferença, é composta por distâncias, por singularidades, por diferentes efeitos emergentes dos modos das cidades atualmente. O recorte racial, relatado pelo professor Antônio Carlos, também ocorre em Rosário de Minas, mas de forma diferente da que ocorre no Santo Antônio. Enquanto Santo Antônio tem uma ocupação densa, quase nenhum espaço verde e pouco investimento em suas potencialidades; Rosário de Minas ainda é cercado pela natureza, abundante em recursos naturais, os quais são pouco preservados e potencializados por gestores locais devido à condição periférica do território.

Além dos movimentos com as turmas do 9º ano, o contato com pessoas das duas comunidades, a entrevista realizada com o professor Antônio Carlos, com moradores do Santo Antônio e a pesquisa que realizei individualmente sobre cada território foram essenciais para o trabalho. Para o exercício das *Cartografias Afetivas* é preciso escutar constantemente os territórios. É essencial compreender o cotidiano local e suas manifestações culturais antes, durante e depois de qualquer intervenção, com os *grupos-sujeitos-da-experiência* e também para além dele. As cartografias criadas por cada grupo estão em um espaço *entre*, são como zona de passagem para os afetos, os que surgem enquanto me preparo para uma proposição, os que circulam quando me encontro com os grupos e outros que podem emergir a partir desses encontros.

Pensando nas diferenças e singularidades das cartas-colagens produzidas pelos alunos, e a partir do movimento escuta, realizado em cada um desses territórios, recentemente, desenvolvi um novo exercício para esta dissertação: construí uma cartografia dos meus afetos no movimento de observação e reflexão com as cartas-colagens dos alunos do Santo Antônio e de Rosário de Minas. Mapas de palavras, uma forma de tentar compreender o que aproxima e o que distancia essas duas realidades periféricas a partir da forma como cada carta me afetou, no encontro com as palavras e com as imagens escolhidas por cada um. Ao mesmo tempo, um exercício para não-concluir, um exercício para continuar pensando-fazendo-dizendo *Cartografias Afetivas*.



85



86

⁸⁵ Acervo Cartografias Afetivas, 2023.

⁸⁶ Acervo Cartografias Afetivas, 2023.



87



88

⁸⁷ Fotografia | Acervo Cartografias Afetivas, 2021.

⁸⁸ Fotografia | Acervo Cartografias Afetivas, 2021.

4 | [modos de dizer]

4.2 | [tipologias errantes]

[tipologias errantes] é uma série de colagens que tem sido construída desde 2020, a partir de derivas fotográficas que se iniciaram no bairro Santo Antônio. Primeiro, do terraço de casa, no período de isolamento social; posteriormente, nas ruas desse ou de outros bairros e cidades. Lugares onde mapeio elementos construtivos como: portas e portões, janelas e coberturas. Tipologia é o estudo dos tipos e signos, daquilo que marca e que se repete no ambiente construído de um determinado território. Nessa série, os elementos são deslocados e, posteriormente, condensados em composições visuais distintas. É como se as casas pudessem ser desmontadas, fragmentadas e recombinaadas, o que provoca estranhamento e, ao mesmo tempo, familiaridade por meio desses elementos que estão presentes e se repetem em diferentes contextos e paisagens urbanas. A fim de construir uma cartografia afetiva de lugares que atravessam minha experiência e aproximar experiências outras através de cada uma das colagens, quando vistas separadas e/ou em conjunto.



⁸⁹Colagens digitais da série [tipologias errantes] | Acervo Cartografias Afetivas, 2019-2024. Clique na imagem para conhecer as obras e intervenções urbanas realizadas a partir da série no site <https://cartografiasafetivas.46graus.com/>

4 | [modos de dizer]

4.3 | [fragmentos]

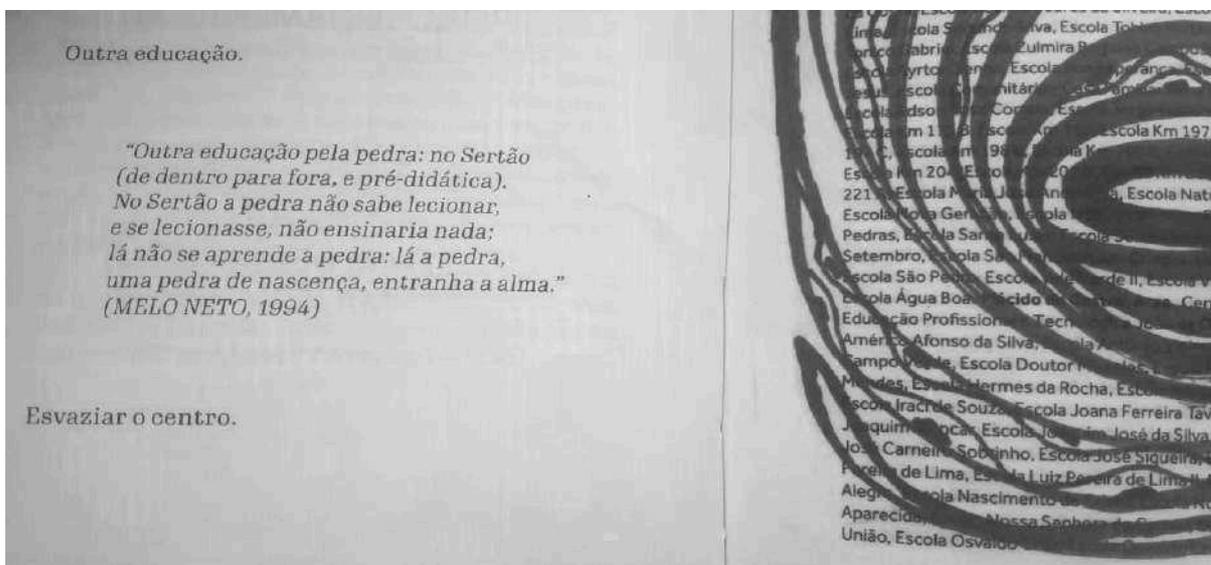
[fragmentos] reflete sobre aquilo que há de comum nas periferias urbanas, uma paisagem urbana que se constrói pela bricolagem, a partir de práticas construtivas autônomas e anônimas. Essas paisagens fragmentárias, labirínticas e rizomáticas, em constante movimento, inspiraram a criação da série de colagens digitais, onde o ponto de passagem entre imagens sugere a continuidade, as interrupções e a infinitude da cidade informal e, assim, paisagens outras são criadas.



90

⁹⁰Colagens digitais da série [fragmentos] | Acervo Cartografias Afetivas, 2019-2024. Clique na imagem para conhecer as obras e intervenções urbanas realizadas a partir da série no site <https://cartografiasafetivas.46graus.com/>

5 | Para continuar pensando-fazendo-dizendo...



91

Para expandir as reflexões desta narrativa e concluir momentaneamente o texto, me pergunto: como as *Cartografias Afetivas* podem contribuir com a educação? As proposições desta pesquisa-intervenção são um território fértil para pensar na possibilidade de um engajamento diferente em relação às problemáticas urbanas, por meio de práticas de educação que valorizam a experiência sensível, as singularidades e coletividades, o envolvimento direto com o espaço urbano pelas pessoas que nele habitam. Recentemente, fiz um exercício criativo de composição com as palavras, assim como o movimento que me levou ao termo arte-educação-urbana, perguntando-me se seria possível abrir ainda mais, ampliar as perspectivas através da linguagem e encadear novos significantes ao trabalho.

O termo pensado-montado na ocasião foi: **educ[ações]**, acionando as mesmas chaves que utilizo para identificar imagetivamente os [modos de dizer] *Cartografias Afetivas*, ao pensá-las como um modo de produzir educação. Educ[ações] são ações de educação pela arte, com a arte, na cidade, com a cidade, com as pessoas, são ações de educação que colaboram com a produção

⁹¹Fotografia de fragmento com citação de João Cabral de Melo Neto, no livro “Composto escola: comunidades de sabenças vivas”, organizado por Yuri Firmeza ... [et al.]. -São Paulo: N-1 edições, 2022.

de subjetividades por meio da construção de repertório visual e criativo, no sentido da fala, da escrita, da criação artística, da ocupação dos espaços públicos, do exercício do direito à cidade.

A criação de diferentes termos para pensar uma mesma pesquisa, ou, mais do que isso, pensar nessa perspectiva prática-ética-política de educação, é inspirada sobretudo na ética da esquizoanálise. Em composição com Anderson Santos (2022), é importante lembrar que

Guattari e Deleuze escreveram, em *Mil Platôs*, que somente empregavam palavras que funcionam como platôs, sendo Rizomática = Esquizoanálise = Estrato análise = Pragmática = Micropolítica, e podemos acrescentar = Filosofia da diferença = Filosofia das multiplicidades = Avaliação das forças = Revolução molecular. Nota-se, por conseguinte, que há inúmeras nomeações para esta perspectiva. Nada de binarismo. Nada de isto ou aquilo. Trata-se de uma pragmática-política de composições, em que pese a existência de confrontações pelo caminho (Santos, 2022, p. 91).

Imaginar *educ[ações]* é acreditar na ideia de uma educação que não é única e nem uniforme, mas que abre espaço para outras possibilidades de aprendizado, e acolhe as multiplicidades e os afetos da/na cidade para pensar nas complexidades da experiência urbana contemporânea. O professor Werther Holzer disse certa vez que “arquitetos trabalham como Dardel fala que a geografia é: em ato (Holzer, 2017, recurso online)”. Foi pensando assim que criei as *Cartografias Afetivas*. Por isso, acredito que, da mesma forma, outras *educ[ações]*, *educações em ato* podem ser produzidas para somar potências à educação escolar tradicional.

Educ[ações] são ações de educação construídas em diferentes escalas, a favor de uma educação que está sempre em movimento de experimentação. Embora seja possível pensar que os temas de educação urbana são importantes e necessários, inclusive aos currículos tradicionais; nas proposições de *Cartografias Afetivas*, a manutenção do trânsito por diferentes territórios é importante. Este trabalho não se enquadraria como algo fixo, sobretudo por seu caráter transversal. Por isso, seu objetivo é criar composições coletivas, produzir *educ[ações]* em espaços institucionais e não-institucionais, dentro e fora da

escola, na sala de aula, na quadra, na rua, no bairro, na periferia, no centro e em tantos outros lugares possíveis.

Mas como conseguir fazer estes fluxos? Tenho aprendido com as palavras germinantes de Nêgo Bispo a fazer confluência para pensar-fazer-dizer a pesquisa e suas intervenções. Essa palavra nos ensina que “um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece (Bispo dos Santos, 2023, p.15)”. Criar educ[ações] é um modo de fortalecer os rios por onde a educação escoar, dando vazão à experiência e aos afetos, de criar uma “força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida (Bispo dos Santos, 2023, p.15)”.

Repensando uma das perguntas que trouxe ao longo do texto, o que emerge de cada intervenção com as *Cartografias Afetivas* é, sobretudo, a *emergência de um dizer* a partir daquilo que as diferentes formas de experiência urbana podem provocar em cada um de nós. Que efeitos são esses? Como eles aparecem para cada um? *As jabuticabeiras de lá são realmente mais doces que as jabuticabeiras de cá?* Como seria possível transformar as cidades sem escutar aqueles que vivem na cidade? O arquiteto e urbanista Jan Gehl defende a ideia de cidades mais humanas no livro “Cidades para pessoas” (2010), referência que trago comigo pela formação em urbanismo. Entretanto, o trânsito por outros campos de conhecimento, sobretudo o campo da educação, me leva a pensar em outros aspectos: como construir cidades para as pessoas sem a participação efetiva das pessoas? Como participar da construção das cidades de forma autônoma, para além daquilo que o Estado nos apresenta como possibilidade e daquilo que se apresenta como realidade na vida urbana?

A principal contribuição desta pesquisa para educação é produzir um trabalho transdisciplinar, capaz de potencializar discussões que permeiam diversas disciplinas curriculares e estabelecem relação entre as ciências humanas, as ciências da natureza, as artes, e outras, por meio do exercício de pensar-fazer-dizer cidades, exercício esse que não acontece apenas na escola, mas circula pelos territórios. A cidade é o lugar das multiplicidades, de confrontações que podem ocorrer naturalmente e/ou artificialmente. No caso das intervenções com as *Cartografias Afetivas*, parte das confrontações são situações construídas, outra parte surge naturalmente na emergência do dizer

de cada um, dos afetos provocados pela experiência do corpo na cidade. Pensar uma pesquisa de *arte-educação-urbana* que é atravessada pela psicanálise aliada à filosofia da diferença, que traz essas duas perspectivas em sua caixa de ferramentas práticas-conceituais-éticas-estéticas, é pensar também que o tipo de produção social histórica -hegemônica-colonial-racial-patriarcal-capitalista- de nosso tempo produz efeitos que podem ser severos, da saúde mental à saúde do planeta, como temos visto nos últimos anos.

Ao criar composições com o *dispositivo analítico* construído por Freud (a psicanálise) e a *máquina de guerra* construída por Deleuze e Guattari (a esquizoanálise) para construir a perspectiva da arte-educação-urbana, aposto na possibilidade escutar as cidades, as pessoas, os territórios e tentar produzir transformações nas dinâmicas terrestres e psíquicas que acontecem na cidade. Que transformações? Para cada território, cada grupo, cada cidade, com seus desejos e demandas, possivelmente encontraremos respostas diferentes. São essas respostas, múltiplas e singulares, que busco para compor as *Cartografias Afetivas* e tentar encontrar coletivamente *linhas / de fuga para fora do império*.

No mesmo texto “Devir-esquizoanalista: por uma psicanálise menor” (2022), Anderson Santos retoma um enunciado importante e bastante conhecido do psicanalista Jacques Lacan de 1966, que está no livro “Escritos” (1998), onde declara a respeito da psicanálise “que [...] renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época (Lacan, 1998 [1966], p. 321)”. Nesse sentido, Anderson reflete junto com Lacan e traz esta ideia para o contexto atual:

[...] ou seja, que renuncie à psicanálise aqueles que não escutarem as produções das subjetividades de sua época. Dessa forma, encontramos a psicanálise ligada à política, à ética, ao social. E, assim, podemos afirmar, sem temer, que não existe psicanálise sem uma escuta de seu tempo, sem perceber que, como psicanalistas, estamos diante de um fenômeno, sintoma, que habita um espaço-tempo inseparável de um contexto histórico, econômico, político e social atravessando os processos de subjetivação (Santos, 2022, p. 99).

Cartografias Afetivas não é um trabalho referente a uma área específica, como psicanálise, urbanismo, filosofia, artes visuais, etc., mas sim *uma ideia para adiar o fim do mundo*, um trabalho *em-busca-de-devires*. Todos os campos atravessam sua construção para que algo novo possa surgir, seja em um grupo,

em um território ou em um espaço urbano. A arte é a linguagem escolhida para construir essas **educ[ações]**, componente essencial para que os afetos possam circular de forma transversal e para a construção de uma educação visual sobre a cidade.

Tanto as cidades quanto as escolas são lugares de sonhos, são espaços para experimentações vivas. Por isso, acredito na potência desta pesquisa-intervenção, não só pessoalmente, mas sobretudo quando a minha história se mistura a outras histórias e vira potência para criar novos mundos, para transfigurar realidades. É possível transformar paisagens psicossociais e urbanas a partir dos afetos que emergem de cada exercício, de cada ação, de cada movimento de criação, nas confluências que podem emergir da troca de saberes e experiências que os encontros possibilitam. Nos deparamos com uma realidade de tanta vulnerabilidade psicossocial-urbana-etc, que o desejo muitas vezes é de que tudo desaparecesse à meia noite e pudéssemos acordar em um novo mundo, como diz Ailton Krenak (2022) nesta passagem:

Quando eu falo em adiar o fim do mundo, não é a este mundo em colapso que estou me referindo. Esse tem um esquema tão violento que eu queria mais é que ele desaparecesse à meia noite de hoje e que amanhã a gente acordasse em um novo. No entanto, efetivamente, estamos atuando no sentido de uma transfiguração, desejando aquilo que Nêgo Bispo⁹² chama de confluências, e não essa exorbitante euforia da monocultura, que reúne os birutas que celebram a necropolítica sobre a vida plural dos povos do planeta. Ao contrário do que estão fazendo, confluências evoca um contexto de mundos diversos que podem se afetar (Krenak, 2022, p.40).

Já que não dá para acordar fora do colapso, o que tem sido possível em minha experiência é olhar para o passado, aprender com a ancestralidade, com o tempo circular dos povos originários onde andamos de costas em direção ao desconhecido futuro, criando ambientes favoráveis às confluências para que mundos possam se desmanchar e se reconstruir, virar outros em si mesmo, os

⁹²“Antônio Bispo dos Santos (Povoado Papagaio, Vale do Rio Berlingas, atual município de Francinópolis, Piauí, 1959). Lavrador, poeta, escritor, professor, ativista político. Militante do movimento social quilombola e de direitos pelo uso da terra, Nêgo Bispo é uma das principais vozes do pensamento das comunidades tradicionais do Brasil.” Fragmento da sessão “biografias e trajetórias” no site: <https://www.ancestralidades.org.br/>

meus mundos e outros mundos. Por que não uma educação pela experiência urbana? Uma educação com o sonho? Ambos foram essenciais para que eu pudesse imaginar confluências possíveis, práticas, filosóficas, territoriais, criativas, sociais, artísticas, entre outras, para elaborar uma metodologia própria de educação com a cidade, na cidade. Assim como defende Ailton Krenak,

O tipo de sonho a que eu me refiro é uma instituição. Uma instituição que admite sonhadores. Onde as pessoas aprendem diferentes linguagens, se apropriam de recursos para dar conta de si e do seu entorno (Krenak, 2020, p.34).

Para criar uma educação que sonha, é preciso considerar diferentes perspectivas dos *desejos-afetos*, os afetos possíveis no encontro de mundos diversos, os afetos emergentes na experiência urbana marcada pelo regime hegemônico-colonial-racial-patriarcal-capitalista e aqueles afetos que podem ser criados, produzidos, sonhados. Pensando desta forma, a pesquisa-intervenção em sua perspectiva de *máquina de pensar-fazer-dizer* cidades, é um trabalho de desmanchamento de mundos que se encontram obsoletos, fixados, separados de sua potência. Experimentar ***arte-educação-urbana*** é experimentar a possibilidade de construir um futuro a partir dos movimentos do desejo e, talvez assim, poder descobrir coletivamente outras formas de desejar o futuro. ***Cartografias Afetivas*** é reflexão, confrontação, ação, criação e transformação de mundos!



⁹³ Acervo Cartografias Afetivas, 2021.

REFERÊNCIAS

1 | CARTA ABERTA

imagéticas

Acervo Cartografias Afetivas (2019-2024)

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. (org.). Escrevivência: a escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina de Comunicação e Arte, 2020a.

2 | {modos de pensar}

2.1 | {quantos tempos (e)m um lugar? / periferia}

imagéticas

Acervo Cartografias Afetivas (2019-2024)

ROCHA, Tássia Mizael Camargo. Cartografias afetivas / Tata Rocha. Juiz de Fora: Edições Macondo, 2022. Disponível em: CARTOGRAFIAS AFETIVAS (2022) | FOTOLIVRO .pdf

bibliográficas:

Spinoza, B. (2008). Ética (2a. ed.) (T. Tadeu, Trad.). Belo Horizonte: Autêntica.

CORAZZA, Sandra Mara; REIS, Marina dos. Sonho e Educação: deslocamentos pela filosofia da diferença. Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 28, n. 2, jun. 2020. ISSN 1982-9949. Disponível em:
<<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/14013>>. Acesso em: _____.
doi:<https://doi.org/10.17058/rea.v28i2.14013>.

DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. Lugar Geopsíquico: onde a Psicanálise e a Geografia se encontram- Goiânia: C&A Alfa Comunicações, 2022.

DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. Lugar geopsíquico: contribuições da Psicanálise para uma epistemologia da Geografia. 2019. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Campinas, 2019. 172f.

FÓRUM DE LUTA PELA MORADIA DE NITERÓI E SÃO GONÇALO. Plano Popular de Mama África. Niterói, 2018. 24 f.

JACQUES, Paola Berenstein. Estética da ginga. A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 1ª edição, 2001.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. Coleção: Experiência e Sentido.

LIMULJA, Hanna. O desejo dos outros: Uma etnografia dos sonhos yanomami. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. São Paulo: N-1 edições, 2018, 80p.

MIRANDA, Sonia Regina; SIMAN, Lana Mara (Orgs.). Cidade, memória e educação. Juiz de Fora: EDUFJF, 2013.

ROLNIK, Suely. Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018. 208p.

musicais

Ando por onde sonhei / Canção de: Alice Santiago/ Laura Jannuzzi / Pablo Quaresma

de sites

Site do Núcleo de Estudos e Projetos Habitacionais e Urbanos (NEPHU)
<http://nephu.sites.uff.br/>

TRINDADE, Rafael. Espinosa - Origem e natureza dos afetos. A razão inadequada, 2016. Disponível em:
<https://razaoinadequada.com/2014/07/15/espinosa-origem-e-natureza-dos-afetos/> . Acesso em: 12 de setembro de 2023.

2.2 | { 2019-2022/ circuito nº1 }

imagéticas

Acervo Cartografias Afetivas (2019-2024)

ROCHA, Tássia Mizael Camargo. Cartografias afetivas / Tata Rocha. Juiz de Fora: Edições Macondo, 2022. Disponível em: CARTOGRAFIAS AFETIVAS (2022) | FOTOLIVRO .pdf

bibliográficas

JACQUES, Paola Berenstein. Estética da ginga. A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 1ª edição, 2001.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. Coleção: Experiência e Sentido.

LAMPERT, Letícia. (2020). Afinal, livro por quê? Revista Estado Da Arte, 1(2), 75–89. <https://doi.org/10.14393/EdA-v1-n2-2020-57999>

PARAÍSO, Marlucy Alves (2015). Um currículo entre formas e forças. Educação, 38(1), 49–58. <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2015.1.18443>

ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo. 2ª edição. Porto Alegre: Sulina; Editora UFGRS, 2016.

2.3 | {entre cartografias e afetos/ palavrar}

imagéticas

Acervo Cartografias Afetivas (2019-2024)

ROCHA, Tássia Mizael Camargo. Cartografias afetivas / Tata Rocha. Juiz de Fora: Edições Macondo, 2022. Disponível em: CARTOGRAFIAS AFETIVAS (2022) | FOTOLIVRO .pdf

bibliográficas

D'AMBROSIO, Ubiratan. Transdisciplinaridade como uma resposta à sustentabilidade. Terceiro Incluído. Goiânia, v.1, n.1, jan./jun, 2011, p. 1–13. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teri/article/download/14393/15310/112618>

JACQUES, Paola Berenstein. Estética da ginga. A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 1ª edição, 2001.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. Coleção: Experiência e Sentido.

LAMPERT, Letícia. (2020). Afinal, livro por quê?. Revista Estado Da Arte, 1(2), 75–89. <https://doi.org/10.14393/EdA-v1-n2-2020-57999>

MELO NETO, João Cabral de. Obra completa: volume único. Org. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p.345–346. Biblioteca luso-brasileira. Série brasileira

NICOLESCU, Basarab. (1999). O manifesto da transdisciplinaridade. L. P. Souza (Trad.). São Paulo: Triom. Recuperado a partir de http://www.ruipaz.pro.br/textos_pos/manifesto.pdf

OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. A educação visual dos mapas. Revista Geográfica da América Central, vol. 2, julho-dezembro, 2011, p. 1-20 Universidad Nacional Heredia, Costa Rica.

PARAÍSO, Marlucy Alves (2015). Um currículo entre formas e forças. Educação, 38(1), 49–58. <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2015.1.18443>

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

TRINDADE, Rafael. Deleuze e Guattari - Máquina de Guerra. A razão inadequada, 2021. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2021/12/16/deleuze-e-guattari-maquina-de-guerra/>. Acesso em: 14 de agosto de 2024.

ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo. 2a edição. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS, 2016.

SIMONINI, Eduardo; ROMAGNOLI, Roberta. Transversalidade e esquizoanálise. Psicologia em revista, Belo Horizonte, v. 24, nº, p. 915–929, dez. 2018. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682018000300015

3 | -modos de fazer-

3.1 | - experimental / arte-educação-urbana-

imagéticas

Acervo Cartografias Afetivas (2019–2024)

ROCHA, Tássia Mizaél Camargo. Cartografias afetivas / Tata Rocha. Juiz de Fora : Edições Macondo, 2022. Disponível em: CARTOGRAFIAS AFETIVAS (2022) | FOTOLIVRO .pdf

bibliográficas:

BROIDE, Emilia Estivalet; BROIDE, Jorge. A pesquisa psicanalítica e a criação de dispositivos clínicos para a construção de políticas públicas. Revista brasileira de psicanálise, vol.53 no.3 São Paulo jul./set. 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia (vol. 1). São Paulo: Ed. 34, 1995.

DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. Lugar Geopsíquico: onde a Psicanálise e a Geografia se encontram- Goiânia: C&A Alfa Comunicações, 2022.

GEOFFROY, Renata Mendes Guimarães; ALBERTI, Sônia. Contribuições de Jean Oury para verificar uma possível emergência do sujeito na escola. Estilos da clinica. vol.20 no.2 São Paulo ago. 2015.

GUATTARI, Félix. (2008). As esquizoanálises. Ensaios, 1(1), p.71-91.
<https://doi.org/10.22409/re.v1i1.60>

JACQUES, Paola Berenstein. Estética da ginga. A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 1ª edição, 2001.

LAURO, Rafael. Deleuze e Guattari - Rizoma. A razão inadequada, 2013.
 Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2013/09/21/deleuze-rizoma/> .
 Acesso em: 14 de agosto de 2024.

OURY, Jean. O coletivo. São Paulo: Editora Hucitec, 2009.

ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo. 2ª edição. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS, 2016.

SCARELI, Giovana e GAVA, Sabrina da Silva. Desenho infantil e produtos culturais: como aparecem as sereias?. child.philo [online]. 2016, vol.12, n.25, pp.659-686. ISSN 1984-5987. <https://doi.org/10.12957/childphilo.2016.24833>.

SANTOS, Anderson; NOVAES, Clara. Jean Oury: La Borde, coletivo, transmissão e memória. Revista Cult (site), 2024. Disponível em:
<https://revistacult.uol.com.br/home/jean-oury/>. Acesso em: 14 de agosto de 2024.

SCARELI, Giovana e GAVA, Sabrina da Silva. Desenho infantil e produtos culturais: como aparecem as sereias?. child.philo [online]. 2016, vol.12, n.25, pp.659-686.
 Disponível em:
 <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-59872016000300659&lng=es&nrm=iso>. ISSN 1984-5987.
<https://doi.org/10.12957/childphilo.2016.24833>.

SCHIAVON, João Perci. Terras Freudianas. In: SANTOS, Anderson (Org.). Psicanálise e esquizoanálise: diferença e composição. São Paulo: n-1 edições, 2022. p. 111-131.

OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. In: Revista Proposições, Campinas, V. 20, n. 3(60), p. 17-28, set./dez. 2009b

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

AGOSTINHO, Larissa Drigo. Uma revolução dentro da revolução: em busca de autonomia. In: SANTOS, Anderson (Org.). Psicanálise e esquizoanálise: diferença e composição. São Paulo: n-1 edições, 2022. p. 13-30

SANTOS, Anderson. Devir-esquizontalista: por uma psicanálise menor. In: SANTOS, Anderson (Org.). Psicanálise e esquizoanálise: diferença e composição. São Paulo: n-1 edições, 2022. p. 85-109.

4 | [modos de dizer]

4.1 | [cartas para o meu lugar]

imagéticas

Acervo Cartografias Afetivas (2019-2024)

ROCHA, Tássia Mizael Camargo. Cartografias afetivas / Tata Rocha. Juiz de Fora: Edições Macondo, 2022. Disponível em: CARTOGRAFIAS AFETIVAS (2022) | FOTOLIVRO .pdf

bibliográficas:

DELEUZE, Gilles. O que as crianças dizem. In: DELEUZE, Gilles. Crítica e clínica. São Paulo: Ed.34, 1997. p. 73-79.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia (vol. 1). São Paulo: Ed. 34, 1995.

_____; PARNET, Claire. Diálogos. São Paulo: Escuta, 1988.

KOHAN, Walter Omar. A infância da Educação: o conceito devir-criança. Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 2, nº 1, 31 de dezembro de 2005. Disponível em:

<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/2/1/a-infancia-da-educacao-o-conceito-devir-crianca> Acesso em: 22 de outubro de 2023.

DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. Lugar Geopsíquico: onde a Psicanálise e a Geografia se encontram- Goiânia: C&A Alfa Comunicações, 2022.

OLIVEIRA JR. Wenceslao Machado. A educação visual dos mapas. Revista Geográfica de América Central, Número Especial EGAL, 2011. Costa Rica. p. 1-20.

OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. Pro-Posições, Campinas, SP, v. 20, n. 3, p. 17-28, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643385>. Acesso em: 14 de agosto de 2024.

PELBART, Peter Paul. Vida Capital - ensaio de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.

ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo. 2a edição. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS, 2016.

de sites

"O livro "Carta de achamento do Brasil" é lançado em edição modernizada". Matéria do Jornal da UNICAMP. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2021/09/13/o-livro-carta-de-achamento-do-brasil-e-lancado-em-edicao-modernizada>. Acesso em: 14 de agosto de 2024

Página da editora UNICAP onde consta descrição sobre o Livro "Carta de achamento do Brasil" por Sheyla Hue. <https://loja.editoraunicamp.com.br/historia/carta-de-achamento-do-brasil-576/p>.

4.2 | [tipologias errantes]

imagéticas

Acervo Cartografias Afetivas (2019-2024)

4.3 | [fragmentos]

imagéticas

Acervo Cartografias Afetivas (2019-2024)

5 | Para continuar pensando-fazendo-dizendo...

imagéticas

Acervo Cartografias Afetivas (2019-2024)

bibliográficas:

BISPO DOS SANTOS, Antônio. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023.

LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SANTOS, Anderson. Devir-esquizoanalista: por uma psicanálise menor. In: SANTOS, Anderson (Org.). Psicanálise e esquizoanálise: diferença e composição. São Paulo: n-1 edições, 2022. p. 85-109.

HOLZER, Werther. Geografia humanista: sua trajetória e desdobramento recentes. Youtube, 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ly0QBaRR0XQ&ab_channel=Irdgunicamp. Acesso em: 17 de agosto de 2024.

KRENAK, Ailton. Futuro ancestral. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

_____. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

de sites

Fragmento de texto na seção “biografias e trajetórias” com apresentação de Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo). <https://www.ancestralidades.org.br/biografias-e-trajetorias/nego-bispo>. Acesso em: 1 de novembro de 2024.